



Migração e Mobilidade Internacional
Caso de estudo do IPLeiria

Rui Emanuel Pereira Lino

NOVEMBRO DE 2018



Migração e Mobilidade Internacional
Caso de Estudo do IPLeiria

Rui Emanuel Pereira Lino

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Marketing e Promoção
Turística

Dissertação de Mestrado realizado sob a orientação do Professor Doutor João
Paulo da Conceição Silva Jorge e coorientação do Professor Doutor Rui
Alberto de Ferreira Martins

Novembro de 2018

Migração e Mobilidade Internacional ***Caso de Estudo do IPLeiria***

©Copyright Rui Emanuel Pereira Lino / Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar
e Instituto Politécnico de Leiria

A Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar e o Instituto Politécnico de Leiria têm o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

DEDICATÓRIA

A todos os que passaram por mim.

“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”

Antoine de Saint-Exupéry

AGRADECIMENTOS

Às vezes, para ser bem-sucedido, não precisamos de mais coisas, precisamos desistir de algumas.

Aos meus pais que sempre me apoiaram em tudo o que faço e criaram a pessoa que hoje me tornei e aos meus irmãos, pelas aventuras infindáveis.

H3O team por me animarem sempre nas manhãs geladas.

Aos meus orientadores, o Professor João Paulo Jorge e o Professor Rui Martins, pela orientação, paciência, dedicação e disponibilidade que tornaram este trabalho possível.

A todos os que não pararam de me apoiar durante este longo processo.

Aos meus colegas de mestrado que, tal como eu, estão neste percurso, mas, graças à nossa união, sempre estiveram presentes. Em particular à Catarina Vitorino que me poupou horas de trabalho.

E por fim, à minha persistência.

Que nunca desistam do(e) que(m) gostam!

RESUMO

A Internacionalização e Mobilidade constituem um dos eixos do Plano Estratégico do Instituto Politécnico de Leiria para 2020. Considerando a importância e pertinência do tema, a dissertação aqui apresentada desenvolve-se em torno do conceito de migração e mobilidade estudantil. Para o efeito, primeiramente foi necessário entender as diferenças entre conceitos e a sua evolução no espaço europeu e mundial.

Desde a bibliografia típica sobre migração ao papel das universidades na sociedade e na economia do conhecimento até à globalização e às vivências individuais dos estudantes, este trabalho configura um puzzle de temas diversificados, no quadro dos referidos conceitos. Foi pela junção equilibrada das peças (os temas) que a exploração desse conceito central se tornou realizável. Fora a abordagem teórica, a pesquisa que constituiu a base desta dissertação incidiu sobre as necessidades e a avaliação dos próprios estudantes. O “palco” da investigação foi constituído pelo Instituto Politécnico de Leiria e nele atuaram todos os estudantes desta instituição.

À luz das percepções dos estudantes nacionais e internacionais, este trabalho procura fornecer uma descrição da maneira pela qual o Instituto Politécnico de Leiria parece lidar com os seus corpos estudantis cada vez mais diversificados. Os dados, cuja análise proporcionou a formulação de algumas conclusões, foram recolhidos através de uma abordagem de complementaridade entre procedimentos quantitativos e qualitativos. As múltiplas categorias de análise e a diversidade de questões abordadas facilitaram a compreensão de uma realidade que tem sido caracterizada por uma insuficiente visibilidade e interesse científico.

Os resultados sugerem que a avaliação global da experiência internacional é percebida frequentemente de forma muito positiva, tanto para estudantes móveis *incoming* como *outgoing* do IPLeia. No entanto verificam-se algumas falhas estruturais que impossibilitam garantir o sucesso académico deste grupo de alunos.

Palavras-chave: Estudantes internacionais; ensino superior; migração estudantil; mobilidade internacional; IPLeia; internacionalização.

ABSTRACT

The Internationalization and Mobility are one of the main axes of the strategic plan of the Polytechnic Institute of Leiria for 2020. Considering the importance and relevance of the theme, the dissertation presented here is developed around the concept of student migration and mobility. To this end, it was first necessary to understand the differences between concepts and their evolution in the european and world space.

Starting from the distinctive bibliography on migration to the role of universities in the society and the knowledge economy to globalization and the students' individual experiences, this paper appears as a puzzle with various themes, all framing the concept of student migration and mobility. All the themes approached (which make up the puzzle pieces) were connected in such a manner as to enable me to better explore the central concept of my paper. Apart from the theoretical approach, the research which formed the basis of this dissertation paper focused on the needs and the evaluation of the students themselves. The "stage" of the investigation was represented by the Polytechnic of Leiria and in it acted all the students of this institution.

According to the perceptions of the national and international students, this paper seeks to provide a description of the way in which the Polytechnic of Leiria seems to deal with its increasingly diverse students. The results, whose analysis enabled me to draw several conclusions, were collected by means of a complementary approach between quantitative and qualitative procedures. The multiple categories of analysis and the diversity of the questions approached enabled me to better understand the reality which has been characterized by insufficient visibility and scientific interest.

The results suggest that the overall assessment of the international experience is often perceived very positively, both for incoming and outgoing students of IPLeiria. However, there are some structural failures that make it impossible to guarantee the academic success of this group of students.

Keywords: International students; higher education; student migration; international mobility; IPLeiria; internationalization.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	1
i. Apresentação e justificação do tema	3
CAPÍTULO I – Encontros e Confrontos: Revisão da Literatura	5
1.1. Imigração Estudantil e a Mobilidade Europeia vs Migração	5
1.2. O Papel das Universidades no Mundo e na Europa do Conhecimento	12
1.3. Benefícios para a Sociedade, IES e Alunos.....	20
1.4. Programas de Mobilidade Europeia, Multiculturalidade e o Turismo	24
1.5. Fatores que Influenciam o Estudante na Escolha do Destino no Exterior	28
1.6. Integração Sócio-académica, Satisfação e Advocates.....	34
CAPÍTULO II – Internacionalização e Mobilidade no IPLeiria.....	41
2.1. Caracterização da Instituição IPLeiria.....	41
2.2. Internacionalização no IPLeiria.....	43
2.2.1. Resumo histórico da internacionalização de estudantes no IPLeiria.....	46
CAPÍTULO III – Apresentação e Discussão dos Resultados.....	53
3.1. Objetivos da Investigação	53
3.2. Investigação	53
3.3. Metodologias da Investigação	54
3.3.1. Amostra	55
3.3.2. Método.....	56
3.4. Estudantes não Móveis	56
3.4.1. Caracterização dos estudantes	57
3.4.2. Nível de interesse em programas de mobilidade	57
3.4.3. Motivos para a não realização de uma experiência de mobilidade.....	59
3.4.4. Análise qualitativa	61
3.5. Estudantes Móveis Outgoing	62
3.5.1. Caracterização dos estudantes	62
3.5.2. Caracterização do estágio/ensino	63
3.5.3. Suporte dos custos da mobilidade	64

3.5.4. Alojamento durante a mobilidade	67
3.5.5. Países visitados durante o programa de mobilidade	68
3.5.6. Avaliação global do programa de mobilidade.....	68
3.5.7 Análise qualitativa	69
3.6. Estudantes Móveis Incoming	71
3.6.1. Caracterização dos estudantes	71
3.6.2. Caracterização da Internacionalização.....	73
3.6.3. Suporte dos custos da Internacionalização.....	74
3.6.4. Alojamento durante a Internacionalização	76
3.6.5. Países visitados durante a Internacionalização.....	77
3.6.6. Avaliação global da Internacionalização	77
3.6.7. Análise qualitativa	78
CAPÍTULO IV – Conclusão.....	83
i. Recomendações.....	84
ii. Limitações do questionário	87
iii. Limitações do estudo	88
iv. Estudos futuros.....	88
BIBLIOGRAFIA.....	91
ANEXOS E APÊNDICES.....	99

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 2.1 - OFERTAS FORMATIVAS IPLEIRIA	41
ILUSTRAÇÃO 2.2 - ORGANOGRAMA DO IPLEIRIA	42

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1.1 - NÚMERO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS ENTRE 2001 E 2017.....	16
GRÁFICO 3.2 - ORIGEM DOS INQUIRIDOS POR CAMPUS	55
GRÁFICO 3.3 - GÊNERO DOS INQUIRIDOS	55
GRÁFICO 3.4 - IDADE DOS INQUIRIDOS.....	56
GRÁFICO 3.5 - ANO QUE FREQUENTA/ TERMINO DE CURSO.....	57
GRÁFICO 3.6 - O QUE MELHOR DESCREVE O LOCAL ONDE CRESCOU?	57
GRÁFICO 3.7 - GOSTARIA DE TER REALIZADO ALGUM PROGRAMA DE MOBILIDADE INTERNACIONAL (EX. ERASMUS, ESTÁGIO ERASMUS, OUTROS...)?.....	58
GRÁFICO 3.8 - AINDA TENCIONA REALIZAR ALGUM PROGRAMA DE MOBILIDADE INTERNACIONAL?	58
GRÁFICO 3.9 - NUMA ESCALA DE 1 (NADA IMPORTANTE) A 7 (MUITO IMPORTANTE), QUAIS OS MOTIVOS PARA AINDA NÃO TER REALIZADO UMA EXPERIÊNCIA DE MOBILIDADE NO EXTERIOR? .	59
GRÁFICO 3.10 - ANO QUE FREQUENTA/ TERMINO DE CURSO.....	62
GRÁFICO 3.11 - O QUE MELHOR DESCREVE O LOCAL ONDE CRESCOU?	62
GRÁFICO 3.12 - QUAL O PAÍS ONDE REALIZA OU REALIZOU ERASMUS/ PROGRAMA DE MOBILIDADE/INTERNACIONALIZAÇÃO?	63
GRÁFICO 3.13 - DURAÇÃO DA MOBILIDADE/INTERNACIONALIZAÇÃO (ESTUDOS E ESTÁGIO).....	63
GRÁFICO 3.14 - COMO OBTIVE A INFORMAÇÃO NECESSÁRIA PARA A ESCOLHA DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO E PROGRAMA DE MOBILIDADE?	64
GRÁFICO 3.15 – COMO FEZ SUPORTE DOS CUSTOS DA SUA INTERNACIONALIZAÇÃO (ENSINO)?	65
GRÁFICO 3.16 - COMO FEZ O SUPORTE DOS CUSTOS DA SUA INTERNACIONALIZAÇÃO (ESTÁGIO)?.....	65
GRÁFICO 3.17 - CONSIDERA QUE A BOLSA DE MOBILIDADE OU OUTRAS ATRIBUÍDA/AS FOI SUFICIENTE?	66
GRÁFICO 3.18 - ALOJAMENTO DURANTE O PROGRAMA DE MOBILIDADE	67
GRÁFICO 3.19 – AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO ALOJAMENTO NO ENSINO/ ESTÁGIO	67
GRÁFICO 3.20 - VIAJOU P/ PAÍSES VIZINHOS DURANTE O SEU PROGRAMA DE MOBILIDADE?.....	68
GRÁFICO 3.21 - RECOMENDARIA A AMIGOS E COLEGAS A INSTITUIÇÃO ONDE REALIZOU O PROGRAMA MOBILIDADE INTERNACIONAL?.....	68
GRÁFICO 3.22 - AVALIAÇÃO GLOBAL DA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL (ENSINO).....	69

GRÁFICO 3.23 - AVALIAÇÃO GLOBAL DA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL (ESTÁGIO)	69
GRÁFICO 3.24 - % DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS E ESTUDANTES DE MOBILIDADE NO IPLEIRIA	71
GRÁFICO 3.25 - PAÍS DE ORIGEM DOS INQUIRIDOS.....	72
GRÁFICO 3.26 - ANO QUE FREQUENTA/ TERMINO DE CURSO.....	72
GRÁFICO 3.27 - O QUE MELHOR DESCREVE O LOCAL ONDE CRESCER?	72
GRÁFICO 3.28 - REPRESENTATIVIDADE DOS ESTUDANTES ESTRANGEIROS POR ESCOLA.....	73
GRÁFICO 3.29 - DURAÇÃO DA MOBILIDADE/ INTERNACIONALIZAÇÃO	73
GRÁFICO 3.30 - COMO OBTIVE A INFORMAÇÃO NECESSÁRIA PARA A ESCOLHA DA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO E PROGRAMA DE MOBILIDADE?	74
GRÁFICO 3.31 - COMO FEZ SUPORTE DOS CUSTOS DA SUA INTERNACIONALIZAÇÃO?	74
GRÁFICO 3.32 - CONSIDERA QUE A BOLSA DE MOBILIDADE OU OUTRAS ATRIBUÍDA/AS FOI SUFICIENTE?	75
GRÁFICO 3.33 - ALOJAMENTO DURANTE O PROGRAMA INTERNACIONAL	76
GRÁFICO 3.34 - AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DO ALOJAMENTO (ALUNOS INTERNACIONAIS).....	76
GRÁFICO 3.35 - VIAJOU P/ PAÍSES VIZINHOS DURANTE A SUA INTERNACIONALIZAÇÃO?	77
GRÁFICO 3.36 - RECOMENDARIA A AMIGOS E COLEGAS A INSTITUIÇÃO ONDE REALIZOU O SEU PROGRAMA INTERNACIONAL?	77
GRÁFICO 3.37 - AVALIAÇÃO GLOBAL DA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL (ESTUDANTES INCOMING)	78

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 2.1 - VOLUME DE MOBILIDADE NO IPLEIRIA	44
QUADRO 2.2 - VOLUME DE ESTUDANTES AO ABRIGO DO EEI NO IPLEIRIA	45
QUADRO 3.1 - NO TOTAL QUANTO DESPENDEU MENSALMENTE (€) COM ALOJAMENTO, TRANSPORTES NO LOCAL, ALIMENTAÇÃO E LAZER/ OUTROS GASTOS (ESTUDANTES OUTGOING)?	66
QUADRO 3.2 - NO TOTAL QUANTO DESPENDEU MENSALMENTE (€) COM ALOJAMENTO, TRANSPORTES NO LOCAL, ALIMENTAÇÃO E LAZER/ OUTROS GASTOS (ESTUDANTES INCOMING)?	75

LISTA DE ABREVIATURAS

CTC	Concelho Técnico Científico
DGES	Direção Geral do Ensino Superior
EEl	Estatuto Estudante Internacional
ESAD.CR	Escola Superior de Artes e Design
ESECS	Escola Superior de Educação e Ciências Sociais
ESSLei	Escola Superior de Saúde
ESTG	Escola Superior de Tecnologia e Gestão
ESTM	Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar
ECTS	European Credit Transfer and Accumulation System
E.U.A.	Estados Unidos da América
GMCI	Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional
I&D	Investigação e Desenvolvimento
IES	Instituição de Ensino Superior
IPLeiria	Instituto Politécnico de Leiria
LA	Learning Agreement
OECD	(OCDE) Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (Organisation for Economic Co-operation and Development)
PALOP	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
PROALV	Programa de Aprendizagem ao Longo da Vida
SA	Serviços Académicos
SAPE	Serviço de Apoio ao Estudante
SAS	Serviços de Ação Social
TESP	Técnico Superior Profissional (curso)
UC	Unidade Curricular
UNESCO	United Nations Education Science and Culture Organization
UO	Unidade Orgânica

LISTA DE ESTRANGEIRISMOS

Advocate – Pessoa que recomenda determinada marca/serviço/produto.

Catch-up – descreve o sector do ensino superior de um país europeu, não inglês, que começou a desenvolver "estratégias globais de internacionalização".

Erasmus Buddy – Estudante que se voluntaria para ajudar na integração dos estudantes estrangeiros.

Incoming – Estudantes, funcionários docentes e não docentes provenientes de uma Instituição de Ensino Superior estrangeira.

LA – Learning Agreement – Plano de estudos para o período de mobilidade acordado entre as partes.

Outgoing – Estudantes, funcionários docentes e não docentes do Instituto Politécnico de Leiria em programa de mobilidade.

Players – Empresas ou organizações de ensino superior que atuam na sua área.

Push factor – fator impulsionador, que afastam os estudantes do país de origem.

Pull factor – fator de atracção, faz com que os estudantes se sintam atraídos por um país ou outro.

Spin-off – Novas empresas (de base tecnológica) que resultam da catividade científica e quando os promotores são colaboradores em instituições de I&D ou Universidades.

Stakeholder – uma pessoa ou grupo que tem interesse em uma empresa, negócio ou indústria, podendo ou não ter feito um investimento neles.

Start-up – uma empresa emergente que tem como objetivo desenvolver um modelo de negócio escalável, repetível, em condições de extrema incerteza, ao redor de um produto, serviço, processo ou plataforma.

Transcript of Records – Certificado oficial com avaliações do estudante na instituição de destino.

INTRODUÇÃO

A escolha do tema para a presente dissertação está relacionada com dois acontecimentos distintos na minha vida: o primeiro, em 2013, quando realizei um programa de mobilidade Erasmus em Budapeste. Parti para a aventura, dormi o primeiro dia em casa de perfeitos desconhecidos que contactei através do Facebook e mais uma semana em casa de colegas de curso, dando início a uma experiência memorável a todos os níveis. O segundo acontecimento ocorreu nesta instituição (IPLeiria), enquanto exercia funções de presidente da Associação de Estudantes da Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM), onde me deparei com inúmeros pedidos de ajuda (alguns insólitos) por parte de estudantes de mobilidade e estudantes internacionais, no sentido de encontrar casa, direções, segurança, entre outros. Tanto um acontecimento como outro serão lembrados com uma dose adicional de humor pelas peripécias vividas, porque de facto tudo acabou por correr bem. Mas estas e outras questões, que geralmente surgem fora do contexto académico, poderão fazer a diferença entre o sucesso e o insucesso académico e pessoal dos estudantes, ou mesmo pôr em causa a sua internacionalização.

De um modo generalizado por todo o mundo, as Instituições de Ensino Superior (IES) têm vindo a reforçar as suas atividades de internacionalização (IPLeiria, 2016, p. 39). Verifica-se também uma falta de acompanhamento e inserção inadequada deste tipo de estudantes por parte das instituições. Uma experiência internacional requer algum planeamento e de certa forma alguma capacidade por parte dos intervenientes de ultrapassar diversas situações complicadas ou inesperadas. No entanto, no limite dessa capacidade, ou o simples receio pode limitar a experiência internacional destes estudantes.

Ao escrever esta dissertação procurarei focar-me em algo importante, negligente e que cause externalidades. Como tal, este trabalho centrar-se-á numa questão principal: É adequado, e corresponde aos objetivos definidos, o apoio aos estudantes de mobilidade e estudantes internacionais no IPEiria (*incoming* e *outgoing*)? Apesar do bom desempenho ao nível da internacionalização, denotam-se algumas debilidades na operacionalização do processo o que representa uma falha: importante porque afeta um conjunto de pessoas; negligente quando as soluções existentes não estão a resolver eficazmente o problema; e provoca externalidades pois gera consequências negativas

que por sua vez geram mais consequências negativas. Os impactos negativos deste problema podem passar por: estigma social; isolamento; depressão/desmotivação; violência física/psicológica (xenofobia); alunos com dificuldade em arranjar alojamento; dispêndio desnecessário de recursos (humanos e financeiros); falta de orientação na cidade; medos e preconceito; menor produtividade ou mesmo provocar a desistência. Em suma alunos menos preparados para vivenciar ao máximo a sua experiência internacional com o equilíbrio entre aquilo que é o dever de estudante e o sentimento de ser um turista que ambiciona explorar e vivenciar o melhor possível um país completamente novo e cheio de cultura.

A pertinência deste trabalho, inserido no âmbito do Mestrado em Marketing e Promoção Turística, reside, claramente, no próprio lugar de análise (uma instituição de ensino superior), mas também nas questões que foram exploradas. A começar pelos benefícios do acolhimento de estudantes estrangeiros para os diversos *stakeholders*, os fatores socio-académicos de risco inerentes a uma experiência internacional e a continuar pelas políticas e práticas educativas adotadas pelas IES no que diz respeito a este grupo particular de estudantes. Baseado nos vários documentos oficiais disponíveis para consulta, mas principalmente os relatórios de atividades, aliado às narrativas dos próprios alunos iremos descobrir um pouco daquilo que tem sido a internacionalização do IPLeiria nos últimos anos, bem como a experiência multicultural dos estudantes internacionais

Num primeiro capítulo – **“Encontros e confrontos: Revisão da Literatura”** – poderão ser encontrados conceitos como migração (estudantil), mobilidade europeia, educação superior ou globalização que foram confrontados de modo a conseguir uma maior variedade de assuntos analisados. Serão ainda analisadas as motivações dos estudantes universitários para participar num programa internacional, bem como a sua integração à chegada ao destino e os benefícios resultantes. Só com base nesta variedade seria possível chegar à compreensão do complexo fenómeno que é a migração e a mobilidade estudantil no quadro internacional. No segundo capítulo – **“Internacionalização e Mobilidade no IPLeiria”** – será feita a caracterização da instituição, exposta em números, e analisada a internacionalização no Instituto Politécnico de Leiria. Tentar-se-á compreender um pouco da sua história internacional através dos diversos documentos oficiais do IPLeiria disponíveis para consulta, como os vários relatórios e planos de atividades e o plano estratégico do Politécnico de Leiria 2020.

No terceiro capítulo – **“Apresentação e discussão de dados”** – encontrar-se-á a explicação das escolhas metodológicas que proporcionaram a realização da parte empírica deste trabalho. Ver-se-á que a metodologia utilizada combinou diferentes técnicas, com a intenção de se adequar às necessidades sentidas durante o desenrolar de toda a investigação. Com a finalidade de melhor analisar e comparar os resultados, os alunos foram divididos em três grupos diferentes: estudantes não móveis, estudantes móveis *outgoing* e estudantes móveis *incoming*. Nestes três subcapítulos será feita a análise dos diferentes tipos de dados recolhidos. Os dados quantitativos, cuja recolha foi determinada por certas lacunas institucionais, resultaram numa análise concisa apoiada por elementos visuais (trinta e seis gráficos e dois quadros). No que se refere aos dados qualitativos, eles serão apresentados no fim de cada subcapítulo de modo mais detalhado, proporcionando assim uma maior valorização do discurso dos estudantes que contribuíram para o desenvolvimento deste estudo

O quarto capítulo – **“Conclusão”** – tal como o seu título o prevê, serão expostas as conclusões a que esta pesquisa permitiu chegar. Neste capítulo devolve-se à instituição que contextualizou este trabalho várias indicações, no pressuposto da sua utilidade para melhorar as suas políticas de integração, comunicação e procedimentos. E desta forma contribuir, para o melhor acolhimento dos seus estudantes estrangeiros, no sentido de uma construção positiva da imagem da instituição, da região e do país com o intuito de potenciar a internacionalização da instituição.

Seria minha vontade, que o conhecimento decorrente da abordagem feita à temática orientadora deste trabalho seja útil à instituição que o propiciou e que, da riqueza de informações obtidas, estas estimulem a criação de melhores políticas e práticas de integração, mais condizentes com um discurso institucional, no qual se aponta claramente para o caminho da internacionalização.

i. Apresentação e justificação do tema

O fenómeno da internacionalização do ensino superior está presente nas preocupações da generalidade dos países. (MADR/MEC, 2014) segundo a OECD, o número de estudantes no exterior mais do que triplicou de 1,3 milhões em 1990 para 4,5 milhões em 2013, e continua a crescer. Esta massificação do ensino superior é paralela à disseminação da globalização, ao rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e ao aumento da diversificação. (UNESCO, 2009, p. 15)

Em conformidade com o aumento mundial desta tipologia de estudantes, também as universidades portuguesas estão a experimentar um crescente fluxo de estudantes internacionais e de mobilidade. Comparando com outros grandes intervenientes no mercado global da educação internacional, a internacionalização do ensino superior só recentemente se tornou um tema relevante em Portugal (Nada & Araújo, 2018, p. 2). Este número crescente contrasta com o decréscimo generalizado dos estudantes universitários em território nacional que passaram de quase 390 mil no início do milénio para 361 943 mil em 2016/2017.

Devido a factos históricos, Portugal tem tradição em receber estudantes internacionais principalmente de países de língua portuguesa como Angola e Brasil. Recentemente, alunos de muitos outros países começaram a matricular-se no ensino superior português e, em 2015, pessoas de 161 países diferentes estudavam em Portugal (Nada & Araújo, 2017, p. 177). Estes números historicamente inigualáveis contribuem, por um lado, para a significativa diversificação cultural dos campi, para a qualidade e prestígio da formação ministrada pelas IES, por outro lado, torna-se financeiramente atraente, representando por fim desafios adicionais para as instituições de ensino superior.

Capacitar a educação global é visto como uma tendência em todo o mundo, pois as universidades do futuro provavelmente terão alunos internacionais como clientes chave (Grillo, et al., 2011, p. 3). Talvez, a partir de certa altura, esta tendência refletida na vontade desmesurada de atrair estudantes a nível global esteja a ofuscar o verdadeiro objetivo das IES em todo o mundo, remetendo o ensino superior para um caso de miopia de marketing, que acontece sempre que o foco deixa de estar nas necessidades dos clientes (neste caso os estudantes estrangeiros) e se fica apenas pelas receitas. Os problemas que os alunos estrangeiros enfrentam em Portugal podem, a longo prazo, diminuir a atratividade do país no mercado da educação internacional e consequentemente no turismo. Compreender, tanto o porquê do aumento deste fenómeno, como o processo de integração sócio académico dos estudantes, já é uma necessidade no sentido de fornecer recomendações para as IES portuguesas, relativamente às estratégias dirigidas à crescente diversidade dos seus corpos estudantis.

Apesar do aumento da pesquisa sobre estudantes internacionais, a complexidade das suas experiências de aprendizagem ainda não foi totalmente compreendida, das quais, evidências sobre estudantes internacionais em países que não falam inglês são incrivelmente raros (Nada & Araújo, 2017, p. 177).

CAPÍTULO I – Encontros e Confrontos: Revisão da Literatura

1.1. Imigração Estudantil e a Mobilidade Europeia vs Migração

“Os deslocamentos das pessoas não podem permanecer eclipsados pela rigidez dos conceitos e análises preponderantes. Necessitam ser compreendidos como processo, começo-fim de experiências, movimentos de um lugar a outro e a outros mais, espirais de desenvolvimento pessoal, familiar, económico, intelectual e social. São as pessoas (seus sonhos e desejos), enlaçadas nas redes familiares e afetivas (seus projetos, aspirações e redes), que dão forma às migrações – sobretudo às estudantis”. (Cerqueira, Rosário, Soeira, & Moraes, 2010, p. 4)

As Instituições de Ensino Superior (IES) são um setor importante que contribui altamente para o desenvolvimento de um país e sua competitividade (Jupiter, et al., 2017, p. 86). Num contexto global marcado por um aumento da mobilidade e migração, as instituições de ensino superior de todos os continentes estão a receber números sem precedentes de estudantes internacionais (Nada & Araújo, 2018, p. 1). Opinião partilhada por Nattavud Pimpa que afirma: “A globalização tem impactado no ensino superior, de tal forma, que há um fluxo crescente de estudantes através das fronteiras”. Acrescentando que o “ensino superior faz parte da crescente globalização do comércio de bens e serviços” (Pimpa, 2004, p. 352).

A abordagem que este capítulo propõe contemplará, sim, o quadro europeu, mas fá-lo-á com enfoque mais genérico sob duas formas de (i)migração que no meio académico são muito semelhantes em diversos aspetos, especialmente quando se trata do acolhimento e das condições oferecidas aos alunos nos países e instituições de ensino superior que os recebem. Estamos, portanto, a falar da mobilidade estudantil¹ (incluindo a Europeia) e da (i)migração estudantil². Esta última “sendo muito recente, enquanto fenómeno tendencialmente de massas, trata-se de uma (i)migração ainda muito pouco estudada: a (i)migração estudantil.” (Nadă, 2012, p. 8) O Mesmo autor, considera que não é possível dissociar a (i)migração estudantil das migrações regulares

¹ Mobilidade estudantil: realizada por estudantes pertencentes a algum tipo de programa de mobilidade curto que têm um vínculo institucional no seu país de origem. (ex. programa Erasmus; Double Degree RETHINKe; programa Vasco da Gama, Programa Almeida Garrett);

² (i)migração estudantil: realizada por estudantes internacionais em cursos conferentes de grau diretamente inscritos nas instituições nacionais (incluindo os estudantes europeus, nesta situação, ex. Alunos ao abrigo do Estatuto do Estudante Internacional (EEI).

e denota uma lacuna nas pesquisas específicas para esta tipologia, considerando que a (i)migração estudantil ainda é vista como exclusiva das elites:

“Falar nos estudantes estrangeiros sem antes compreender as questões ligadas à (i)migração pode parecer fora do lugar. E é. Mas, mesmo que o seja, a revisão da bibliografia sobre (i)migração está longe de ser suficiente para poder tratar a questão dos estudantes estrangeiros. As mais típicas e reconhecidas teorias sobre migração descrevem este fenómeno numa maneira que simplesmente não inclui os estudantes estrangeiros. Isto é, o (i)migrante é geralmente julgado pelas razões que o levaram a migrar. Na maioria das vezes, encontramos as origens destas razões numa certa insuficiência financeira.” (Nadã, 2012, p. 15)

O mundo testemunha uma era de mobilidade humana sem precedentes, se observarmos a migração ao nível mundial, os migrantes internacionais³ aumentaram de 154 milhões em 1990 para 175 milhões em 2000 e para 232 milhões em 2013 (UNDESA, 2013). Conforme o *World Migration Report 2018* da Organização Mundial para a Migração (IOM, 2018) a estimativa global atual é de que existiria cerca de 244 milhões de migrantes internacionais no mundo em 2015, o que equivale a 3,3% do total da população global. A mesma organização conclui que se os migrantes formassem um país, ele seria o quinto país mais populoso do mundo. Ou, por outras palavras, a nível mundial, em cada 30 pessoas uma é migrante! No entanto, dá-se pouca importância à forma como a migração e a educação interagem para influenciar a mobilidade social e económica.

A par das migrações comuns os estudantes de ensino superior a nível mundial não são exceção e apresentam números cada vez maiores. Em pouco mais de uma década, o número de alunos que participam do ensino superior aumentou em cerca de 50%. Cerca de 144 milhões de estudantes estavam matriculados no ensino superior em 2006, 51 milhões a mais do que em 1999 (UNESCO, 2009) Este aumento justifica-se a par da demografia, bem como a um número crescente de alunos que concluem o ensino médio e desejam continuar a sua educação. A situação repete-se ao falar de estudos no exterior, segundo a OECD⁴, o número de estudantes no exterior mais do que triplicou de 1,3 milhões em 1990 para 4,5 milhões em 2013.

³ Os “migrantes internacionais” refere-se ao total mundial da população migrante que inclui, evidentemente, os estudantes migrantes.

⁴ OECD. Education Indicators in Focus, consultado em 01 de maio de 2018: [https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/EDIF%202013--N%C2%B014%20\(eng\)-Final.pdf](https://www.oecd.org/education/skills-beyond-school/EDIF%202013--N%C2%B014%20(eng)-Final.pdf)

O mesmo entendimento sobre a temática tem Grillo et al. (2011), que prevê que em 2020, se o crescimento continuar a seguir as mesmas tendências, o número total de estudantes internacionais seja de 6 milhões. Ao relacionar os 232 milhões de migrantes com os 4.5 milhões de migrantes estudantes em 2013, observa-se que a população migrante estudantil não chega a 2% do total da população migrante. (Grillo, et al., 2011, p. 9) Talvez seja por isso que os estudos na área da migração, ou ignoram completamente o estudante internacional, ou apenas o mencionam.

Considerando o universo social que tem sido o da imigração/emigração, a (i)migração estudantil trata-se de certo modo, ainda, de uma (i)migração vista como de elites (Nadă, 2012, p. 15), especialmente a europeia. Nestes casos a insuficiência financeira torna-se uma causa menos provável para a migração, ainda que possível e existente. Segundo King e Ruiz-Gelices, “a literatura acadêmica padrão sobre migração praticamente não dá atenção aos estudantes como migrantes: uma situação irônica, dado que acadêmicos de migração encontram estudantes diariamente” (King & Ruiz-Gelices, 2003, p. 230). Se falarmos de migração estudantil num contexto europeu, a escassez bibliográfica torna-se ainda maior. King e Ruiz-Gelices concluem: “Atenção nenhuma é dada à migração estudantil como processo sociocultural, nem aos padrões da migração estudantil dentro da Europa” (2003, p. 230). Por outro lado, os efeitos do aumento no número de estudantes internacionais têm sido amplamente documentados em países que estão bem estabelecidos em termos de educação internacional, como EUA (Lee & Rice, 2007), Reino Unido (Montgomery & McDowell, 2009) e Austrália (Volet & Ang, 2012). No entanto, a pesquisa sobre estudantes internacionais em países menores que não falam inglês é bastante limitada (algumas exceções: (Urbanovič, Wilkins, & Huisman, 2016); (Nada & Araújo, 2017); (Nada, Montgomery, & Araújo, 2018); (Nada & Araújo, 2018); (Song, 2013).

Um outro estudo realizado pela OECD (2013) concluiu que em 2011, os países da OECD receberam cerca de 77% de todos os alunos matriculados a estudar fora do seu país de origem. Os cinco principais destinos (dentro da OECD) para estudos superiores no exterior receberam quase metade de todos os estudantes estrangeiros: os Estados Unidos, com 17% de todos os estudantes estrangeiros em todo o mundo, seguidos do Reino Unido (13%), Austrália (6%), Alemanha (6%) e França (6%). De acordo com esta agência, o menor número de estudantes que estudam no exterior vem dos EUA, França e Grã-Bretanha, sendo que os estudantes da Áustria, Suíça, Luxemburgo, Irlanda, Noruega e Grécia representam o maior número. Não obstante, a mesma publicação

alerta para o surgimento de novos *players* no mercado da educação internacional nos últimos anos, dando conta de no ano de 2011 um número significativo de estudantes estrangeiros que foram matriculados no Canadá (5%), no Japão (4%), na Federação Russa (4%) e na Espanha (2%). Não tendo sido feita qualquer referência a Portugal, talvez porque em comparação com outros grandes intervenientes no mercado global de educação internacional, a internacionalização do ensino superior só recentemente se tornou um tema relevante em Portugal (Nada & Araújo, 2018, p. 2). Também Sánchez, Fornerino, & Zhang (2006, p. 28) dá conta de esforços significativos por parte de Universidades e IES em países industrializados e economicamente emergentes para aumentar o envolvimento de estudantes e docentes em programas de estudo no exterior.

Numa perspetiva europeia Isabel Leite resume a mobilidade de forma mais genérica: “A integração europeia tem estado, desde o início, associada ao conceito de mobilidade. Nos seus diferentes contextos, como a circulação de trabalhadores, estudantes, reformados ou, numa interpretação mais recente, dos cidadãos em geral, o percurso supranacional nem sempre é acompanhado pela vontade política dos atores intervenientes - os Estados Membros. E destes depende a plena realização de uma Europa coesa e com capacidade de intervenção num mundo global” (Leite, 2007, p. 10) A mesma autora dava conta de que o número de estudantes que beneficiaram do programa Erasmus no decorrer do ano de 2006 era insuficiente, sendo que representava menos de 1% da população estudantil da União Europeia (150.000 alunos). Apresentando o fator económico como condição, pois a liberdade de circulação e consequente residência eram limitadas em função dos recursos económicos de cada um, tal como se continua a observar de certa forma nos dias de hoje. No mesmo artigo sublinha que obstáculos ao nível da proteção social, fiscalidade e reconhecimento dos períodos de estudos, diplomas e habilitações continuam a impedir um maior acesso à mobilidade na área da educação (Leite, 2007, p. 15).

Devido a fatos históricos, Portugal tem tradição de receber estudantes internacionais principalmente de países de língua Portuguesa como Angola e Brasil. Recentemente, muitos estudantes de outros países começaram a matricular-se no ensino superior português e, em 2015, pessoas de 161 países diferentes estudavam em Portugal. (Nada & Araújo, 2017, p. 177) A massificação do ensino superior é paralela à disseminação da globalização, ao rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e ao aumento da diversificação. (UNESCO, 2009, p. 15) No caso particular do IPLeia é

interessante verificar que desde outubro de 2004 com o projeto “Campus Virtual” que o IPLeiria disponibiliza o acesso wireless a toda a sua Comunidade Académica, permitindo assim total “mobilidade” dos seus utilizadores nas áreas cobertas (IPLeiria, 2007, p. 74). Registando no ano letivo 2006/2007 apenas 68 entradas de alunos em mobilidade, na sua grande maioria associadas ao antigo programa Sócrates/Erasmus (IPLeiria, 2007, p. 67). Número que viria a crescer de forma consistente nos anos seguintes, e no ano letivo de 2016/2017, estavam inscritos no Politécnico de Leiria 1.019 estudantes estrangeiros (incluindo estudantes em mobilidade e estudantes internacionais). O que representa um aumento cerca de 1300% em 10 anos face ao ano de 2006/2007 que apenas foram registradas 68 entradas de alunos em mobilidade e nenhuma entrada de alunos internacionais (IPLeiria, 2017, p. 23).

Como ponto de partida será muito importante distinguir entre migração e mobilidade (aplicada ao contexto estudantil) sendo imprescindível primeiramente clarificar os conceitos e as suas definições. A revisão da literatura da especialidade coloca algumas questões fundamentais, quer a nível conceptual, quer a nível de designações. No que diz respeito à mobilidade, considera-a um tipo de (i)migração, assim sendo, qualquer estudante ao abrigo de qualquer tipo de programa de mobilidade é um “estudante (i)migrante”. No entanto, o sentido de estudante migrante para muitos autores é o estudante estrangeiro inscrito em algum curso conferente de grau, aparecendo muitas vezes também designado de estudante estrangeiro ou estudante internacional. Em Portugal e em particular no IPLeiria, ao ler os vários relatórios de atividades disponíveis para consulta, podemos observar mudanças significativas dos conceitos que são moldadas a par e passo, conforme as diretrizes Nacionais.

No relatório de atividades 2006 do IPLeiria nunca aparece mencionado o estudante internacional ou o estudante estrangeiro, nem tão pouco o estudante europeu, registando nesse ano apenas entradas de alunos em mobilidade, sendo que a palavra “estudante” seguido de “internacional” viria a surgir anos mais tarde e por duas vezes no relatório de atividades de 2009 dando conta que: “o Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional elaborou o “Guia do Estudante Internacional”. Ainda assim apenas no decorrer dos anos letivos 2013/2014 e 2014/2015 sob o ano temático: “IPL (+) Global” é mencionado pela primeira vez o *estudante internacional* como sendo uma tipologia de aluno. O facto desta definição tardia pode ser explicado no mesmo relatório que dá conta da publicação do Estatuto do Estudante Internacional (EEI): “O recrutamento deste tipo de estudantes (estrangeiros) será uma das atividades de maior

relevo, tirando partido do Estatuto do Estudante Internacional”. O EEI foi publicado em Diário da República, em março de 2014, e estabelece as regras para a captação de estudantes estrangeiros, criando um regime especial de acesso para licenciaturas e mestrados integrados em todas as instituições de ensino superior portuguesas, públicas e privadas, com exceção da Universidade Aberta e das escolas de ensino superior militar e policial. Neste estatuto não estão incluídos os estudantes internacionais oriundos dos Estados-membros europeus, nem os estudantes de programas de mobilidade curtos, como o Erasmus. Mais uma vez provada a existência de uma alteração de conceitos transcendente às próprias instituições de ensino superior.

No mesmo ano, 2014, ao nível do regulamento interno, foi regulamentado o Estatuto do Estudante Internacional do IPEiria (Despacho n.º 5546/2014, publicado na 2.ª série do Diário da República n.º 78, de 22 de abril.) Ainda no relatório de atividades de 2014 podemos observar a menção do relatório: *Uma Estratégia para a Internacionalização do Ensino Superior Português*. Este relatório, apresentado em setembro de 2014, propunha na altura uma estratégia global de internacionalização do ensino superior português e enumerava um conjunto de 40 recomendações – nas áreas da cooperação institucional, da mobilidade, da promoção e da governança – que pretendia inspirar um plano de ação por parte das IES (IPEiria, 2015, p. 11).

Nielsen (2010) define a migração como um movimento físico (espacial) feito por pessoas de uma certa área, região ou país para uma diferente área, região ou país. O mesmo autor lembra que a migração pode ser temporária ou permanente. Não constituindo um ponto de interesse para a presente pesquisa, a migração interna não será desenvolvida, dando lugar a um melhor tratamento da migração de um país para outro, conscientes, no entanto, que a migração interna poderá beneficiar de algumas propostas desenvolvidas a diante nesta dissertação. “Neste quadro, confirma-se que é possível afirmar que o estudante que migra é um estudante migrante. Ao sair do país de origem este estudante seria um estudante emigrante enquanto ao entrar no país de acolhimento este estudante seria um estudante imigrante.” (Nadã, 2012, p. 17). Conforme García (citado por Nadã (2012, p. 17) “de facto, a condição de estudante estrangeiro apresenta-se associada ao fenómeno de imigração/emigração. É uma migração temporária, com um fim determinado: aquele de adquirir um certo conhecimento num país diferente do seu”.

Estatisticamente, os países também definem e consideram os alunos de diferentes maneiras (Sidhu citado por Nadã (2017, p. 18). Os dois principais destinos globais para

estudantes internacionais, os Estados Unidos da América e o Reino Unido (UNESCO, 2009), têm concepções diferentes em relação ao status de (i)migrantes dos seus estudantes internacionais. Nos EUA, os estudantes internacionais solicitam um visto F-1 ou J-1, que pertence à categoria de não-imigrante (McGill citado por Nadã, (2017, p. 18), enquanto no Reino Unido, os estudantes internacionais são considerados imigrantes desde que não venham de um país da UE (Consterdine & Everton citado por Nadã, (2017, p. 18).

O mesmo autor afirma que ao nível europeu “se forem seguidos à letra os valores da cidadania europeia, não se falaria nem de estudantes estrangeiros, nem de estudantes internacionais, mas apenas, de estudantes europeus.” (Nadã C. , 2012, p. 28) Apresentando fatos de que esta definição não é a mais utilizada pelas instituições de ensino superior em Portugal e no resto do mundo, que por norma continuam a incluir estes estudantes na categoria “estrangeiros” ou “estudante internacional” à semelhança do registrado em todos os Relatórios de Atividades do IPL disponíveis para consulta, onde as palavras “estudante” e “europeu” nunca aparecem articuladas.

Considera-se, portanto, que a designação de estudante europeu é aquela que melhor descreve a população oriunda de países da União Europeia, estudante num país diferente do seu, dentro da União Europeia. (Nadã, 2012, p. 28) Em Portugal, apenas os alunos provenientes de países externos à EU (incluindo os da: Noruega, Islândia, Liechtenstein e Suíça) são considerados estudantes internacionais (Comissão Europeia, 2012, p. 126), e precisam obter um visto nos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).

Tanto o conceito de *estudante Internacional*, como o *estudante de mobilidade* não deixará de estar inserido no âmbito da migração, no entanto é importante fazer a distinção entre ambos. Ambos são migrantes e ambos são estudantes estrangeiros, podendo um e outro ser chamados de estudantes internacionais, no sentido mais genérico da expressão. No entanto, os estudantes em mobilidade — que têm um vínculo institucional no seu país de origem e vêm para Portugal por períodos determinados, como os de Erasmus — têm características distintas dos estudantes migrantes, que estão inscritos diretamente nas instituições nacionais e fazem lá toda a sua formação.

Para fazer a distinção no decorrer do trabalho, falar-se-á então de *estudante internacional* ao referir os estudantes em cursos conferentes de grau diretamente inscritos nas instituições nacionais (incluindo os estudantes europeus) e *estudante de*

mobilidade para referir os estudantes pertencentes a algum tipo de programas de mobilidade curtos que têm um vínculo institucional no seu país de origem. A definição “*estudante europeu*” embora sendo a mais correta e que melhor descreve a população estudantil oriunda de países da União Europeia (Nadă, 2012, p. 28), será menos utilizada devido à sua parca empregabilidade num contexto geral pelos vários *stakeholders*. Ao longo do texto poderá ainda surgir a palavra “mobilidade” ou expressões como: “mobilidade dos estudantes”, “mobilidade estudantil”, “mobilidade no estrangeiro” e ainda “mobilidade internacional”. Contudo o seu contexto será no sentido de movimento físico (espacial) e não associado especificamente a programas de mobilidade no ensino superior.

1.2. O Papel das Universidades no Mundo e na Europa do Conhecimento

Miopia em marketing é um termo cunhado por Theodore Levitt (1960), no seu livro é salientado que a visão curta e as falhas administrativas das empresas impedem-nas de definir adequadamente as suas possibilidades de mercado. Ele fala-nos do conhecido exemplo das ferrovias nos Estados Unidos que pararam de se desenvolver, não porque houve um decréscimo na necessidade de transporte de passageiros e cargas, pelo contrário, essa necessidade aumentou, sofreram dificuldades porque se consideraram empresas ferroviárias em vez de companhias de transporte. Preocuparam-se “com o produto em vez de se preocuparem com as necessidades do cliente”, o mesmo acontece com algumas empresas petrolíferas que aparentemente se esqueceram que o negócio delas não é necessariamente o petróleo, mas a energia ou o combustível. Nos dias de hoje temos de olhar atentamente para a questão das instituições educacionais: será que o foco é efetivamente o ensino, a educação? Ou será que as instituições de ensino superior fazem parte da sociedade do conhecimento?

Em primeiro lugar, há uma mudança na natureza do produto - o conhecimento - que as universidades deveriam produzir, até mesmo preservar, e passar para as gerações futuras (Grillo, et al., 2011, p. 3). É com foco no conhecimento que se abre um espectro de possibilidades de sucesso para as IES não só porque também são organizações, mas pelo seu papel na sociedade e na economia do conhecimento. Mas quais as condições necessárias para assegurar que estas possam desempenhar esse papel com eficácia? “O crescimento da sociedade do conhecimento depende da produção de

novos conhecimentos, da sua transmissão através da educação e da formação, da sua divulgação pelas tecnologias da informação e comunicação e da sua utilização em novos serviços ou processos”, por exemplo “industriais.” As universidades têm assim, o facto singular de participarem em todos estes processos, devido ao papel fundamental que desempenham em três domínios particulares (Comissão das Comunidades Europeias, 2003, p. 2):

- A educação e a formação, designadamente a formação dos investigadores;
- A investigação e a exploração dos seus resultados, graças à cooperação industrial e às novas organizações empresariais nascidas da investigação (spin-offs);
- O desenvolvimento regional e local, para o qual podem assegurar um contributo importante.

Em relação à educação e formação, cabe às IES formar os futuros profissionais e cidadãos por intermédio da incorporação das novas tecnologias como recursos para a aprendizagem e não apenas para o ensino. Os futuros cidadãos que terão de velar pelos direitos humanos e os futuros profissionais que terão a seu cargo o bem comum num mundo globalizado. Por outro lado a produção, transmissão e aplicação do conhecimento são fundamentais para a sua missão, as IES em geral representam um elemento formativo da globalização, e são influenciadas também pelas forças da globalização (Matsuura citado por Ganilho,(2009, p. 67)). Importante não esquecer a formação dos próprios professores e o surgimento de diferentes métodos de aprendizagem que devem proporcionar o desenvolvimento das capacidades dos docentes e discentes para atuar neste novo contexto de educação. Com efeito, as universidades operam num ambiente globalizado e em constante evolução, marcado por uma concorrência crescente para atrair e manter os melhores talentos e pela emergência de novas necessidades, às quais têm obrigação de dar resposta (Comissão das Comunidades Europeias, 2003, p. 4).

De acordo com previsões de especialistas, o século XXI será o século da ciência e da tecnologia, onde as atividades de investigação e desenvolvimento tecnológico apresentam um futuro mais promissor. Todavia, na Europa, continente do qual Portugal faz parte, é preocupante a situação em que se encontra a investigação (Comissão das Comunidades Europeias citado por Ganilho, (2009)). Sem uma ação concertada para corrigir esta situação, corre-se o risco de as tendências atuais conduzirem a uma perda

de crescimento e competitividade no contexto da economia global. O desfasamento relativamente às outras potências tecnológicas, (por exemplo os E.U.A. e o Japão) irá acentuar-se ainda mais. A Europa poderá não conseguir fazer a transição para a economia do conhecimento que se perspetivou na Estratégia de Lisboa em 2000, a qual foi objeto de reanálises posteriores, que descobriram uma Europa longe de atingir o potencial de transformação proporcionado pela Estratégia de Lisboa. Embora nem o diagnóstico nem as soluções sejam contestados, a verdade é que os progressos efetuados não foram suficientes como é referido na Comunicação ao Conselho Europeu da Primavera (2005) (Comissão das Comunidades Europeias, citado por Ganilho, (2009, p. 67).

Porque se situam no ponto de intersecção da investigação, da educação e da inovação, as universidades detêm, sob vários pontos de vista, a chave da economia e da sociedade do conhecimento. As universidades empregam, com efeito, 34% do total de investigadores na Europa, embora os números nacionais variem quase do simples ao triplo entre os Estados-Membros (26% na Alemanha, 55% na Espanha e mais de 70% na Grécia). As universidades são também responsáveis por 80% da investigação fundamental realizada na Europa (Comissão das Comunidades Europeias, 2003, p. 2). Os projetos de Investigação e Desenvolvimento (I&D) desenvolvidos pelos docentes e investigadores das Universidades e IES, nos laboratórios, centros de investigação e institutos de interface podem conduzir à criação de novas empresas cujo objetivo é a exploração dos resultados desses projetos. Essas novas empresas (de base tecnológica) designam-se por «*Spin-offs*» quando resultam da catividade científica e quando os promotores são colaboradores em instituições de I&D ou Universidades (FEUP citado por Ganilho, (2009, p. 67).

No mesmo documento a Comissão das Comunidades Europeias (2003), refere que atualmente as universidades europeias não são competitivas em relação às dos parceiros a nível mundial, mas que ainda assim produzem publicações científicas de grande qualidade. O documento chama a atenção para diversos domínios, e apresenta algumas interrogações às quais considera necessário uma reflexão e uma atuação adequada, entre as quais:

- Como assegurar receitas adequadas e sustentáveis para as universidades e garantir que as verbas sejam utilizadas com a máxima eficácia?

- Como garantir a autonomia e o profissionalismo tanto no âmbito da gestão como no domínio académico?
- Como concentrar recursos suficientes na excelência e criar condições que permitam às universidades atingir e desenvolver níveis de excelência?
- Como estabelecer uma cooperação mais estreita entre universidades e empresas, a fim de garantir uma melhor divulgação e exploração dos novos conhecimentos na economia e na sociedade em geral?
- Como promover, em todos estes domínios, o espaço europeu de ensino superior coerente, compatível e competitivo preconizado na Declaração de Bolonha, bem como o espaço europeu de investigação estabelecido como objetivo para a União no Conselho Europeu de Lisboa?

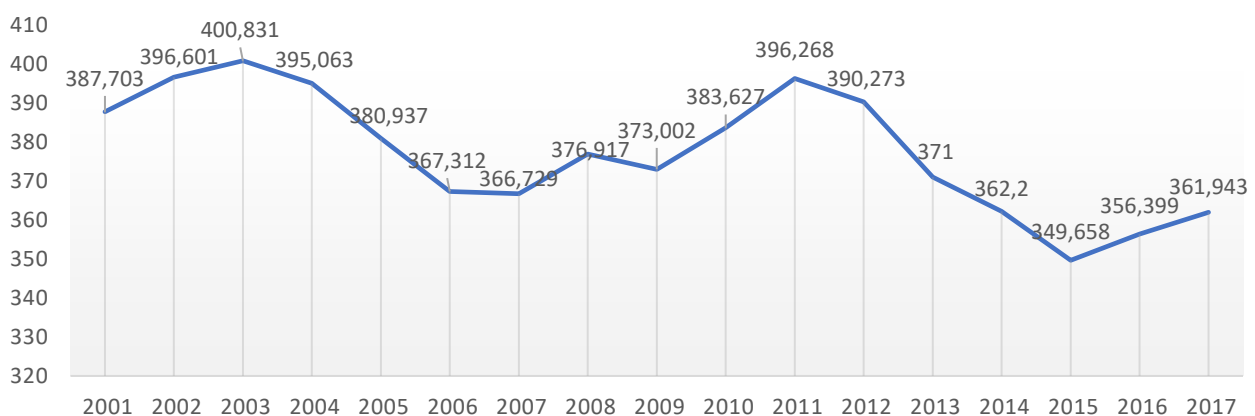
São estas algumas perguntas que revelam as principais fragilidades do sistema das universidades em todo o mundo, em particular na Europa, as IES atualmente são confrontadas com o imperativo de se adaptarem a uma série de profundas mutações (Comissão das Comunidades Europeias, 2003, p. 6) e Portugal logicamente não é exceção, uma dessas mutações, com particular interesse para o estudo em análise é a internacionalização da educação e da investigação. A sensação generalizada de competição desenfreada entre continentes, países e universidades para assumir a dianteira da atratividade no sentido de acolher o maior número de alunos e reter os melhores profissionais parece não ter fim. Embora com aspetos positivos originados pela natural “competição saudável” há também aspetos negativos a referir relacionados com falhas estruturais colocando em causa o sucesso académico e a integração dos alunos que procuram conhecimento. Estas falhas têm repercussões tão graves que podem por em causa toda a estratégia europeia de internacionalização 'em vigor' (*European University Association* 2013) originando o efeito contrário ao pretendido. Coloca-se então a hipótese de estarmos perante um caso de miopia de marketing.

De Wit (2002) identificou que as universidades e os sistemas académicos de todo o mundo procuram tornar-se atraentes para os estudantes internacionais e construir vínculos com universidades de outros países, para aumentar seu alcance global. Uma tendência que contribui, por um lado, para a qualidade e prestígio da formação ministrada pelas instituições, por outro torna-se financeiramente atraente. King e Ruiz-Gelices (2003, p. 231) referem que “para os países que são líderes da economia mundial, a educação de estudantes estrangeiros tornou-se numa enorme indústria global de serviços”. No entanto esta indústria deixou de ser exclusiva dos grandes

líderes da economia internacional, capacitar a educação global também é vista como uma tendência para muitos países em desenvolvimento. Embora a maioria dos estudantes internacionais se matricule em universidades de países de língua inglesa⁵, muitos estão a ficar cada vez mais interessados em destinos não tradicionais⁶, considerando que os aspetos contextuais e históricos tornam cada país único e podem impactar o recrutamento e a hospedagem de estudantes internacionais de maneira diferente⁷. “A educação sem fronteiras não só mostra a tendência dos estudantes em procurar instituições de ensino superior no exterior com a finalidade de obter uma educação de melhor qualidade, mas também se tornou uma das principais fontes geradoras de receita para as universidades.” (Jupiter, et al., 2017, p. 87). Desta forma, as instituições precisam garantir que sua comercialização e promoção sejam realizadas de maneira sofisticada e que as reclamações de qualidade possam ser substanciadas. (Mazzarol, 2001).

Em conformidade com o aumento mundial desta tipologia de estudantes, também as universidades portuguesas estão a experimentar um crescente fluxo de estudantes internacionais e em mobilidade (Nada & Araújo, 2018, p. 1). Este número crescente contrasta com o decréscimo generalizado dos estudantes universitários em território nacional: passaram de quase 390 mil no início do milénio para 361 943 mil em 2016/2017 (Gráfico 1.1).⁸

Gráfico 1.1 - Número de Estudantes Universitários entre 2001 e 2017



Fonte: Elaboração própria, dados da Direção Geral de Estatísticas da Educação

⁵ Barnett et al. citado por Nada e Araújo, (2018, p. 2);

⁶ Rienties et al. citado por Nada e Araújo, (2018, p. 2),

⁷ Urbanovič, Wilkins e Huisman citado por Nada e Araújo, (2018, p. 2)

⁸ Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciências. Consultado em 15 de maio de 2018: <http://www.dgeec.mec.pt/np4/EstatVagasInsc/>

Já o número total de Estudantes estrangeiros (incluindo alunos de mobilidade e alunos europeus) a estudar no ensino superior Português apresenta uma taxa de crescimento de 12% tendo sido matriculados no ano letivo de 2015/2016, cerca de 38 mil alunos estrangeiros, e no ano seguinte o número ter subido para 42 500⁹, o dobro do registado no início da década. O Brasil lidera a lista de nacionalidades com 12 245 alunos, em claro destaque sobre todos os outros: segundo (Angola), terceiro (Espanha), quarto (Cabo Verde) e quinto (Itália) lugares. Com a uniformização dos currículos, o acordo de Bolonha teve um impacto na standardização do ensino na Europa, criando “um mercado para o ensino superior”, diz Pedro Santa-Clara, professor da Nova School of Business and Economics”⁹

Estes números historicamente inigualáveis contribuem para a significativa diversificação cultural dos campi, representando desafios adicionais para as instituições de ensino superior (Nada & Araújo, 2018, p. 1) Em muitos países, as universidades lutam para encontrar um equilíbrio entre as pressões para gerar mais renda por meio de estudantes pagantes internacionais, enraizadas em uma visão de educação superior orientada para o mercado (Urbanovič, Wilkins e Huisman citado por (Nada & Araújo, 2018, p. 1) e a importância de apoiar transição e integração de estudantes internacionais através do desenvolvimento de estratégias institucionais capazes de auxiliá-los nas suas responsabilidades e aspirações académicas.

No âmbito da educação e da cultura a Comissão europeia tem detetado entraves de natureza burocrática e discriminação em razão da nacionalidade, tendo sido registrados diversos processos de infração por atrasos no reconhecimento académico de diplomas e exigência de elevadas despesas administrativas a cargo dos estudantes (comissão europeia, citado por Leite, (2007, p. 16). Ancorado nas perceções dos estudantes internacionais, Nada & Araújo (2018) tentaram entender como as universidades portuguesas lidam com a crescente diversidade dos seus corpos estudantis. Os resultados por eles recolhidos dão conta de numerosas deficiências na forma como as universidades portuguesas lidam com a diversidade, sugerindo que as estruturas institucionais podem reforçar as visões assimilacionistas e deficitárias dos estudantes

⁹Jornal Público Consultado em 15 de maio de 2018: <https://www.publico.pt/2018/02/04/sociedade/noticia/mais-12-de-alunos-estrangeiros-em-portugal-1801533/amp>

internacionais. Consideram também que as universidades de outros países "*catch-up*"¹⁰ podem presentemente ser confrontadas com questões semelhantes.

Após quatro anos de investigação com base em "narrativas biográficas" construídas ao longo de várias conversas com estudantes migrantes em Portugal que frequentaram as universidades de Lisboa, Porto, Coimbra e Minho. Nadã (2017, p. 366) acredita que as universidades Portuguesas "ainda não estão preparadas" para acolher e integrar os estudantes estrangeiros pois não existem estruturas capazes de garantir o sucesso académico e a integração destes alunos. A falta de estruturas de apoio formais e as barreiras linguísticas são alguns dos principais obstáculos no acolhimento aos alunos migrantes. Cursos anunciados em inglês, mas que são ministrados em português; falta de estruturas formais às quais os alunos possam recorrer em caso de necessidade; ou uma cultura docente que não tem em conta a crescente multiculturalidade das turmas (Nadã, 2017, p. 370). Os problemas apontados na relação com os Docentes a nível nacional, reportam a existência de atitudes inadequadas perante estudantes internacionais por parte dos professores. Estes nem sempre são capazes de reconhecer a diversidade cultural dentro da sua sala de aula e alguns até demonstram "comportamentos discriminatórios baseados em preconceitos relacionados com a etnia ou o país de origem", expõe (Nadã, 2017, p. 367).

Há de facto um discurso sobre a internacionalização, mas a prática é de uma integração numa lógica de 'salve-se quem puder'. E isto é o contrário à aposta na internacionalização que o sector tem feito nos últimos anos. Sánchez, Fornerino, & Zhang, (2006, p. 50) sugerem que tais programas que promovem o estudo além-fronteiras deveriam variar, sendo sensíveis às diferenças nacionais dos estudantes e às diferenças individuais que podem ser pessoais e envolver suas famílias, sua situação financeira e certas barreiras psicológicas. Pode ser útil construir modelos que reflitam as diferenças de uma cultura nacional para a outra. "Esses modelos podem ajudar a compreender melhor as verdadeiras características de cada mercado educacional e desenvolver estratégias apropriadas." (Sánchez, Fornerino, & Zhang, 2006, p. 50). A investigação de Nadã aponta potenciais soluções para que as universidades ultrapassem todas estas limitações como por exemplo a criação de gabinetes específicos dedicados ao apoio e integração de estudantes estrangeiros e ações de

¹⁰ O termo "*catch-up*" é utilizado para descrever o sector do ensino superior de um país europeu não inglês que começou a desenvolver "estratégias globais de internacionalização". (Nada e Araújo, 2018:2)

sensibilização - dirigidas não só ao pessoal não docente que interage mais diretamente com estes alunos, mas também aos professores - sobre questões de diversidade cultural em contextos educativos para que se evite colocar os estudantes estrangeiros em situações de vulnerabilidade e exclusão e que sejam capazes de promover o contacto intercultural, nomeadamente entre estudantes nacionais e estrangeiros (Nadã, 2017, p. 369).

Paralelamente à educação formal existem também num crescente de novos modelos educacionais, novos mercados e novos competidores a surgir. Grilo et al. (2011, p. 3) afirma que as universidades do futuro provavelmente terão alunos internacionais como clientes chave. Independentemente do target é necessário entender que o propósito das IES não é comercializar cursos, mas sim satisfazer os seus consumidores através do desenvolvimento das suas capacidades, disponibilizando as ferramentas necessárias. E que, num mundo globalizado em constante transformação a maior parte dos produtos e serviços na área da educação podem vir a ser substituídos por alternativas competitivas, nesse sentido, é necessário (re)descobrir e identificar novas alternativas indo ao encontro das necessidades dos seus consumidores. Ao ler os diversos relatórios de atividades do IPLeiria é possível perceber que esta instituição também faz parte deste panorama internacional:

“A nível nacional, a internacionalização estudantil em geral tem assumido uma importância central pelos inúmeros desafios com os quais as IES se têm deparado, como seja o decréscimo de estudantes, as restrições financeiras, as novas necessidades do mercado e o surgimento de uma concorrência cada vez maior e mais global” (Relatório de Atividades do IPLeiria 2015, p. 39).

“...a internacionalização, que se tem destacado como elemento fundamental na estratégia de desenvolvimento do Politécnico de Leiria, começa a apresentar resultados financeiros relevantes.” (IPLeiria, 2017, p. 91).

Talvez, a partir de certa altura, esta tendência refletida na vontade desmesurada de atrair estudantes a nível global esteja a ofuscar o verdadeiro objetivo das instituições de ensino superior em todo o mundo.

Tudo aponta para que estejamos de facto perante um caso de miopia de marketing, que acontece sempre que o foco deixa de estar nas necessidades dos clientes (neste caso os estudantes estrangeiros) e se fica apenas pelas receitas. As pesquisas e a opinião generalizada no ceio das IES apontam para que o ensino português se tenha tornado

pouco exigente e facilitado nestas circunstâncias, uma vez que não se pode exigir demasiado a nível académico quando o apoio é fraco e as condições linguísticas inexistentes com idiomas dispares. Para muitos destes alunos, especialmente os alunos de mobilidade, a sua a sua passagem pela instituição de ensino superior limita-se apenas a momentos de avaliação, aproveitando o resto do tempo para viajar pelo país. Relyea, Cocchiara, & Studdard (2008, p. 346) sugerem “que as universidades precisam de fazer um trabalho melhor para garantir que os alunos entendam que os programas de estudo no exterior são mais do que uma chance de viajar e se divertir”.

Os problemas que os alunos estrangeiros enfrentam em Portugal podem, a longo prazo, diminuir a atratividade do país no mercado da educação internacional. As universidades por toda a europa têm de se valorizar, melhorando a qualidade dos serviços prestados, incluindo o acompanhamento, de forma a garantir que os estudantes internacionais e os alunos em mobilidade (ex. Erasmus), se sintam tão desafiados a nível académico dentro da sala de aula, como nas vivências do seu dia-a-dia. Estas mudanças possivelmente irão refletir-se numa melhoria dos resultados qualitativos e quantitativos para as instituições em causa e para a os alunos.

O aumento do número de agências de aconselhamento educativo externas às universidades (Abubakar, Shanka, & Muuka, 2010, p. 52) pode representar uma importante coadjuvação dentro das soluções viáveis, dada a ausência de estruturas capazes de garantir o sucesso académico dos estudantes internacionais e a falha na resolução de outras questões que geralmente surgem fora do contexto académico como problemas de acesso à habitação ou à saúde (Nadã, 2017, p. 332)

1.3. Benefícios para a Sociedade, IES e Alunos

Tal como a imigração possui vantagens para o país de acolhimento - como por exemplo ao nível do desenvolvimento da economia, no preenchimento de vagas em áreas menos procuradas pela população autóctone - a presença de estudantes estrangeiros tem também as suas vantagens para a instituição acolhedora (Nadã, 2012, p. 20), para sociedade e para os próprios alunos. Neste subcapítulo tentar-se-á reunir alguns benefícios mais específicos obtidos pelo recebimento de estudantes (i)migrantes que justificam o investimento na internacionalização das IES. Estes benefícios podem ser traduzidos em razões económicas e, surpreendentemente, éticas (Grillo, et al., 2011)

numa relação “*win-win*” entre todos os intervenientes (estudantes, IES e sociedade global). As razões económicas são, à primeira vista, mais óbvias que as éticas, mas ambas merecem um melhor entendimento.

Continuando a apontar para as já referidas vantagens económicas (no subcapítulo anterior) que a presença dos estudantes estrangeiros gera, tanto para as universidades como para o país de acolhimento, Grillo et al. (2011, p. 6) apresentam algumas contribuições por parte dos estudantes estrangeiros que chegam a níveis dos mais variados. Por exemplo, são referidas, fora a contribuição financeira líquida para a universidade (propinas), a contribuição financeira para a cidade (gastos do dia-a-dia: alojamento, comida e outras despesas) e a contribuição financeira para as entidades (públicas ou privadas) que oferecem serviços de transporte, segurança social, lazer e outros serviços que os estudantes possam utilizar. O valor económico de um estudante internacional é de facto significativo para um número alargado de *stakeholders*.

Um estudante internacional não é, e está longe de representar, só mais uma propina para a instituição e ajuda financeira para a sociedade onde se insere. Além das vantagens acima referidas, devem ser mencionadas outras contribuições que, embora não quantificáveis em dinheiro, acabam por ter efeitos a nível financeiro. Grillo et al. (2011, p. 7) lembram que caso esteja satisfeito com a experiência, o estudante estrangeiro pode transformar-se numa “verdadeira ferramenta de *marketing* e *branding* da Universidade”. O mesmo se aplica à cidade, região e país onde esta se insere: por cada estudante, amigo ou familiar que receber o feedback positivo das experiências percebidas, aumentará a probabilidade deste destino ser escolhido no futuro - quer com o objetivo de realizar estudos na mesma instituição, quer para fins de lazer e turismo - aumentando assim o grau de atratividade e até de competitividade no mercado global.

Ao analisar as experiências multiculturais de estudantes internacionais Nada e Araújo (2017, p. 185) dizem que embora cada aluno internacional, na sua individualidade, tenha uma experiência diferente durante a sua permanência no exterior, morar e estudar em outro país oferece oportunidades significativas de aprendizagem a cada um deles. Ao estudar fora do seu país de residência, os estudantes migrantes não estão só a mudar a própria vida, mas as vidas de todos com quem eles venham a cruzar-se. Talvez, possam até ensinar mais do que aprender.

Pesquisas anteriores encontraram múltiplos benefícios resultantes da participação num estudo no exterior, Carlson e Widaman citado por (Hackney, Boggs, & Borozan, 2012,

p. 127) estabeleceram que a participação em programas no exterior aumenta a preocupação dos estudantes com a política internacional, o interesse transcultural e amplia sua visão sobre o mundo. Adicionalmente, o estudo no exterior oferece aos alunos a oportunidade de aprimorar sua compreensão sobre diferentes culturas, raças, costumes e práticas de negócios - o que aumenta a tolerância, o respeito e a abertura de espírito (Praetzel, Curcio, & Dillore, 1996, p. 181). Estar ciente dos problemas enfrentados pelas pessoas em diferentes partes do mundo motivam os estudantes a pensar em soluções positivas para a mudança, encontrar novos interesses, descobrir um novo caminho para a sua carreira e contemplar a própria cultura através de uma nova perspectiva.

Mesmo que por apenas um semestre, realizar um projeto de mobilidade internacional torna o indivíduo verdadeiramente independente, a começar pelo simples facto de repentinamente se encontrar fora da sua zona de conforto e ser obrigado a viver de forma mais solitária – embora possa e deva contar com a ajuda de habitantes locais ou dos seus pares – simples tarefas ou necessidades do dia-a-dia como cozinhar, ir às compras, descobrir o caminho de casa através de um novo transporte, pedir apontamentos ou concertar algo, desenvolve nos estudantes uma autonomia e independência inerente à sua nova condição. Ao realizar um inquérito a 3 500 alunos alumni que estudaram no exterior, Dwyer e Peters (2004, p. 57) descobriram que o estudo no exterior resultou em benefícios como aumento da maturidade, autoconfiança, tolerância à ambiguidade e competência linguística. Esta descoberta é consistente com os resultados de Salisbury, Umbach, Paulsen, & Pascarella (2009). O estudo no exterior também pode fornecer aos estudantes uma oportunidade para desenvolver resiliência emocional, flexibilidade e maior independência (Kitsantas, 2004, p. 443).

A diversidade estudantil tem sido empiricamente associada a benefícios académicos para todos os alunos, uma vez que um campus multicultural pode fornecer um terreno proveitoso para a compreensão cultural e a tolerância em relação à diversidade (Volet & Ang, 2012, p. 34). Os estudantes que passam algum tempo no exterior desenvolvem “uma compreensão e respeito mais profundos por questões globais, atitudes mais favoráveis em relação a outras culturas, habilidades de comunicação intercultural mais fortes, melhoramento da auto-imagem pessoal e profissional e melhores habilidades de língua estrangeira” (Salisbury, Umbach, Paulsen, & Pascarella, 2009, p. 120). Para Nada & Araújo (2017, p. 185) o efeito da experiência no exterior para os estudantes parece ampliar as suas mentes e as visões sobre o mundo que, talvez, não tivessem

sido possíveis se tivessem permanecido nos seus países de origem. Embora a aprendizagem informal e multicultural seja grande parte da experiência de todos os alunos, não deve ser esquecido que as universidades desempenham um papel importante no apoio à aprendizagem dos alunos. Não apenas os alunos, mas também os professores precisam de estar “cientes das oportunidades de um ambiente de sala de aula multicultural” (Xerri citado por (Nadã, 2017, p. 185). A exposição a novos métodos de aprendizagem, podem ajudar o estudante a compreender melhor alguns assuntos, e caso achem os novos métodos mais difíceis, poderão aceitar os mesmos como um desafio.

Aquando de uma candidatura a uma vaga de emprego, os gestores de recursos humanos veem como uma mais-valia as qualificações de diferenciação que vão além dos conhecimentos adquiridos através da formação superior (Santos, 2012, p. 26). Estas qualificações estão, por exemplo, relacionadas com competências relacionais; capacidade oral e escrita de línguas estrangeiras; flexibilidade de inclusão em equipas multinacionais; o espírito de iniciativa e com a capacidade de adaptação a novos contextos. Desta forma, a participação em programas de mobilidade académica será um instrumento para a aquisição destas competências.

Todos esses fatores podem tornar um aluno mais “comercializável” para futuros empregadores, conclui-se que uma experiência como esta é valiosa para o currículo vitae. No estudo de 2003 da *Rand Corporation*: “O que faz um profissional de carreira bem-sucedido em uma organização internacional”, os gerentes foram solicitados a classificar as qualificações desejáveis por ordem de importância. Das 19 qualificações, a competência transcultural, ou a capacidade de trabalhar bem em diferentes culturas e com pessoas de origens diferentes, foi classificada em quinto lugar. Competências associadas como “habilidades interpessoais e de relacionamento” e “tolerância à ambiguidade e adaptabilidade” ficaram em segundo e terceiro lugar, respetivamente (Matherly citado por (Hackney, Boggs, & Borozan, 2012, p. 127).

Em suma, há muitas vantagens pessoais e globais que advêm de ser um estudante internacional, e quanto mais os alunos perceberem estes mesmos benefícios, mais dispostos estarão a estudar no exterior (Hackney, Boggs, & Borozan, 2012, p. 128). Por fim, podemos concluir que – embora haja certamente externalidades menos positivas advindas dos programas de mobilidade - os efeitos da internacionalização são maioritariamente positivos, quer a nível económico como ético: para os países, sociedade e instituições de acolhimento: com a possibilidade de serem recomendadas

e/ou novamente visitadas e para o estudante com o enriquecimento pessoal e académico muito superior. Aparentemente, estas mesmas externalidades positivas também se poderão considerar para o país e instituição que envia o estudante internacional, aquando o seu regresso a casa todo o conhecimento adquirido e possíveis mudanças positivas que retornam com ele.

1.4. Programas de Mobilidade Europeia, Multiculturalidade e o Turismo

Muitas das oportunidades geradas pela comunidade europeia são aproveitadas pelos países para se desenvolverem nas mais diversas áreas e conseguirem adquirir o renome desejado a nível turístico, algo que não conseguiriam alcançar caso atuassem de forma singular. Surge nestes casos algumas regulações e conquistas gerais proporcionadas pela U.E., duas delas são a mobilidade e a sustentabilidade que ajudam tanto os cidadãos como os países a desenvolverem o turismo. São duas visões diferentes deste setor económico, mas fundamentais ao sucesso dos indivíduos e da sociedade.

A livre circulação no mercado comum, um dos direitos criados pela U.E., permite a todos os cidadãos europeus transitar livremente por qualquer outro país da União Europeia, mover-se dentro da Europa tornou-se muito mais fácil com a supressão das fronteiras internas (Van Mol, 2010, p. 1). Ao apenas ser necessário o cartão de identificação sem necessitar de passaporte, este processo simplificado, facilita a mobilidade dos cidadãos e aumenta a economia do turismo de cada país. A moeda única é também um grande facilitador da mobilidade, permite a valorização da moeda e a facilidade de usufruir da livre circulação sem custos cambiais. É um ponto de ligação entre todos os países e consente a partilha de moedas nacionais entre cada país aderente o que significa que um pouco de história é partilhada entre eles.

É aqui que, mais uma vez, a mobilidade apresenta os seus programas, programas esses onde a União Europeia se dispõe a oferecer experiências de aprendizagem aos jovens e adultos dentro e fora dos seus países de origem de forma a expandirem a sua cultura europeia com o contacto com jovens e culturas diferentes e ainda visitando em períodos curtos ou longos outros países. O fenómeno pode ser visto como uma forma particular de migração internacional (King & Ruiz-Gelices, 2003) que é motivada por uma combinação de metas de educação / lazer / viagem / experiência (Van Mol, 2010, p. 1).

São vários os programas de mobilidade financiados e incentivados pela U.E., sendo o programa Erasmus+ o mais interventivo e reconhecido, será adequado fazer uma breve pesquisa sobre um dos mais importantes, se não o mais importante programa de mobilidade a nível mundial.

Os programas de cooperação nos domínios da educação, formação e juventude constam da agenda europeia há já vários anos: o programa Erasmus foi adotado em 1987 e o primeiro programa para a juventude («Juventude para a Europa») em 1988. No entanto, só com o Tratado de Maastricht (1993) foram incluídas nos Tratados fundadores da União as competências europeias formais no domínio da educação, da formação profissional e da juventude (Comissão Europeia, 2014, p. 5). A relação entre culturas vem ao encontro da tolerância e do respeito desenvolvendo o espírito de comunicação e diversidade linguística entre os povos de modo a promover a igualdade de oportunidades (Dalcin , 2011, p. 46) dando origem, em 1998 à Declaração de Bolonha que promovia um espaço de educação onde todos os Estados-Membros da União Europeia poderiam usufruir de igual modo com trocas de instituições e experiências, com o intuito de estabelecer um espaço europeu de educação superior (Dalcin , 2011, p. 27) .

Abordando as oportunidades oferecidas pela União Europeia integradas em programas de mobilidade e colaborativas do turismo, esta sociedade ofereceu alguns projetos dedicados aos jovens nomeadamente os programas: 'Aprendizagem ao Longo da Vida' – Erasmus (ensino superior), Leonardo da Vinci (ensino profissional), Comenius (ensino básico e secundário), Grundtvig (educação de adultos), o programa 'Juventude em Ação' e cinco programas de cooperação internacional (Erasmus Mundus, Tempus, Alfa e Edulink e o programa de cooperação com os países industrializados). Que a partir de 2014 sofreram uma reformulação, passando a ser denominados apenas por “ERASMUS +”. O ERASMUS+ é o programa da EU para a educação, formação, juventude e desporto durante o período de 2014-2020. (Comissão Europeia, 2018, p. 8). Pela primeira vez irá também providenciar o apoio da UE ao desporto, especialmente ao nível do desporto não profissional.

O programa Erasmus deve o seu nome ao filósofo holandês Erasmus de Roterdão, que viveu e trabalhou em vários locais da Europa, procurando expandir e ganhar novos conhecimentos. Esta denominação, funciona também como acrónimo para '*European Community Action Scheme for the Mobility of University Students*', ou, em português, Plano de Ação da Comunidade Europeia para a Mobilidade dos Estudantes

Universitários. O seu orçamento de 14,7 milhões de euros irá permitir que até 2020 mais de 4 milhões de europeus tenham oportunidades de estudo, formação, aquisição de experiência e voluntariado no estrangeiro.¹¹

Em Portugal o programa é gerido por 2 agências nacionais autónomas: Erasmus+ Educação e Formação e Erasmus+ Juventude em Ação. O objetivo é fomentar a mobilidade dentro e fora dos limites da União Europeia. Segundo uma publicação da União Europeia (2014, p. 3) o novo programa tem como objetivo facilitar o desenvolvimento pessoal e melhorar as perspetivas de emprego dos cidadãos. Apoia todos os setores da educação e da formação, bem como a aprendizagem não formal para os jovens, o voluntariado e o desporto de base. Substitui vários programas anteriores, racionalizando e simplificando a aplicação de regras e procedimentos. Segundo a mesma publicação a “mobilidade e as competências linguísticas são cada vez mais importantes. Os Estados-Membros podem aprender uns com os outros e os estudantes, estagiários, aprendizes, voluntários, professores, escolas e universidades podem beneficiar da cooperação transfronteiras.” (Comissão Europeia, 2014, p. 5). Para além dos já conhecidos programas de estudos, o Erasmus + oferece aos jovens a possibilidade de realizar estágios profissionais em empresas/organizações de toda a Europa. Ao promover o mercado de trabalho europeu, a lógica económica tem como objetivo aumentar a competitividade da Europa nas economias do conhecimento global. (Van Mol, 2010, p. 1).

Entre os seus principais objetivos específicos encontram-se: melhorar o nível de aptidões e competências dos jovens; promover a participação na vida democrática na Europa e no mercado de trabalho; a cidadania ativa; o diálogo intercultural; a inclusão social e a solidariedade; possibilitar às pessoas que trabalham no âmbito da Juventude e aos jovens de maior idade oportunidades de mobilidade por razões de aprendizagem; potenciar a dimensão internacional das atividades juvenis e o papel dos trabalhadores e organizações na área da Juventude como estruturas de apoio aos jovens.

O ERASMUS+ em Portugal tem 3 ações chave as quais apoiam e pretendem desenvolver (Comissão Europeia, 2018, p. 12):

- Ação 1 - Mobilidade para Jovens e Animadores de Juventude que engloba Projetos de mobilidade para estudantes, formandos, recém-graduados,

¹¹ Consultado em 23 de maio de 2018: http://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/about_pt

docentes e profissionais de educação e formação;

- Ação 2 - Parcerias Estratégicas nos domínios da juventude através de projetos de parceria para o intercâmbio de boas práticas ou para a inovação.
- Ação 3 - Apoio às Reformas Políticas que abrange qualquer tipo de atividade cujo objetivo seja apoiar e facilitar a modernização dos sistemas de educação e formação.

Sendo a mobilidade um elemento diferenciador e impulsionador da vontade de viajar, conhecer, partilhar e aproveitar o que estas possibilidades anteriormente faladas podem oferecer, fará com que os jovens se sintam cada vez mais dispostos a usufruir destas oportunidades ao máximo e viver experiências de aprendizagem e turismo fulcrais para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional. Estes programas têm como objetivos, não só a aprendizagem pessoal, mas uma aprendizagem europeia, com o contacto com a diversidade cultural: o desenvolvimento de competências para o exercício de uma sociedade democrática e facilitadora de transformações sociais, no sentido de uma maior justiça social, de igualdade de oportunidades educativas e sociais (Dalcin , 2011, p. 77).

Esta mobilidade, prioritária para a U.E., traz vantagens incalculáveis para os jovens, adultos e sociedade em geral, desde experiências a aprendizagens dos mais variados tipos. Reduz o sentimento de discriminação e aumenta a promoção turística dos países envolvidos: tanto para o individuo que visita certo país pela primeira vez ao abrigo de algum tipo de programa e tenciona tornar mais tarde enquanto turista, como para os autóctones de um país recetor que ao terem contacto com estrangeiros em mobilidade poderá suscitar curiosidade e vontade de conhecer os seus países. O ERASMUS+ ajuda por isso, ao crescimento da economia dos países promovendo-os e divulgando-os entre os participantes. Possivelmente, hoje em dia, se este programa não existisse, talvez muitos dos Estados-Membros ainda não estivessem tão bem colocados ao nível do turismo como estão, pois, os jovens têm uma grande capacidade de conhecer e promover destinos aos seus amigos e familiares que poderão mais tarde visitá-los.

Um programa que vai certamente mais além do imaginário da maioria da população europeia e que deverá continuar a crescer e a formar os seus jovens e adultos como cidadãos europeus e aproveitar de toda a liberdade existente dentro dos Estados-Membros. Todos os pontos se fundem como se fossem um só e há uma infinidade de oportunidades que favorecem o turismo e o seu desenvolvimento. O mesmo acontece

com a sustentabilidade que é focada em vários pilares do desenvolvimento do setor turístico. Estes tipos de programas têm como objetivo geral apoiar a criação de um Espaço Europeu e reforçar o contributo do ensino superior e do ensino profissional avançado no processo de inovação a nível Europeu (Dalcin , 2011, p. 46).

1.5. Fatores que Influenciam o Estudante na Escolha do Destino no Exterior

Muito antes da tomada de decisão – no sentido de realizar a sua mobilidade ou estudos no estrangeiro – qualquer estudante é afetado direta e indiretamente de diversas maneiras pelo meio onde se insere: país de origem, o meio académico, meio familiar, círculo de amigos e até mesmo os próprios gostos e conhecimentos adquiridos ao longo da vida. Segundo a bibliografia tais fatores poderão moldar a vontade do estudante ao considerar a realização do seu projeto de mobilidade ou estudos internacionais, no sentido de o realizar de facto, enfrentando todos os obstáculos inerentes ao processo ou no sentido oposto. Para Hackney, Boggs, & Borozan (2012, p. 140) A previsão da participação num estudo no exterior é um processo complexo que é influenciado por fatores pessoais e situacionais, bem como pelas características do programa de estudo no exterior.

Vários autores analisam a disposição dos alunos para se candidatar a programas educacionais de mobilidade (fora dos seus países de origem) usando uma variedade de diferentes bases teóricas: (Eder, Smith , & Pitts, 2010); (Hackney, Boggs, & Borozan, 2012); (Lu, Li, & Schissel, 2009); (Luethge, 2004); (Mazzarol & Soutar, 2002); (Mazzarol T. , 2001); (Relyea, Cocchiara, & Studdard, 2008); (Sánchez, Fornerino, & Zhang, 2006); neste subcapítulo, por se considerar mais relevante para o estudo em análise, iremos tentar correlacionar a teoria dos fatores *push and pull* de Dann (1977) adaptada por Mazzarol e Soutar (2002) com a teoria de Relyea, Cocchiara, & Studdard (2008) baseada no efeito do valor percebido na decisão de participar num programa de estudo além fronteiras.

Relyea, Cocchiara, & Studdard (2008) examinaram as motivações dos estudantes universitários e associaram os programas de mobilidade a um “risco” e a uma “perceção de valor”, colocaram então a hipótese de que a relação entre a propensão ao risco e a probabilidade de participar numa experiência internacional é moderada pelo valor percebido pelo aluno acerca do programa de mobilidade. Provando que,

independentemente de os alunos entenderem ou não a experiência internacional como um passo arriscado, a sua percepção do valor global da experiência superará o risco percebido. Em outras palavras, “o valor supera o risco ao tomar a decisão de participar em uma experiência internacional.” (Relyea, Cocchiara, & Studdard, 2008, p. 348).

Também Luethge (2004, p. 25) num exercício semelhante comparou os programas de estudo no exterior a uma "compra arriscada" que é intangível e indisponível para testes antes do consumo. Para o indivíduo que pretende realizar os seus estudos no exterior, o impacto dos riscos percebidos (financeiro, psicológico, físico, social e desempenho) são uma consideração importante, tanto para o indivíduo como na explicação da discrepância observada pela participação dos estudantes em programas de estudo no exterior. O desafio, segundo Luethge (2004), é reduzir o risco associado aos programas de estudo no exterior para alunos, professores e instituições de ensino superior. A redução desses riscos poderá passar por uma melhoria da qualidade do acolhimento e do ensino, para garantir que os estudantes internacionais, incluindo os estudantes em mobilidade (ex. Erasmus), se sintam tão desafiados a nível académico dentro da sala de aula, como nas vivências do seu dia-a-dia, com professores também eles mais preparados e cientes dos desafios. Conseguindo desta forma ir de encontro às necessidades de todos os envolvidos.

Ao estudar os comportamentos dos estudantes universitários Relyea, Cocchiara, & Studdard (2008, p. 354) encontraram uma relação significativa entre o “risco” e “o valor de carreira percebido” ao prever a probabilidade dos alunos em se candidatar a um programa de mobilidade internacional. Quando os estudantes perceberam que o valor de estudar no exterior era baixo, mesmo os estudantes com alta propensão ao risco, tinham menos probabilidade de se querer candidatar a uma experiência de mobilidade internacional do que quando percebiam que o valor de estudar no exterior era alto. Conclui-se que a “propensão ao risco” terá uma relação direta com a probabilidade de o aluno se envolver numa experiência internacional, no entanto o “valor percebido” é o fator que terá mais peso ao moldar e interferir na decisão final dos indivíduos que ponderem realizar a sua mobilidade no exterior.

De acordo com pesquisas realizadas por Hackney, Boggs, & Borozan (2012, p. 140), descobriu-se que os estudantes em geral estavam mais dispostos a estudar no exterior em programas de curto prazo, sendo as mulheres a evidenciar mais essa predisposição em relação aos homens. Outros fatores relevantes que atuam de forma positiva são: o nível de autoeficácia presente nos alunos (quanto mais alto, mais o aluno estará

disposto a estudar no exterior), possuir familiares ou amigos com experiência internacional, o programa realizar-se num local geograficamente próximo e urbano, e por último, os estudantes mostraram-se mais aptos a participar num programa de mobilidade em acompanhados do que sozinhos.

Sob outro ponto o investigador Ionut Cosmin Nadă (2012, p. 42) analisa o processo migratório numa perspetiva cronológica (começo-fim de experiência) representada sob o ponto de vista do estudante e pela sua experiência como um continuo e à semelhança de tantos outros autores faz referência à teoria de Mazzarol e Soutar (2002): “Estes fatores podem ter raízes das mais diversas e são designados pela literatura da especialidade de fatores de tipo *push and pull*”.

Mazzarol e Soutar (2002) sugerem que o fluxo de estudantes resulta internacionalmente de uma combinação de fatores de “*push and pull*”. Por um lado, os *push factors* operam ao nível do país de origem e iniciam a decisão dos estudantes de realizar estudos internacionais. Por outro lado, *pull factors* operam ao nível do um país anfitrião ao tornar esse país relativamente atraente para os estudantes internacionais (Mazzarol e Soutar, 2002 citado por (Phang, 2013, p. 6). A maioria dos *push factors* são desejos intangíveis e intrínsecos do indivíduo para viajar, enquanto os *pull factors* emergem como resultado da atratividade de um destino percebido pelo viajante e incluem recursos tangíveis (Baloglu & Uysal, 1996, p. 34). “Alguns desses fatores são inerentes ao país de origem, outros ao país de acolhimento e outros aos próprios estudantes.” (Mazzarol T. , 2001).

Os *push factors* identificados por Mazzarol e Soutar incluem a falta de acesso ao ensino superior, perceções sobre a qualidade do sistema de ensino superior e a disponibilidade de programas baseados em tecnologia (Eder, Smith , & Pitts, 2010, p. 234). Estamos, portanto, a falar de fatores que o país de origem e o seu sistema de ensino não conseguem cumprir fazendo por vezes os alunos procurar por melhores habilitações e condições que favoreçam a produtividade académica e consequentemente uma melhor perspetiva de futuro, constituindo este um determinante impulso migratório. Nadă (2012, p. 37) aponta as mesmas razões para migrar, sendo elas a ausência do curso desejado ou na impossibilidade de ingressar no ensino superior no país de origem, dando como exemplo o caso de alguns estudantes oriundos do Brasil na universidade do Porto que escolhem Portugal pela facilidade no ingresso. Um outro exemplo semelhante é o caso dos estudantes Chineses, explorado por Sánchez, Fornerino, & Zhang (2006, p. 50) aquando a pergunta: “Por que a maioria dos estudantes chineses indicou a intenção de

estudar no exterior, enquanto a maioria dos estudantes dos EUA e da França não o fez?”.

Através da análise dos dados empíricos apresentaram então duas razões para a resposta: em primeiro lugar, mais uma vez, a facilidade de ingresso, sendo que para ser aceite numa boa universidade na China, os estudantes chineses são obrigados a passar nos exames nacionais. E o valor de um diploma adquirido no exterior é muito maior: “estudantes que obtenham diplomas estrangeiros podem obter mais facilmente um bom trabalho na China”. (Willis citado por (Sánchez, Fornerino, & Zhang, 2006, p. 50) Representante ao mesmo tempo um modo de melhorar o seu status social.

Em segundo lugar, muitos estudantes querem obter um diploma e experiência linguística ao mesmo tempo. À medida que mais empresas estrangeiras estabelecem filiais na China, precisam de um maior número de funcionários qualificados que não apenas entendam de gestão e a administração, mas que tenham competência em idiomas estrangeiros. Um estudante chinês que deseje ter uma carreira numa empresa internacional verá os seus estudos no exterior como um meio eficaz para atingir esse objetivo. O mesmo estudo descobriu que a principal motivação dos estudantes americanos e franceses para estudar no exterior é a procura por uma nova experiência e não com a perspectiva de melhorar as suas possibilidades de carreira. Alertando, no entanto, para uma mudança de paradigma. (Sánchez, Fornerino, & Zhang, 2006, p. 50)

Está provado que o contexto sócio-económico do país de origem, tal como determina a saída dos migrantes “comuns”, pode também impulsionar a migração estudantil (Nadă, 2012, p. 39) Por exemplo, Grillo et al. (2011, p. 14), num estudo sobre a internacionalização das universidades, concluem que: “uma percentagem relativamente alta de estudantes internacionais provem de países mais pobres que não são nem desenvolvidos, nem emergentes.” Os *push factors* estão longe de se esgotar nos exemplos referidos. Importa ainda verificar que as situações e as motivações deles recorrentes são muito diferentes de estudante para estudante.

Em oposição aos *push factors* que afastam os estudantes do país de origem, os *pull factors* fazem com que os estudantes se sintam atraídos por um país ou outro. Estes englobam: (1) a comunalidade da linguagem; (2) a proximidade geográfica do país de acolhimento; (3) a reputação e qualidade da instituição (ou país); (4) a variedade de cursos e esforços de promoção e marketing; e (5) conhecimento sobre oportunidades internacionais. (Eder, Smith, & Pitts, 2010, p. 234). A recomendação de amigos e

familiares, e questões ambientais, como um clima ensolarado pode também constituir parte destes fatores. No que diz respeito aos familiares, mais concretamente aos pais dos alunos, os estudos na área da migração estudantil chamam a atenção para a vertente financeira e lembram que, devido à dependência económica, as decisões sobre a imigração são fortemente influenciadas pelos pais (Lu, Li, & Schissel, 2009, p. 303).

Se por um lado, durante o processo de procura de informações, existe uma “facilidade de acesso às informações sobre educação devido à internet e ao aumento do número de agências de aconselhamento educativo externas às universidades...” significando que “...os potenciais estudantes têm informação suficiente para avaliar e tomar decisões no que diz respeito à escolha da universidade”¹². Por outro lado, as instituições de ensino superior têm a necessidade de pensar e implementar as estratégias e esforços de promoção e marketing no sentido de cativar os possíveis futuros estudantes, como por exemplo: (1) a criação de mais acordos bilaterais entre instituições de ensino superior estrangeiras, aumentando a possibilidade e probabilidade de que mais estudantes estrangeiros desejassem estudar; (2) A simplificação de procedimentos burocráticos, sendo por vezes um fator de escolha entre uma instituição que peça a tradução de toda a documentação ou uma instituição que aceite o inglês como língua universal; (3) Realizar inquéritos semestrais ou anuais a todos os alunos internacionais ou em mobilidade no sentido de realizar um relatório para avaliar a qualidade da instituição de acolhimento ao longo do tempo. (4) criar uma rede social, como o Facebook ou Instagram do gabinete de mobilidade e eventualmente outras redes sociais para que os alunos e futuros alunos possam tirar dúvidas de forma mais descontraída e acessível, estando a par dos eventos a realizar.

Entender os fatores que motivam ou restringem os alunos, a par do seu impacto - mais ou menos forte nas decisões que os mesmos terão de fazer - ajuda a instituição a desenvolver programas de marketing eficazes, folhetos informativos e eventos. “As estratégias de marketing podem ser focadas nos fatores de influência descobertos, e as instituições podem comercializar as suas vantagens competitivas em detrimento de outras.” (Eder, Smith , & Pitts, 2010, p. 249). O presente estudo pretende identificar quais as áreas que a Instituição em análise (IPLeiria) deveria considerar no futuro para melhor atender às expectativas dos estudantes estrangeiros, e assim fornecer uma visão significativa para as estratégias de recrutamento. Assim como os estudantes são indivíduos com perfis e desejos diversificados, também os fatores que os levam a migrar

¹² Abubakar et al. citado por (Nadă, 2012, p. 39).

para um país ou para outro são, obviamente, igualmente diversos e dependem de todos os *stakeholders* envolvidos. Segundo Pimpa (2004, p. 358) a escolha em trilhar a educação internacional não é um processo decisório de uma etapa. Cada escolha consiste em processos complexos e pode ser influenciada por vários fatores.

No que diz respeito ao contexto europeu, no caso dos estudantes de mobilidade (Erasmus) a decisão de migrar pode surgir apenas com base em fatores do tipo “pull”. Imaginemos o caso de um estudante europeu que está a ter uma experiência positiva a todos os níveis, académicos e pessoais, por isso não terá nenhuma razão para sair do seu país, nenhum fator do tipo “push”. Havendo questões apelativas no programa Erasmus e na ideia de estudar noutro país (fatores do tipo “pull”) esse estudante poderá decidir realizar o seu programa Erasmus mesmo na ausência de quaisquer “push factors”. O mesmo já seria menos provável no caso de um estudante migrante (internacional), mas não impossível.

Ao tentar correlacionar a teoria (Mazzarol & Soutar, 2002) dos fatores “push and pull” com a teoria de (Relyea, Cocchiara, & Studdard) que associa a mobilidade a um “risco” e a uma “perceção de valor”, podemos verificar que ambas operam e coexistem em simultâneo. Pegando num exemplo concreto, imaginemos que certo aluno tenciona estudar dança, mas no seu país de origem não existe o curso desejado ou simplesmente pondera a migração devido ao prestígio de determinada universidade no estrangeiro. Em primeiro lugar podemos observar que a qualidade de ensino atua como um fator “push” empurrando o aluno para fora do seu país. Neste caso, a mesma falta de qualidade de ensino no país de origem que faz com que o aluno pondere a sua migração é ao mesmo tempo um fator “pull” devido à qualidade de ensino noutro país. Perante a mesma situação é evidente que muitos outros fatores poderão influenciar as pretensões do aluno em migrar, e é antes de avançar com a tomada de decisão que surge um “risco” inerente à própria mobilidade relacionado com diversos fatores (financeiro, psicológico, físico, social e desempenho). Suponhamos que este aluno tem receio de ficar longe dos amigos e familiares e ao mesmo tempo tem receio que não ser bem-sucedido. Caso a sua “perceção de valor” seja entendida como uma mais valia, como por exemplo: aquilo que ele entende como uma boa qualidade de ensino, ampliar os seus horizontes, a possibilidade de obter um maior conhecimento do mundo ou aumentar sua iniciativa¹³, fará este aluno superar o “risco percebido” e certamente tomar a decisão no sentido de migrar. Seja para melhorar a compreensão global do aluno perante o mundo, reduzir

¹³ *push and pull factors em* (Toncar, Reid, & Anderson, 2006, p. 75).

riscos ou melhorar situações sociais, a decisão de participar numa experiência internacional irá sempre depender da avaliação do “valor percebido” na perspectiva do aluno.

Todos estes fatores associados às respetivas teorias podem surgir imediatamente, em simultâneo ou em separado, sem qualquer ordem de importância após o desejo do estudante em migrar manifestar-se, mas todos estes fatores perduram no tempo mesmo após a tomada de decisão de realizar a experiência internacional. Pela exploração empírica tentar-se-á compreender quais os fatores do tipo “*push*” mais importantes para os estudantes estrangeiros do IPLeiria, o que mais valorizam na instituição e nas cidades onde se insere de forma a ser possível potenciar os mesmos.

1.6. Integração Sócio-académica, Satisfação e Advocates

Depois de entendidos os fatores que influenciam o estudante na escolha do destino no exterior, o presente subcapítulo será destinado à análise da migração estudantil sob o ponto de vista do próprio estudante e das suas vivências, bem como a influência que estas poderão ter ao nível da sua satisfação e consequente recomendação (ou não recomendação) da instituição, da região, do país. Falar-se-á ainda sobre a influência que estas experiências poderão ter ao nível das suas futuras opções de vida.

A entrada no ensino superior assinala a transição de uma categoria de indivíduos jovens a uma nova condição de jovens estudantes universitários/as (Ferreira, Moutinho, Tavares, Lopes, & Moita, 2007, p. 163). No caso de um estudante migrante além dos novos desafios que lhe são colocados pela própria migração, tem de responder aos típicos desafios estudantis (Nadã, 2012, p. 42), tudo à sua volta passa a ser um “mundo novo”, e como tal, requer a sua contextualização no âmbito de novas relações sociais e modos de sociabilidade com uma nova comunidade académica e comunidade local. A Universidade emerge, assim, como um contexto facilitador do desenvolvimento pessoal dos jovens, promovendo a integração e o ajustamento académico, pessoal, social e afetivo do aluno, constituindo um suporte do desenvolvimento presente e de projeção futura, facilitando quer a integração dos novos estudantes quer a transição para o mundo socioprofissional (Santos & Ferreira, citado por (Ferreira, Almeida, & Soares, 2001, p. 2).

A integração sócio-acadêmica entre o aluno e a nova realidade começa antes da sua chegada ao país e instituição de acolhimento, com a ajuda das chamadas “novas” tecnologias, é possível realizar várias pesquisas além-fronteiras de modo a preparar da maneira mais conveniente o processo de migração. Relativamente a este processo de procura de informações, Abubakar et al. (2010, p. 52) referem: “a facilidade de acesso às informações sobre educação devido à internet e ao aumento do número de agências de aconselhamento educativo externas às universidades significa que os potenciais estudantes têm informação suficiente para avaliar e tomar decisões.”. É já nesta fase que os estudantes começam a saborear o novo mundo que os espera, para além do contacto com a instituição, têm a oportunidade de contactar com vários elementos da sociedade de acolhimento. Entre eles: contactar as autoridades estatais com o intuito de pedir informações referentes à documentação necessária para obtenção do título de residência; questões ligadas à saúde; procurar alojamento; contactar agências especializadas, ou ainda visitar o país de destino (Nadã, 2012, p. 39). Consoante as competências linguísticas e a personalidade de cada estudante, há quem faça questão de planear tudo ao detalhe enquanto ainda está no país de origem como também há quem goste de tratar destas questões só depois da chegada, encarando este processo como uma aventura.

É a chegada e a respetiva fase de adaptação a altura mais crucial para o desenvolvimento das relações sociais e académicas do estudante (Nadã, 2012, p. 40) Com esta dissertação aquilo que se tentará compreender são também as possíveis dificuldades encontradas neste processo e as medidas e atitude do IPLeiria perante os estudantes internacionais de maneira ajuda-los a ultrapassar estes desafios. Os primeiros dias, semanas ou até mesmo meses são de facto o período mais difícil de todo o processo de migração estudantil, a fase de adaptação, que mais uma vez irá depender de cada estudante. Este período é de tal maneira difícil que se torna crucial na construção do percurso do estudante internacional e nas decisões que ele virá a tomar. Nadã (2012, p. 40) aponta esta uma das mais significativas diferenças que há entre o estudante migrante e o estudante nacional visto que durante toda a experiência que a migração proporciona, e principalmente no período relativo à chegada, os estudantes migrantes têm mais desafios para ultrapassar em comparação aos seus colegas autóctones. Conforme Ang e Liamputtong: “para os estudantes internacionais que enfrentam muito mais desafios do que os seus colegas domésticos, que estudam no âmbito da sua cultura de origem, é crítico que o máximo de apoio possível seja fornecido para auxiliar a adaptação” (citado por Gresham e Clayton¹⁴). Além do apoio

institucional, o apoio da comunidade local é igualmente importante. Colegas, amigos ou simples habitantes da cidade, todos podem contribuir para a boa integração dos estudantes internacionais. Este ponto de contato é tão importante que leva mesmo os estudantes internacionais a definir o sucesso ou insucesso da experiência através dele. Conforme Gresham e Clayton¹⁴: “o desenvolvimento de relações profundas entre os estudantes internacionais e a comunidade de acolhimento tem impacto no modo em que os estudantes internacionais descrevem o sucesso ou o fracasso da sua experiência no estrangeiro”. Colegas, amigos ou membros da comunidade local acabam por preencher o vazio deixado por estratégias institucionais inadequadas para lidar com estudantes migrantes (Nadã, 2017, p. 338).

O encontro cultural apresenta-se então como um processo dinâmico e contínuo que está composto por várias etapas que se encaminham para a superação, através da assimilação ou da adaptação-integração dos migrantes, por um lado, e da aceitação por parte dos grupos majoritários, por outro (Olmos, Garrido, & Checa, 2003, p. 44). Desta forma, considera-se que cabe às Instituições de Ensino Superior desenvolver e proporcionar estratégias que promovam a integração social e académica dos alunos migrantes. Uma dessas estratégias é o conhecido “*Erasmus Buddy*”¹⁵. Este tipo de programa oferece ao estudante estrangeiro a possibilidade de ter uma pessoa, parte da comunidade académica e da cidade de acolhimento, que o ajude em várias situações, de modo a contribuir para a sua boa integração.

A título de exemplo, estes estudantes acolhedores ajudam os estudantes (i)migrantes a instalar-se e podem ajudar a realizar diversas atividades como: buscar os estudantes ao aeroporto, ajudá-los a encontrar um lugar para morar, a matricular-se e a mover-se pela cidade. “Não há dúvida que este tipo de ações – que praticamente nada custam ao estudante autóctone – podem fazer toda a diferença para os estudantes estrangeiros.” (Nadã, 2012, p. 41). Mas como todas as estratégias também o *Erasmus Buddy* tem as suas debilidades, como a incompatibilidade dos estudantes, a não atribuição de um estudante acolhedor, a falta de tempo disponível, entre outras. No seio do IPLeiria tentar-se-á compreender através dos dados empíricos recolhidos quais estas debilidades e de que forma estas podem afetar a perceção e o acolhimento do

¹⁴ citado por (Nadã, 2012, p. 40).

¹⁵ O *Erasmus Buddy* é um estudante do IPLeiria (ou outra IES) que se voluntaria para ajudar na integração dos estudantes estrangeiros que pretendem vir estudar numa das várias escolas do IPLeiria. (Santos, 2012, p. 45).

estudante. De referir que mesmo com um “amigo” da terra os problemas irão certamente surgir e para que a integração do estudante internacional seja possível, não é suficiente haver uma iniciativa por parte da população local e instituição de acolhimento. O próprio estudante tem de ter a vontade de interagir em primeiro lugar, com o espírito e mente aberta a acolher uma nova cultura.

Como já referido, a questão da integração socio-académica tem um peso muito forte na perceção do sucesso por parte do estudante migrante, quer a nível pessoal, quer na experiência num todo. A integração académica não pode ser entendida separadamente da integração social, pois uma influencia a outra e as duas formam as vivências do estudante (Nadă, 2012, p. 41), afetam o seu bem-estar psicológico e físico o que irá afetar também a sua produtividade, logo, o seu sucesso a nível académico. Assim sendo, podemos afirmar que a integração socio-académica é um dos pontos de contato mais importantes da experiência do estudante migrante, pois no desenrolar deste processo são afetados todos os outros parâmetros que levarão à satisfação, ou não, deste mesmo estudante em relação à sua experiência de um modo global.

Segundo a literatura da especialidade a satisfação do cliente tem uma relação direta com as suas expectativas. Kotler & Keller (2012, p. 128) defende que a satisfação consiste em sensações de prazer ou desapontamento resultantes da comparação de desempenho percebido em relação às expectativas das pessoas. O cliente pode experimentar vários graus de satisfação: se o desempenho percebido ficar aquém das expectativas, ele fica insatisfeito; se o desempenho corresponder às suas expectativas, fica satisfeito; se o desempenho exceder as expectativas, fica extremamente satisfeito ou encantado. Porém só se pode encantar o cliente se primeiro se garantir que ele está satisfeito. É também relevante lembrar que o cliente pode ficar satisfeito, mas não ser leal por diversos motivos, podendo ser alguns desses motivos alheios à própria instituição.

Não podemos encarar a satisfação de forma tão linear, a satisfação está ligada a certas sensações que o consumidor imagina estar a levar à satisfação de necessidades. O que realmente satisfaz as necessidades podem não ser fatores necessariamente percebidos pelo consumidor, quer dizer, não estão muitas vezes ao nível do consciente (Cobra, 1997, p. 37). A palavra “satisfação” refere-se ao sentimento ocasional ou temporário de um cliente sobre produtos ou serviços. Os clientes podem até estar satisfeitos, mas isso pode ser apenas porque as suas expectativas eram tão baixas que o produto ou serviço

não o decepcionou. A Satisfação não garante que o cliente esteja envolvido emocionalmente.

“Satisfação é a manifestação da realização do cliente”¹⁶. Sendo que o estudante migrante não se trata de um “cliente” usual, é particularmente importante auxiliá-lo e manter o contato institucional, dada a duração no tempo que o mesmo “usufrui” dos serviços e pelo facto de que todos os fatores internos e externos à instituição poderão moldar a sua percepção de realização. Fatores estes que nem sempre são possíveis de controlar ou prever.

Mas porque será importante garantir a satisfação do cliente!? Para além de todos os objetivos já referidos - em subcapítulos anteriores, inerentes ao desenvolvimento das capacidades do estudante numa sociedade em crescimento - e numa perspectiva meramente comercial: 1º queremos que ele volte, mesmo que como turista, ajudando desta forma ao desenvolvimento regional. Ao reunir algumas justificativas mais específicas para investir na internacionalização Grilo et al. (2011, p. 7) indica, entre outras, o valor líquido das futuras viagens para o país anfitrião que o estudante poderá realizar, pois a experiência internacional aumenta as probabilidades de viajar novamente para esse país. 2º que o cliente fale do nosso produto/serviço e, por consequência, influencie mais pessoas a tornarem-se clientes. Para que isso aconteça é estritamente necessário entender o cliente e as suas necessidades. “O bom entendimento dos públicos-alvo leva à adoção e adequação de estratégias específicas, de modo a provocar a satisfação do cliente. Esta satisfação é ponto-chave para a transformação do cliente em *Advocate*”¹⁷ (Santos, 2012, p. 22).

Estudantes migrantes mais satisfeitos vão falar bem da sua experiência e vão recomendar Portugal aos seus amigos, familiares e em diversas plataformas, o reverso também é verdade: estudantes migrantes menos ou nada satisfeitos, não recomendarão Portugal e diminuirão, a longo prazo, a sua atratividade no mercado global da educação internacional. Grillo et al. (2011, p. 7) lembram que: “o estudante estrangeiro pode transformar-se numa verdadeira ferramenta de *marketing e branding* da Universidade, caso esteja satisfeito com a experiência”. Esta propaganda boca-a boca é a mais barata

¹⁶ Richard Oliver, *Satisfaction: A behavioral perspective on the consumer*. New York: McGraw-hill, 1997.

¹⁷ O *advocate* é o cliente que recomenda determinada marca/serviço/produto. Assumem um carácter fiável, verídico e imparcial relativamente à sua recomendação, uma vez que não têm implicação direta nos resultados no produto/serviço que recomendam.

e eficaz. Portanto, por cada estudante estrangeiro que publicita a instituição que o acolheu, a possibilidade de a mesma ser escolhida por outros estudantes estrangeiros aumenta, aumentando assim o grau de atratividade e até de competitividade no mercado, mercado que Grillo et al. (2011) chamam de Mercado Global do conhecimento. No mesmo sentido Mazzarol & Soutar (2002) sugerem que recomendações pessoais ou recomendações boca-a-boca de ex-alunos (alumni) têm grande influência nos estudantes. Embora a decisão final de estudar no exterior seja decidida principalmente pelos próprios alunos.¹⁸

Conforme as suas vivências e percepção de satisfação, os estudantes migrantes poderão tornar-se em *advocates* da instituição e da região em que está inserida. “Para que tal suceda deverá ser criada uma superação das expectativas relacionadas com a satisfação da sua experiência, de modo a que imagem percebida da instituição, da região e do país possa ser recomendada e crie o desejo de repetição, mas de cariz turístico.” (Santos, 2012, p. 84).

¹⁸ Mazzarol & Soutar, citado por (Phang, 2013, p. 6).

CAPÍTULO II – Internacionalização e Mobilidade no IPLeiria

2.1. Caracterização da Instituição IPLeiria

O Instituto Politécnico de Leiria (IPLeiria) é uma instituição pública criada em 1980, pelo Decreto-Lei n.º 303/80, de 16 de agosto. Conta com mais de 38 anos ao serviço do Ensino Superior e estipulou como missão:

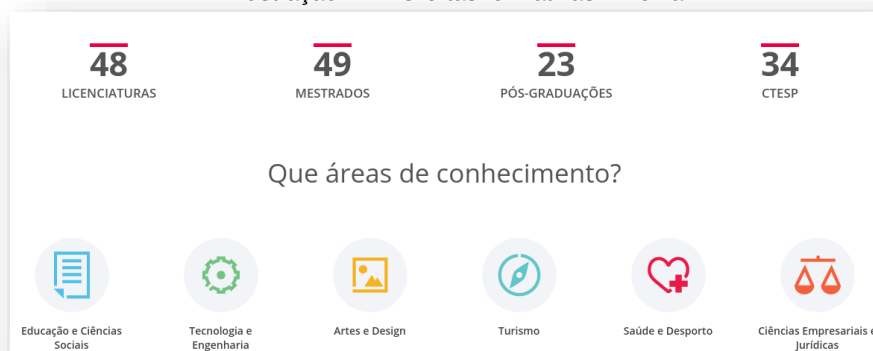
“O Politécnico de Leiria é uma instituição pública de ensino superior dedicada à educação e investigação, que forma cidadãos com competências relevantes para contribuir para o desenvolvimento sustentável regional e nacional, e que gera conhecimento e inovação de elevado valor cultural, económico e social.” (missão do IPLeiria *in Plano Estratégico 2020*)

Com sede em Leiria apresenta uma diversidade de ofertas formativas, as suas Escolas Superiores e Centros de Investigação estão localizados em vários pontos da região de Leiria e Oeste, nas cidades de Leiria, Caldas da Rainha, Peniche e Marinha Grande. As suas escolas superiores são as seguintes:

- Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS)
- Escola Superior de Tecnologia e Gestão (ESTG)
- Escola Superior de Artes e Design (ESAD.CR)
- Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar (ESTM)
- Escola Superior de Saúde (ESSLei)

O IPLeiria ministra 48 licenciaturas (em regime diurno, pós-laboral e ensino a distância), 49 mestrados, 23 pós-graduações e 34 Cursos Técnicos Superiores Profissionais. Caracterizando a sua oferta formativa por uma abrangente multidisciplinaridade, nas seguintes áreas de conhecimento: artes e design; ciências empresariais e jurídicas; educação e ciências sociais; engenharia e tecnologia; saúde e desporto e turismo.

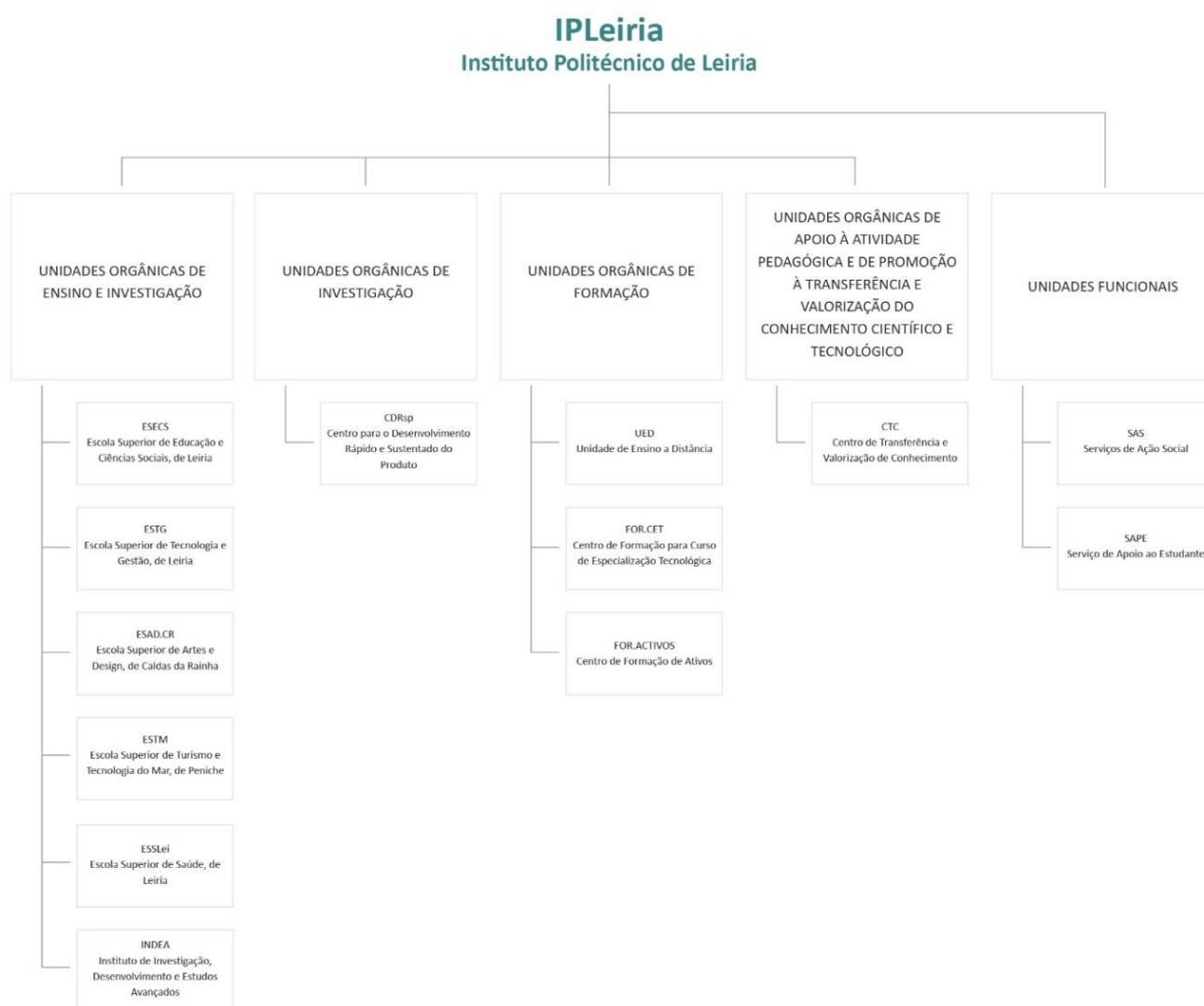
Ilustração 2.1 - Ofertas formativas IPLeiria



Fonte: Sítio da internet do IPLeiria. Consultado em 19 de junho de 2018:
<https://www.ipleiria.pt/estm/estudantes/pagina-dos-cursos/>

Sendo uma oferta formativa diversificada e adaptada às necessidades do mercado (IPLeiria, 2018). Socialmente relevante e articulada com as necessidades e saídas profissionais da região, do país e de um mundo cada vez mais global (IPLeiria, 2017, p. 22). Integra ainda a Unidade de Ensino a Distância (UED), os Serviços de Ação Social (SAS) e o Serviço de Apoio ao Estudante (SAPE). Abaixo podemos verificar o organograma do IPEleiria. (Descrição dos componentes do organograma do IPEleiria em anexo, Anexo 1)

Ilustração 2.2 - Organograma do IPEleiria



Fonte: Imagem recolhida sítio da internet do IPEleiria. Consultado em 19 de junho de 2018:
<https://www.ipleiria.pt/ipleiria/organizacao/>

O IPEleiria é o terceiro maior politécnico do país, a seguir ao do Porto e de Lisboa, e a nona maior instituição de ensino superior público do país (em 34) com 10.334

estudantes (ano letivo 2013/2014), cerca de 826 docentes, 3 investigadores e 425 colaboradores técnicos e administrativos (IPLeiria, 2017, p. 6 e 7) “A sua organização forma um todo complexo, mas altamente funcional. O IPLeiria tenta abranger uma diversidade de áreas capazes de colmatar as diferentes necessidades sentidas no meio académico, empresarial e social” (Santos, 2012, p. 40).

Ao consultar o art.º 7 dos estatutos da instituição, referente à estrutura de coordenação organizacional a diversos níveis: regional, nacional e internacional. Os serviços centrais do IPLeiria dispõem do Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional (GMCI) responsável pelo tratamento de todas as questões respeitantes à mobilidade e cooperação do Instituto e respetivas unidades orgânicas, nos planos nacional e internacional.¹⁹

Segundo os mesmos estatutos, no n.º 8 do art.º 105, verificam-se as competências do GMCI:

“8 - Incumbe ao Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional (GMCI) o tratamento de todas as questões respeitantes à mobilidade e cooperação do Instituto e unidades orgânicas nos planos nacional e internacional. Estes serviços deverão ser descentralizados, com o funcionamento de gabinetes de atendimento ao nível das Escolas.

8.1 - O GMCI compreende: a) Sector de estudantes; b) Sector de docentes e investigadores e de não docentes e não investigadores.”

2.2. Internacionalização no IPLeiria

“A internacionalização encetou novos e importantes passos em 2016 a que importa dar sequência. Desde o aprofundando de relações, em particular com parceiros de países lusófonos, à consolidação do trabalho que tem vindo a ser desenvolvido com novos parceiros na América do Sul e Ásia. A criação de graus académicos em associação e o desenvolvimento de novos projetos de formação são oportunidades que devemos ser capazes de aproveitar, incrementando a captação de estudantes e a mobilidade de estudantes, docentes, investigadores e outros colaboradores.” (Mensagem do Presidente Nuno Mangas in (IPLeiria, 2017, p. 4).

Ao desfolharmos o plano estratégico do Politécnico de Leiria 2020 é facilmente perceptível que a internacionalização se tem destacado como elemento fundamental na

¹⁹ Estatutos do Politécnico de Leiria, artigo n.º 3, 4 e 5 do art 7.ºA. Consultado em 19 de junho de 2018: https://www.ipleiria.pt/wp-content/uploads/2015/01/108_estatutos_ipl.pdf.

estratégia de desenvolvimento do instituto, sendo um dos focos principais durante os próximos anos o qual representa um dos cinco eixos estratégicos do IPLeiria. A instituição “pretende intensificar as atividades internas e externas de suporte” com o objetivo de “aumentar de modo gradual e sustentado resultados concretos”²⁰ nas diferentes áreas da internacionalização:

- captação de estudantes estrangeiros;
- mobilidade de estudantes, docentes e pessoal técnico e administrativo;
- desenvolvimento de atividades de formação, investigação e extensão em conjunto com parceiros internacionais, com especial atenção para ações no âmbito da União Europeia, da CPLP, da América Latina e da China.

Segundo dados recolhidos nos diversos relatórios de atividade do IPLeiria²¹ e no sítio da internet²². O número total de estudantes em mobilidade, tem vindo a aumentar nos **últimos anos 5 anos**, assistimos a um **aumento na ordem dos 240% de alunos em mobilidade** tanto para *incoming*, como para *outgoing*, nas diversas modalidades de programas de mobilidade.

Quadro 2.1 - Volume de mobilidade no IPLeiria

Ano Letivo	Incoming	Outgoing
2005/06	59	53
2006/07	67	62
2007/08	122	97
2008/09	154	126
2009/10	209	162
2010/11	255	201
2011/12	170	169
2012/13	389	269
2013/14	181	140
2014/15	318	147
2015/16	464	366
2016/17	466	377
2017/18	420	346

Fonte: Elaboração própria, dados dos relatórios de atividades e sítio da internet do IPLeiria

²⁰ (IPLeiria, 2017, p. 42)

²¹ Relatórios de atividades do IPLeiria 2006; 2007; 2009; 2010; 2012; 2013; 2014; 2015.

²² Factos e Números| IPLeiria. Consultado em 21 junho de 2018: <https://www.ipleiria.pt/ipleiria/ipl-em-numeros/>

Não foi possível contabilizar oficialmente as entradas de alunos internacionais anteriores ao ano de 2015/2016, pois esses dados não são apresentados nos relatórios de atividades disponíveis para consulta e mesmo depois de solicitado por diversas vezes ao GMCI, os números não foram disponibilizados. A única exceção encontra-se no relatório de atividades de 2015 (IPLeiria, 2016, p. 44) onde é registrado “um aumento da expressão do número de estudantes internacionais inscritos no IPlEiria ao abrigo do Estatuto de Estudante Internacional”. Tendo sido registrado relativamente ao ano letivo 2015/2016 “aproximadamente 110 admissões, das quais se destacam 46 estudantes provenientes da República do Equador e 29 estudantes da Índia” com maior peso nas formações de 2.º ciclo. Já no relatório de atividades de 2016 refere que no ano letivo 2015/2016 registaram-se 428 estudantes em mobilidade (outgoing) e ao abrigo do EEI “o IPlEiria acolheu um total de 354 estudantes internacionais” (IPLeiria, 2017, p. 12).

Quadro 2.2 - Volume de estudantes ao abrigo do EEI no IPlEiria

Ano Letivo	Incoming
2014/15	-
2015/16	354
2016/17	553
2017/18	822

Fonte: Elaboração própria, retirados dos relatórios de atividades e plano de atividades do IPlEiria

No Plano de Atividades de 2017 (IPLeiria, 2017, p. 23) é também referido que durante o ano letivo de 2016/2017, estavam inscritos no Politécnico de Leiria cerca de 1.019 estudantes estrangeiros (incluindo estudantes em mobilidade). Sendo 683 pertencentes a Licenciatura, 268 a mestrado e 68 a TeSP. Se ao somatório retirarmos os 466 alunos de mobilidade registrados pelo GMCI nesse ano, poderemos concluir que, nesse mesmo ano, estavam inscritos no IPlEiria 553 alunos internacionais. Ao relacionar com as 354 admissões do ano anterior percebemos um **aumento de cerca de 56,2% de alunos internacionais** em um ano. Provenientes de cerca de 60 nacionalidades diferentes, no decorrer do ano letivo 2016/2017, os estudantes estrangeiros do IPlEiria que tiveram uma maior representatividade são oriundos dos seguintes países: “o Brasil (16,2%), o Equador (14,5%), a China (14,3%), a Espanha (10,3%), a República de Cabo Verde (6,0%), a Índia (3,5%), a Ucrânia (3,3%), a Alemanha (2,9%), a Polónia (2,7%). O

conjunto das nacionalidades indicadas representa assim 73,9% do total de estudantes estrangeiros.” (IPLeiria, 2017, p. 23)

Durante o ano letivo 2017/2018 registraram-se no IPLeia 822 entradas de alunos internacionais. Entre alunos de mobilidade e ao abrigo do EEI somam-se um total de 1.242 entradas de estudantes estrangeiros inscritos no Politécnico de Leiria, no ano letivo 2017/2018. (IPLeiria, 2018, p. 25)

2.2.1. Resumo histórico da internacionalização de estudantes no IPLeia

O fenómeno da internacionalização do ensino superior está presente nas preocupações da generalidade dos países²³, “um pouco por todo o mundo, as IES têm vindo a reforçar as suas atividades de internacionalização. Uma tendência que contribui, por um lado, para a qualidade e prestígio da formação ministrada pelas instituições, por outro lado, é uma experiência gratificante e enriquecedora a nível académico e pessoal, com a melhoria das competências linguísticas e sociais, assim como o desenvolvimento pessoal a vários níveis” (IPLeiria, 2016, p. 39).

O IPLeia foi um dos primeiros Institutos Politécnicos Portugueses a fazer parte da rede LLP/Erasmus (anteriormente Sócrates), tendo sido um dos participantes no programa piloto para Gestão e Administração (Santos, 2012, p. 41).

Em média, entre 2000/2001 e 2005/2006, participaram em programas de *outgoing* 26 estudantes, por ano²⁴. A mobilidade internacional no IPLeia começava a ter alguma expressão ao nível dos alunos e ainda muito pouca relativamente a funcionários docentes e não docentes. Tendo participado no ao letivo 2005/2006, 53 alunos *outgoing* e 59 *incoming*. No ano letivo seguinte, em 2006/2007, foram registradas 67 entradas (*incoming*) de alunos em mobilidade e 62 alunos frequentaram cursos de instituições de ensino superior estrangeiras (*outgoing*). Entradas e saídas de alunos, na sua grande maioria, associadas ao antigo programa de mobilidade Sócrates/Erasmus e uma minoria a protocolos bilaterais com IES do Brasil (IPLeiria, 2007, p. 67).

Na autoavaliação do IPL em 2007 a “mobilidade” surge na análise SWOT inserida nos “pontos fracos” como: “Mobilidade internacional pouco desenvolvida”²⁵. Nos anos

²³ (Uma Estratégia para a Internacionalização do Ensino Superior Português, 2014).

²⁴ (Relatório Autoavaliação Institucional 2007, p. 22).

²⁵ (Relatório Autoavaliação Institucional 2007, p. 11)

seguintes verificou-se um incremento da participação dos alunos, funcionários docentes e não docentes.

A 24 de Março de 2007, por ocasião do 20.º aniversário do Programa Erasmus, o IPL organizou, pela primeira vez, o “Dia do Estudante Erasmus” para todos os estudantes Erasmus.

Com o objetivo estratégico de promover e divulgar a imagem institucional a nível nacional e internacional, já figurava, entre outras estratégias: “Manter a página web do IPL permanentemente atualizada e concluir a página web internacional, em língua inglesa, com ampla informação sobre o IPL, as ofertas de ensino graduado e pós-graduado, os programas de mobilidade, as atividades de I&D+I, etc.” (IPLeiria, 2008, p. 113). “Aumentar e diversificar a mobilidade internacional e intensificar a cooperação com outras instituições” passava também a figurar um objetivo estratégico, com estratégias a prosseguir relevantes, no entanto, nenhuma delas mesuráveis (IPLeiria, 2008, p. 119).

No ano letivo 2008/2009 registraram-se no IPLeiria 154 entradas de alunos (*incoming*) e 126 saídas de alunos que realizaram uma experiência no estrangeiro (*outgoing*). Um aumento de cerca de 161% e 137%, respetivamente, face aos números do ano letivo de 2005/2006.

Em 2009 a internacionalização dos estudantes é assumida como “uma aposta constante do IPL, e constitui um dos principais vetores da sua estratégia de desenvolvimento” (IPLeiria, 2010, p. 65), muito embora continue centrada maioritariamente nos programas europeus de mobilidade, em particular o programa Erasmus. Nesse mesmo ano, o Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional elaborou o “Guia do Estudante Internacional”, com informações úteis respeitantes à mobilidade no IPL, encontrando-se o mesmo disponível na sua página de internet”. Sendo nesse mesmo ano organizado pelo 3.º ano consecutivo, o “Dia do Estudante Erasmus/ Internacional”, que tinha como objetivo facilitar o encontro dos estudantes estrangeiros a estudar nas escolas do IPLeiria, trocando experiências e melhorando a sua integração, e que visitassem o distrito. O evento envolveu um passeio pelo distrito de Leiria, com visitas aos principais pontos turísticos e almoço (IPLeiria, 2010, p. 67).

Este dia, que começou por ser nomeado de “Dia do Estudante Erasmus”, viu a sua denominação alterada para “Dia do Estudante Erasmus/Internacional” e anos mais tarde, durante o ano letivo 2009/2010, passou apenas a designar-se por “Dia do

Estudante Internacional”²⁶ notando-se uma maior preocupação na definição das denominações, de modo a incluir todos os estudantes internacionais e não apenas os estudantes de Erasmus.

Com o objetivo de reforçar a mobilidade Erasmus no âmbito dos Mestrados foi realizada durante o ano letivo 2009/2010 uma ação de explicitação das condições de mobilidade para estes alunos, permitindo pela primeira vez a deslocação de alunos nesta condição (IPLeiria, 2011, pp. A-65).

Entre 7 e 11 de maio de 2012 é realizada com sucesso a primeira “Semana Internacional do IPEiria” – atualmente esta semana envolve de forma dinâmica as 5 Escolas do IPEiria, procura incentivar a mobilidade dos estudantes e dos colaboradores técnicos e administrativos. Diversas iniciativas compõem o dia internacional de cada Escola, onde se dá a conhecer diversas nacionalidades, a sua gastronomia, língua, hábitos e cultura, através de aulas abertas, seminários, workshops, conferências, exposições, entre outros (IPLeiria, 2013).

Durante o ano letivo 2012/2013, de forma a divulgar a oferta formativa do IPEiria nos mercados internacionais, deu-se início a “um conjunto de iniciativas visando o recrutamento de *estudantes internacionais* ao nível da graduação e da pós-graduação” (IPLeiria, 2014, p. 39). Até este ano, em todos os relatórios e documentos do IPEiria nunca aparece mencionado o “estudante internacional” ou o “estudante estrangeiro”, nem tão pouco o “estudante europeu”. Sendo pela primeira vez mencionado o “estudante internacional” como sendo uma tipologia de aluno.

O facto desta definição tardia pode ser explicado no relatório do ano seguinte que dá conta da publicação do Estatuto do Estudante Internacional (EEI): “O recrutamento deste tipo de estudantes (estrangeiros) será uma das atividades de maior relevo, tirando partido do Estatuto do Estudante Internacional”. O EEI foi publicado em Diário da República, em março de 2014, e estabelece as regras para a captação de estudantes estrangeiros. Neste estatuto não estão incluídos os estudantes internacionais oriundos dos Estados-membros europeus, nem os estudantes de programas de mobilidade curtos, como o Erasmus (IPLeiria, 2015, p. 11). Desta forma está provada a existência

²⁶ Por curiosidade, no relatório de atividades 2010 a princípio é mencionado como objetivo a cumprir a realização do “Dia do Estudante Erasmus” e em anexo é mencionado “Dia do Estudante Internacional” como sendo um objetivo realizado com sucesso. Denotando uma transformação natural de conceitos.

de uma alteração de conceitos transcendente às próprias instituições de ensino superior.

Ainda no decorrer do ano letivo 2013/2014 sob o ano temático: “IPL (+) Global” foi regulamentado, ao nível do regulamento interno, o Estatuto do Estudante Internacional do IPLeiria (Despacho n.º 5546/2014, publicado na 2.ª série do Diário da República n.º 78, de 22 de abril).²⁷ Também é feita uma menção ao relatório: “Uma Estratégia para a Internacionalização do Ensino Superior Português”. Este relatório, datado de maio de 2014, propunha na altura uma estratégia global de internacionalização do ensino superior português e enumerava um conjunto de 40 recomendações – nas áreas da cooperação institucional, da mobilidade, da promoção e da governança – que pretendia inspirar um plano de ação por parte das IES. (IPLeiria, 2015, p. 11)

Neste domínio importa destacar o surgimento do novo programa da UE para o ensino, a formação, a juventude e o desporto – Erasmus + – para o período de 2014-2020, que substitui os programas vigentes da UE em todos os domínios da educação.

O IPLeiria ao longo dos anos acompanhou esta tendência de internacionalização do ensino superior “através da aposta na: i) promoção da oferta formativa junto de estudantes internacionais; ii) promoção de programas de mobilidade internacional; iii) desenvolvimento de ações de cooperação; iv) incremento de acordos e parcerias e a participação em redes internacionais com expressão em projetos e na oferta de graus conjuntos; v) presença em fóruns internacionais.” Para o efeito, o IPLeiria estabeleceu o ano letivo 2014/2015 como o ano temático “IPL+Global”, tema que assinalou também o ano letivo anterior, visando sensibilizar toda a comunidade académica, parceiros e todas as entidades com quem o IPLeiria se relaciona para a temática da internacionalização (IPLeiria, 2016, p. 39).

No ano letivo de 2014/2015, o IPLeiria expandiu-se para fora da UE ao nível dos programas comunitários. Por um lado, com a “participação no Programa Erasmus Mundus, em que foram recebidos e enviados os primeiros participantes da 1.ª edição do projeto INFINITY, com o leste Europeu e foram recebidas as primeiras inscrições do projeto Cruz del Sur, com a América Latina” e cujas mobilidades tiveram início no ano letivo 2015/2016 e 2016/2017. Por outro lado, “foi formalizada a primeira candidatura do IPLeiria ao ICM - International Credit Mobility, que envolve mobilidades de e para países

²⁷ (Relatório de Atividades 2014, p. 15).

terceiros, ou seja, países de qualquer região do globo para além dos que fazem parte integrante da UE”.

É de destacar ainda a participação do IPLeiria, pela primeira vez, em Joint Master Degrees, “tendo formalizado os seus dois primeiros double degrees com parceiros de países do leste europeu, no âmbito do projeto RETHINK” (programa comunitário TEMPUS). (IPLeiria, 2016, p. 39)

Em 2015/2016 foram recebidos 428 estudantes em mobilidade ao abrigo dos programas Erasmus+ (estudos e estágios), Erasmus Mundus e Tempus Rethinke, e no âmbito de cursos de curta duração e protocolos de cooperação internacional (IPLeiria, 2017, p. 81).

No ano letivo de 2016/2017, estavam inscritos no Politécnico de Leiria 1.019 estudantes estrangeiros (incluindo estudantes em mobilidade). Sendo 683 pertencentes a Licenciatura, 268 a mestrado e 68 a TeSP. Destes, 553 alunos ao abrigo do EEI. (IPLeiria, 2017, p. 23) Ao relacionar as cerca de 110 admissões do ano anterior percebemos um aumento de cerca de 400% de alunos internacionais em um ano. E um aumento de cerca de 1300% em 10 anos face ao ano de 2006/2007 que apenas foram registradas 68 entradas de alunos em mobilidade e nenhuma entrada de estudantes internacionais.

Durante o ano letivo 2017/2018 registraram-se no IPLeiria 420 entradas de alunos em mobilidade (*incoming*) e 822 entradas de alunos internacionais, registrou-se ainda 346 saídas de alunos que realizaram uma experiência de mobilidade internacional (*outgoing*). Entre alunos de mobilidade e ao abrigo do EEI somam-se um total de 1242 entradas de estudantes estrangeiros inscritos no Politécnico de Leiria, no ano letivo 2017/2018. (IPLeiria, 2018, p. 25)

Ao longo dos anos, o Politécnico de Leiria tem intensificado as atividades internas e externas de suporte à internacionalização da instituição no sentido de aumentar de modo gradual e sustentado resultados concretos: a captação de estudantes estrangeiros; a mobilidade de estudantes, docentes, investigadores e pessoal técnico e administrativo; e o desenvolvimento de atividades de formação, investigação e extensão em conjunto com parceiros internacionais, com especial atenção para ações no âmbito da União Europeia, da CPLP, da América Latina e da China. (IPLeiria, 2017, p. 79) Neste contexto, o acolhimento de estudantes internacionais é reforçado ano após ano, com a

realização de diversas atividades, que nos dias de hoje contam por exemplo com: o “Sunset Party”, “Semana Internacional”, “Lanche Internacional de Natal”, o concerto “Dogtown Rap”, o “Meeting ESAD.CR”, a realização de visitas de estudo à região, e a dinamização de workshops especialmente dirigidos a estudantes estrangeiros (“Técnicas Fotográficas Alternativas”, “Serigrafia - Fotografia de cidades”, “Outside surface - Ceramic workshop”).

CAPÍTULO III – Apresentação e Discussão dos Resultados

3.1. Objetivos da Investigação

Esta pesquisa, com objetivos e características um pouco mais exploratórias e descritivas, no sentido em que ainda não é conhecida nenhuma pesquisa empírica semelhante no seio do IPLeiria, tem como objetivo geral a procura de um primeiro contacto com a temática. Tendo já algum conhecimento no terreno e acesso à literatura da especialidade, um segundo objetivo passou por descrever estes fenómenos à luz do que se passa nesta instituição.

A investigação procurará saber se existe de facto algum tipo de carência no que toca ao apoio, acompanhamento e inserção dos estudantes de mobilidade e estudantes internacionais no IPLeiria através de uma avaliação quantitativa e qualitativa realizada aos próprios alunos *incoming* e *outgoing*. Os estudantes não moveis do IPLeiria, aqueles que não participaram em nenhum programa de mobilidade, também serão analisados no sentido de perceber a sua perceção em relação à mobilidade e os principais motivos que os levam à não participação neste tipo de programa.

Tentar-se-á ainda compreender as possíveis dificuldades encontradas pelos alunos nos diferentes processos e as medidas e atitudes a tomar perante os estudantes internacionais de maneira a ajudá-los a ultrapassar estes desafios.

O presente estudo também pretende identificar quais as áreas que a Instituição em análise (IPLeiria) deveria considerar no futuro, para melhor atender às expectativas dos estudantes do IPLeiria a nível académico, em particular os estudantes estrangeiros, e assim fornecer uma visão importante na definição das estratégias de recrutamento e no melhoramento da operacionalização da Internacionalização.

3.2. Investigação

Após a apresentação do quadro teórico, é importante refletir sobre o mesmo, aplicando em contexto real as conceções previamente apresentadas. Este estudo assume como públicos-alvo principais os estudantes dos vários campus do IPLeiria incluindo alunos de mobilidade e alunos internacionais. Para os alunos que nunca tiveram nenhuma experiência internacional é necessário perceber o porquê e se realmente esse(s) motivo(s) foram fulcrais para a sua não participação ou se resultou de uma mera opção

académica/profissional. Em relação aos alunos que já participaram num programa de mobilidade através do IPLeiria tentar-se-á perceber, entre outras coisas, onde encontrou mais dificuldades, se viajou para algum país durante a sua experiência, se as condições de alojamento foram as ideais e, obviamente a avaliação global da experiência. Para os alunos estrangeiros (de mobilidade e internacionais) que estão a estudar em Portugal, mais concretamente no IPLeiria, o processo será semelhante, com maior enfoque nas condições oferecidas à chegada e o acompanhamento durante todo o processo.

O questionário foi desenvolvido através da adaptação de questionários já existentes sobre mobilidade dos estudantes europeus, como os relatórios de autoavaliação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC, 2013) e (IPVC, 2016). Todas as escalas mostraram-se consistentes. O tempo médio de conclusão do questionário foi entre quatro e onze minutos e os participantes estavam livres para recuar e rever todas as respostas antes de enviar o questionário. O questionário foi pensado e dirigido a todos os alunos ativos do IPLeiria e ainda aos ex-alunos que acabaram o seu curso à menos de 5 anos, por um lado, de forma a obter mais respostas e evidentemente uma maior veracidade dos resultados considerando-se o espaço de tempo ideal para que essas respostas representem uma mais valia.

3.3. Metodologias da Investigação

Os resultados apresentados baseiam-se numa recolha de dados através de uma abordagem de complementaridade entre procedimentos quantitativos e qualitativos, realizada entre 1 de fevereiro e junho de 2018 nos quatro campus do IPLeiria (ESECS, ESTG + ESSLei, ESAD.CR, ESTM), por via eletrónica. Os questionários foram disponibilizados e respondidos em duas línguas, português e inglês (Apêndice 1 e 2). A partir das listagens existentes no IPLeiria, foram contactados via email todos os alunos inscritos no ano letivo 2017/2018. Com vista a potenciar um maior número de respostas disponibilizou-se o inquérito on-line através da rede social Facebook e, adicionalmente, contactou-se alguns alunos através da mesma rede social.

Os inquéritos foram enviados a todos os alunos do IPLeiria, no entanto só foram aceites, para a presente pesquisa, os alunos a partir do segundo ano de licenciatura (com exceção dos alunos internacionais) por considerar-se que no primeiro ano, para além de não poderem participar em qualquer tipo de programa de mobilidade, ainda estão numa fase de adaptação à vida académica, podendo as respostas ser facilmente influenciadas. Também não se considerou os alunos de cursos TeSP, que apesar de no

fim do 2º ano de curso poderem realizar um estágio no estrangeiro ao abrigo do programa de mobilidade (Erasmus), considerou-se não ser parte do objeto de estudo, sendo o foco principal outras formas de mobilidade e internacionalização.

Durante o mês de setembro de 2018 foram adicionalmente inquiridos alguns alunos internacionais e de mobilidade a fim de complementar a amostra já recolhida. Os questionários aplicados foram rigorosamente os mesmos, mas em detrimento do formato digital optou-se pelo formato analógico (papel), tendo sido prestado apoio no preenchimento dos mesmos.

3.3.1. Amostra

Obteve-se um total de 508 inquéritos respondidos de uma amostra não probabilística, por conveniência. Restringiu-se o banco de dados a estudantes de 1º e 2º ciclo (excluindo estudantes de 1º ano de licenciatura) e filtrou-se respostas duplas ou inconclusivas, num total de 123 inquéritos não válidos. Como resultado, a amostra final consiste de 385 inquéritos válidos com uma idade média de 23 anos.

Não foi possível calcular as taxas de resposta uma vez que não foi fornecido por parte dos serviços de cada escola superior o número total de alunos para os quais o convite (via e-mail) foi enviado. Sendo também incalculável o número de pessoas que tiveram acesso ao inquérito através da rede social Facebook.

Sendo o aluno, autor da presente dissertação, oriundo da ESTM é natural um contacto mais próximo com este campus que resultou num maior número de inquéritos derivados desta escola (Gráfico 3.2). A análise da distribuição por sexo revelou que 61 por cento da amostra pertence ao sexo feminino, contra 39 por cento do sexo masculino (Gráfico 3.3), a maioria dos inquiridos tem idade compreendida entre os 18 e os 29 anos, seguindo-se uma amostra pontual entre os 30 e os 36 anos (Gráfico 3.4).

Gráfico 3.2 - Origem dos inquiridos por campus

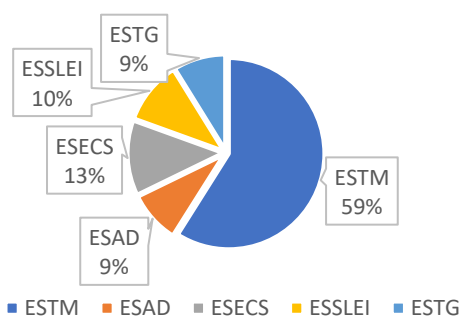
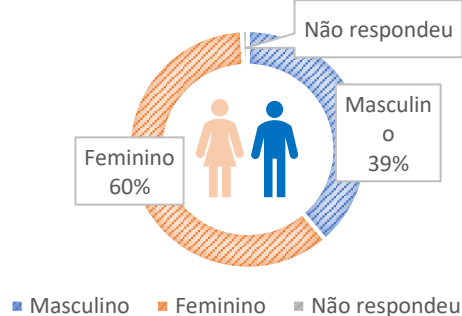
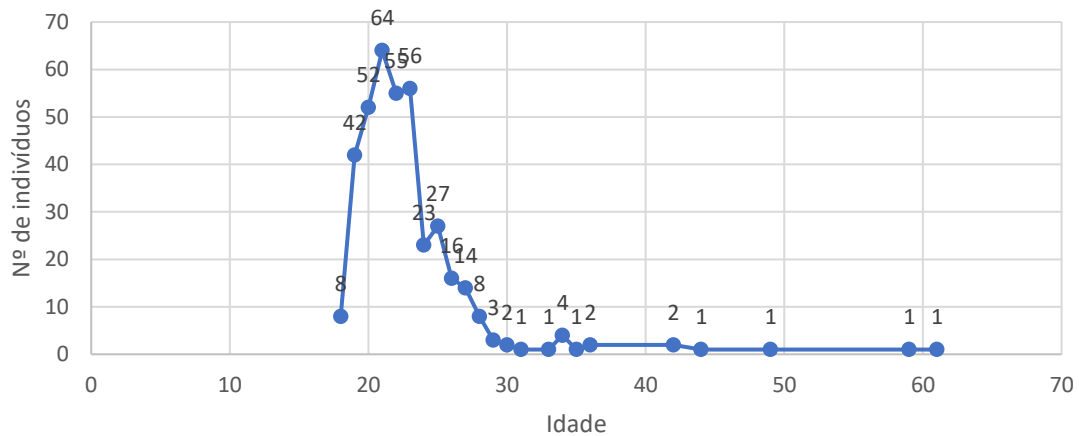


Gráfico 3.3 - Género dos inquiridos



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 3.4 - Idade dos inquiridos



Fonte: Elaboração própria

3.3.2. Método

Após a conclusão da coleta de dados, os alunos foram divididos em três grupos diferentes, a fim de comparar os seus resultados. O primeiro grupo diz respeito ao grupo de estudantes não móveis, alunos do IPLeiria que nunca participaram em nenhum programa de mobilidade ($n = 237$), nomeadamente os alunos que responderam “não” à pergunta “Durante a sua formação teve alguma experiência académica ou profissional fora do seu país de origem?”. O segundo grupo, é formado por estudantes móveis *outgoing* que responderam “sim” na mesma pergunta e que realizaram um estágio profissional no estrangeiro ($n = 29$) ou que realizaram um programa de estudos no estrangeiro ($n = 67$). O terceiro e último grupo engloba estudantes móveis *incoming* ($n = 54$), e inclui os estudantes que indicaram que passaram um período de estudos no exterior, nomeadamente em Portugal, não sendo relevante para a análise do presente estudo fazer a distinção entre aqueles estudantes que vieram ao abrigo de um programa de mobilidade ou ao abrigo do EEI.

3.4. Estudantes não Móveis

Ao primeiro grupo, constituído por alunos do IPLeiria que nunca participaram em nenhum programa de mobilidade ($n = 237$), vamos dar o nome de “estudantes não móveis”. Estes estudantes responderam “não” à pergunta: “Durante a sua formação teve alguma experiência académica ou profissional fora do seu país de origem?”.

3.4.1. Caracterização dos estudantes

Estes estudantes são essencialmente Portugueses, ou com dupla nacionalidade. Neste grupo de 237 inquiridos, 31 alunos pertencem ao 2º ciclo do ensino superior (Mestrado), e os restantes 206 ao 1º ciclo (licenciatura), distribuídos por 47 cursos diferentes (Apêndice 3). A grande maioria é representada por estudantes ainda em atividade, nomeadamente de 2º ano e 3º ano, juntos totalizam 77%. Os restantes 23% é representado por estudantes cujo curso já terminou, nomeadamente em: 2013; 2014; 2015; 2016; 2017 e 2018 (Gráfico 3.5). À pergunta: “O que melhor descreve o local onde cresceu?” mais de metade dos inquiridos deste grupo respondeu “rural /aldeia / vila”, 35 % “cidade média e 12% “cidade grande” (Gráfico 3.6).

Gráfico 3.5 - Ano que frequenta/ termino de curso

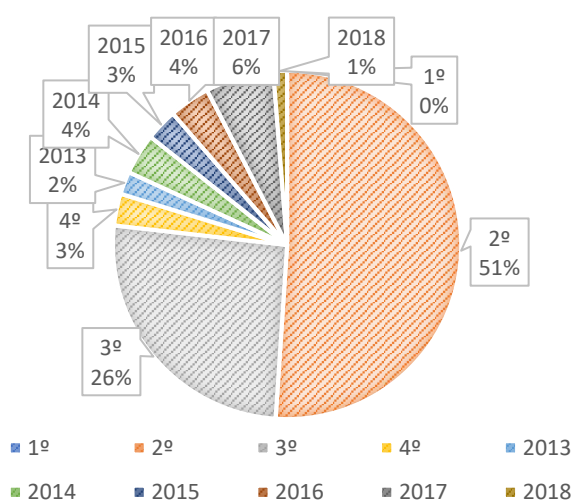
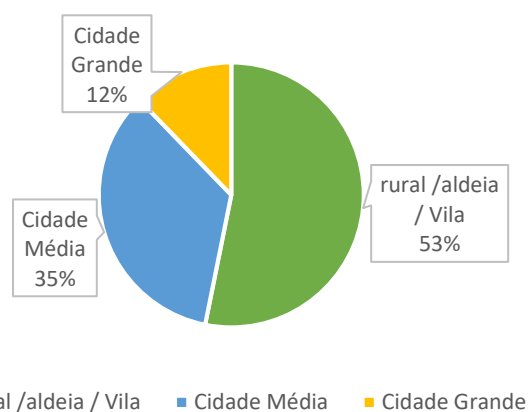


Gráfico 3.6 - O que melhor descreve o local onde cresceu?

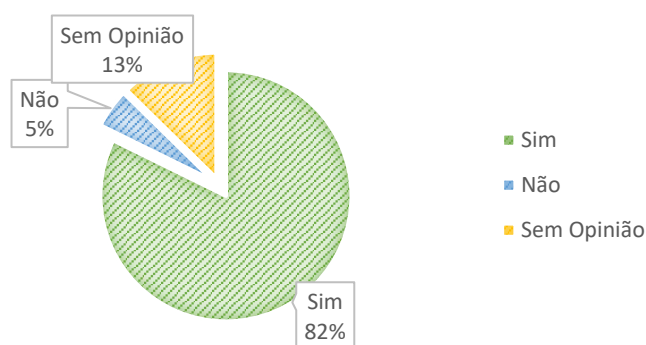


Fonte: Elaboração própria

3.4.2. Nível de interesse em programas de mobilidade

Sabendo que os estudantes pertencentes a este grupo não experienciaram nenhuma vivência académica ou profissional fora do seu país de origem durante o seu percurso académico, foi-lhes questionado se gostariam de “ter realizado algum programa de mobilidade internacional?” com a finalidade de perceber o seu nível de interesse neste tipo de programas no estrangeiro.

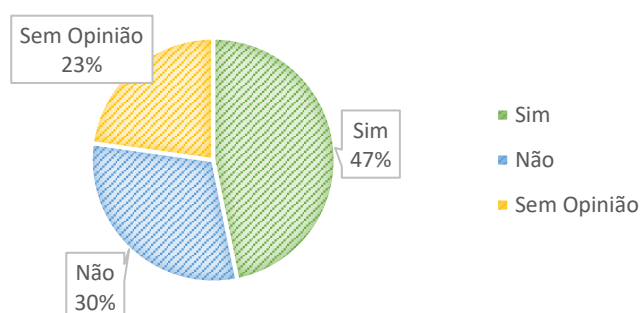
Gráfico 3.7 - Gostaria de ter realizado algum programa de mobilidade internacional (Ex. Erasmus, estágio Erasmus, outros...)?



Fonte: Elaboração própria

Ao analisar o gráfico 3.7 observa-se que a grande maioria dos inquiridos deste grupo (82%) respondeu afirmativamente, 13% admitiu não ter opinião fundamentada e apenas 5% afirmou não ter qualquer tipo de interesse em programas internacionais de mobilidade. Isto é, para uma maioria significativa de estudantes e ex-estudantes que frequentam ou frequentaram o IPEiria a ideia de viajar para o estrangeiro a fim de realizar um estágio, um programa de estudos ou investigação é de facto algo ambicionado. O gráfico 3.8 serve para a confirmação desta hipótese, ao serem questionados se ainda tencionam “realizar algum programa de mobilidade internacional?”, 47% respondeu afirmativamente. Uma percentagem muito elevada atendendo ao facto de que mais de 60% dos inquiridos deste grupo já terminou os seus estudos ou está no ano de conclusão do seu curso superior. Com estes dados entende-se que os programas de mobilidade são vistos como uma mais valia entre os estudantes do IPEiria, sendo elevada pretensão de participar em tais programas.

Gráfico 3.8 - Ainda tenciona realizar algum programa de mobilidade internacional?

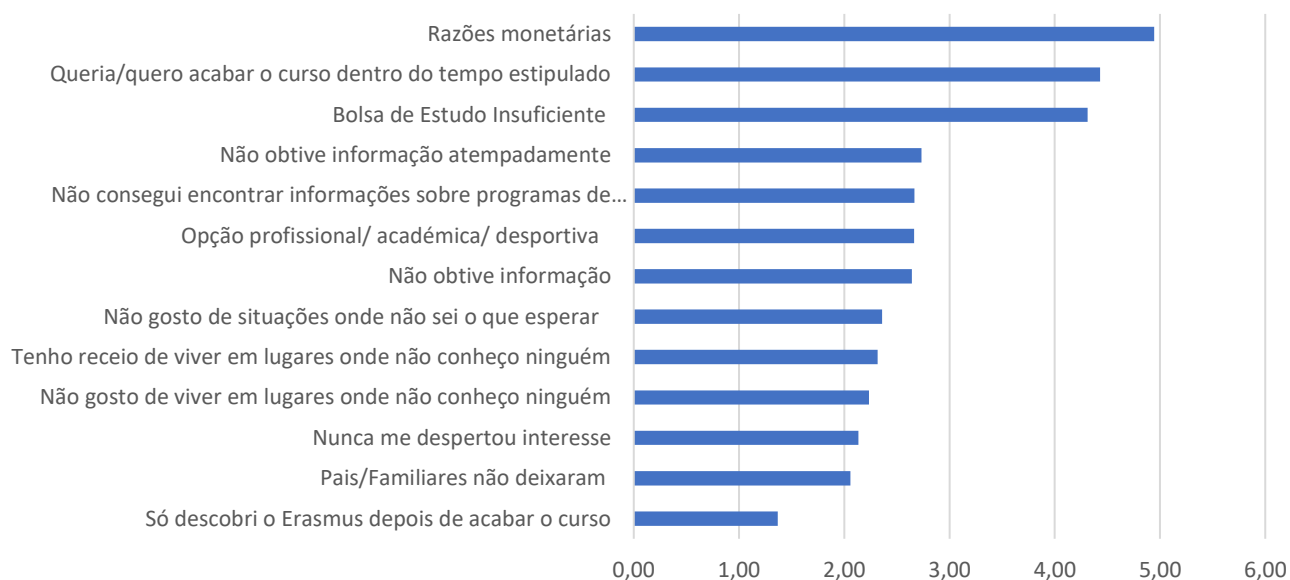


Fonte: Elaboração própria

3.4.3. Motivos para a não realização de uma experiência de mobilidade

Segue-se a pergunta mais importante e que maiores conclusões poderão advir acerca deste grupo de alunos relativamente à mobilidade: “Numa escala de 1 (nada importante) a 7 (muito importante), quais os motivos para ainda não ter realizado uma experiência de mobilidade no exterior?”. Ao formular esta pergunta o objetivo pretendido seria entender na prática o que leva os estudantes a não realizar uma experiência de mobilidade no estrangeiro. Para a análise da seguinte questão fez-se uma média de todas as respostas (Gráfico 3.9):

Gráfico 3.9 - Numa escala de 1 (nada importante) a 7 (muito importante), quais os motivos para ainda não ter realizado uma experiência de mobilidade no exterior?



Fonte: Elaboração própria

Numa perspetiva simplista ao analisar o gráfico 3.9 observa-se que, sem dúvida, a figurar o primeiro lugar aparecem as questões relativas ao financiamento da experiência, as já faladas “razões monetárias” ou “bolsa de estudo insuficiente” são os motivos que mais pesam na decisão de não participar neste tipo de experiências por parte dos estudantes do IPLeiria. De referir que as bolsas Erasmus+ são atribuídas para cobrir os custos suplementares consequentes da mobilidade, advindas da realização do período de estudos noutro país, prevendo-se para o efeito as “despesas de viagem” e “estadia”, bem como um ajustamento de despesas resultantes das “diferenças do custo de vida” do país de acolhimento. O programa pretende, não colmatar todas as despesas, mas

sim suplementar consoante o nível de vida de cada país. Ainda assim, segundo a mesma fonte “os estudantes de grupos desfavorecidos e os estudantes de regiões ou países do programa ultraperiféricos podem beneficiar de apoio adicional”.²⁸ Estes motivos parecem ser um entrave não só para os estudantes do IPleiria mas também para estudantes a nível nacional, pois a Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação deu conta que considerou “oportuno, pertinente e sustentável aumentar o montante das bolsas Erasmus em Portugal”²⁹ já no ano de 2018. Adiante, no próximo ponto, veremos quanto despendem os estudantes *outgoing* por mês ao realizar a sua experiência de mobilidade bem como a sua opinião em relação às bolsas atribuídas.

Em segundo lugar aparecem questões relacionadas com o foro psicológico e social, sendo indicado os motivos “acabar o curso dentro do tempo estipulado” e “opção profissional/ académica/ desportiva”. Está implementada uma ideia generalizada de que caso um aluno realize um qualquer programa de mobilidade terá de atrasar os seus estudos ou terá mais dificuldade em os acabar dentro do tempo estipulado. De certa forma, é uma ideia que se verifica ter um fundo de verdade, pois raramente os créditos atribuídos coincidem e por vezes oscilam de forma inconstante de instituição para instituição, obrigando o aluno a “jogar” com as disciplinas de outros semestres de forma a obter as equivalências desejadas. Por outro lado, é aceitável e natural que, por exemplo, um trabalhador a tempo inteiro ou mesmo trabalhador-estudante não estejam dispostos a deixar a sua “segurança e conforto” para ir em busca de uma experiência de mobilidade de curta duração no estrangeiro, especialmente se tiverem uma situação familiar complicada ou alguém ao seu encargo. No caso de um atleta de média/alta competição, tendo em conta a duração da mobilidade poderá suceder-se o mesmo e não querer deixar aquilo pelo qual está a “lutar” no sentido de ir para um local no estrangeiro onde não conhece as condições de treino e mandar fora o trabalho até então realizado, não podendo inclusive participar nas provas desportivas no seu país.

Em relação aos motivos: “não obtive informação”, “não obtive informação atempadamente” e “não consegui encontrar informações sobre programas de mobilidade” poder-se-ia pensar quem mais apontou estes motivos como causa para a sua não participação num programa de mobilidade seriam alunos cujo curso já terminou

²⁸ Comissão Europeia, consultado em 23 de agosto de 2018: https://ec.europa.eu/programmes/erasmus-plus/opportunities/individuals/students/studying-abroad_pt.

²⁹ Agência Nacional Erasmus+ Educação e Formação, consultado em 23 de agosto de 2018: <https://erasmusmais.pt/noticias/aumento-das-bolsas-erasmus-em-2018>.

à mais anos, altura em que talvez a informação pudesse não estar a ser divulgada de forma tão fluida como desejável e existia menos alunos a participar em programas de mobilidade que *incoming* quer *outcoming* . Mas não, esta opinião vem na sua maioria por parte de alunos ainda em atividade o que faz colocar as seguintes hipóteses: ou o problema está nas escolas que não estão a fazer um bom trabalho na divulgação dos programas de mobilidade ou os alunos não se interessam em procurá-la até ser demasiado tarde.

3.4.4. Análise qualitativa

Outros motivos apontados pelos inquiridos deste grupo foram os seguintes:

- Não existia Erasmus para o local que eu desejava, nomeadamente Estados Unidos;
- No passado os estudos nunca foram prioridade;
- IPL não fornece qualidade nos programas de Erasmus nem me oferece segurança em ir para Erasmus por parte desta instituição;
- Pouca oferta no meu curso, locais que não tinham muito interesse para mim;
- Créditos não suficientes;
- Vida familiar e não saber línguas.

Uma vez apresentadas as razões pelas quais os estudantes inquiridos do IPLeiria não realizaram nenhuma experiência de mobilidade, impõe-se como necessário relacioná-las com a instituição em causa. Ou seja, quais das razões acima são diretamente influenciadas pelo IPLeiria e quais são completamente exteriores à instituição? Como é que esta instituição podia agir de maneira a melhorar as suas práticas para enviar mais estudantes para o estrangeiro?

Dos motivos apresentados os seguintes parecem ser influenciados diretamente pelo IPLeiria: “não obtive informação atempadamente”; “opção profissional/ académica/ desportiva”; “não obtive informação”; e “não consegui encontrar informações sobre programas de mobilidade”. Seria importante realçar: “queria acabar o curso dentro do tempo estipulado” como sendo, de todos os motivos, o segundo que mais pesa na decisão de não participar em qualquer programa de mobilidade no IPLeiria. Motivo este que, de alguma forma, também poderá estar diretamente relacionado com os “créditos insuficientes”, a “pouca oferta” e a falta de “qualidade e segurança dos programas”. No sentido de enviar mais estudantes para o estrangeiro não basta a realização de mais

acordos internacionais. Garantir e monitorizar a qualidade desses acordos é uma necessidade que aumentaria a possibilidade que mais estudantes do IPLeiria desejassem estudar no estrangeiro.

3.5. Estudantes Móveis Outgoing

O segundo grupo, de estudantes móveis *outgoing* é formado por alunos que realizaram um estágio profissional no estrangeiro (n = 29) ou que realizaram um programa de estudos no estrangeiro (n = 67). Estes estudantes responderam “Sim” à pergunta: “Durante a sua formação teve alguma experiência académica ou profissional fora do seu país de origem?”.

3.5.1. Caracterização dos estudantes

São também eles Portugueses, ou com dupla nacionalidade. Neste grupo de 96 inquiridos, 20 alunos pertencem ao 2º ciclo do ensino superior (Mestrado), e os restantes 76 ao 1º ciclo (licenciatura), distribuídos por 21 cursos diferentes (Apêndice 4). A grande maioria é representada por estudantes ainda em atividade, nomeadamente de 2º ano, 3º ano e 4ºano, juntos totalizam 76%. Os restantes 24% é representado por estudantes cujo curso já terminou, nomeadamente em: 2013; 2014; 2015; 2016; 2017 e 2018 (Gráfico 3.10). À pergunta: “O que melhor descreve o local onde cresceu?” mais de metade dos inquiridos deste grupo respondeu “rural /aldeia / vila”, 23% “cidade média” e 18% “cidade grande” (Gráfico 3.11).

Gráfico 3.10 - Ano que frequenta/ termino de curso

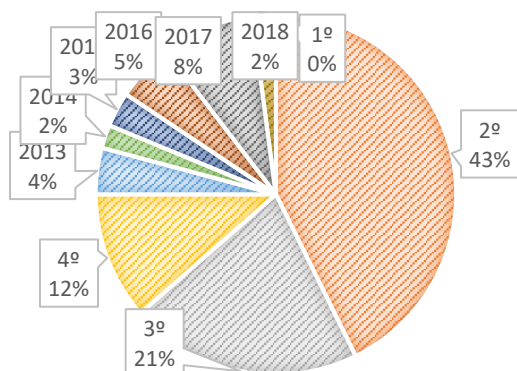
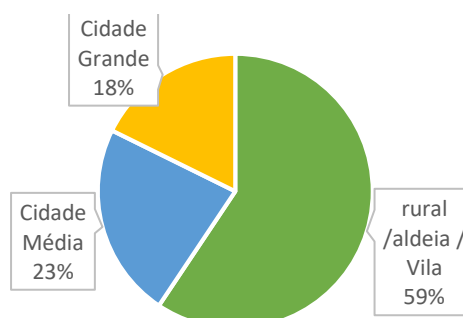


Gráfico 3.11 - O que melhor descreve o local onde cresceu?



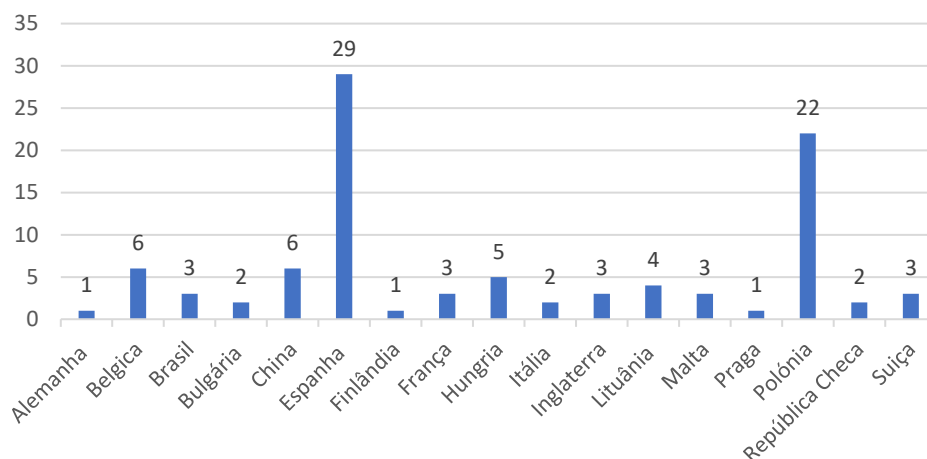
■ 1º ■ 2º ■ 3º ■ 4º ■ 2013 ■ 2014 ■ 2015 ■ 2016 ■ 2017 ■ 2018 ■ rural /aldeia / Vila ■ Cidade Média ■ Cidade Grande

Fonte: Elaboração própria

3.5.2. Caracterização do estágio/ensino

Os destinos preferidos dos alunos inquiridos para a realização da sua mobilidade são: Espanha (estágios) e Polónia (estudos) como se pode verificar no Gráfico 3.12:

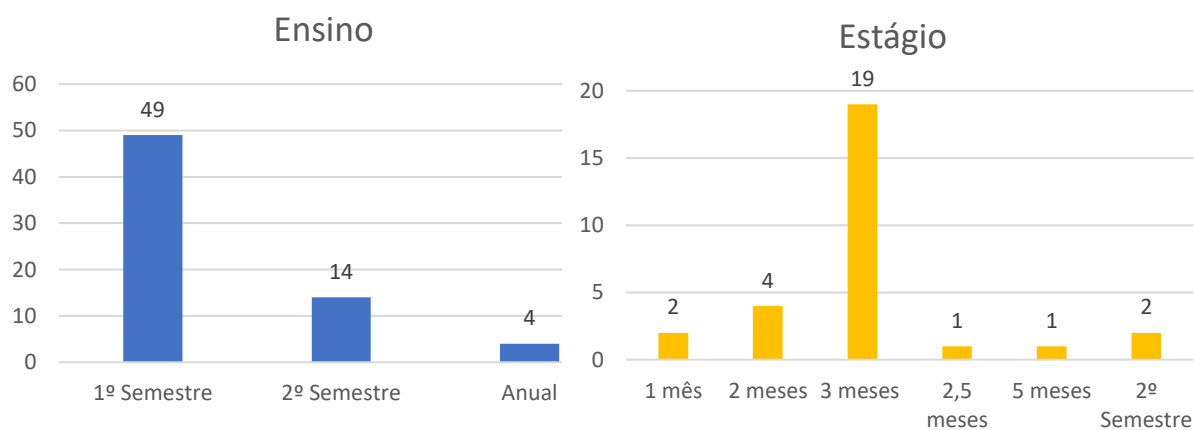
Gráfico 3.12 - Qual o país onde realiza ou realizou Erasmus/ Programa de mobilidade/internacionalização?



Fonte: Elaboração própria

Quanto à duração da mobilidade, varia bastante de aluno para aluno. A tendência para a duração do estágio é de 3 meses, enquanto a tendência de quem estuda no estrangeiro é realizar a sua mobilidade durante o 1º semestre (Gráfico 3.13):

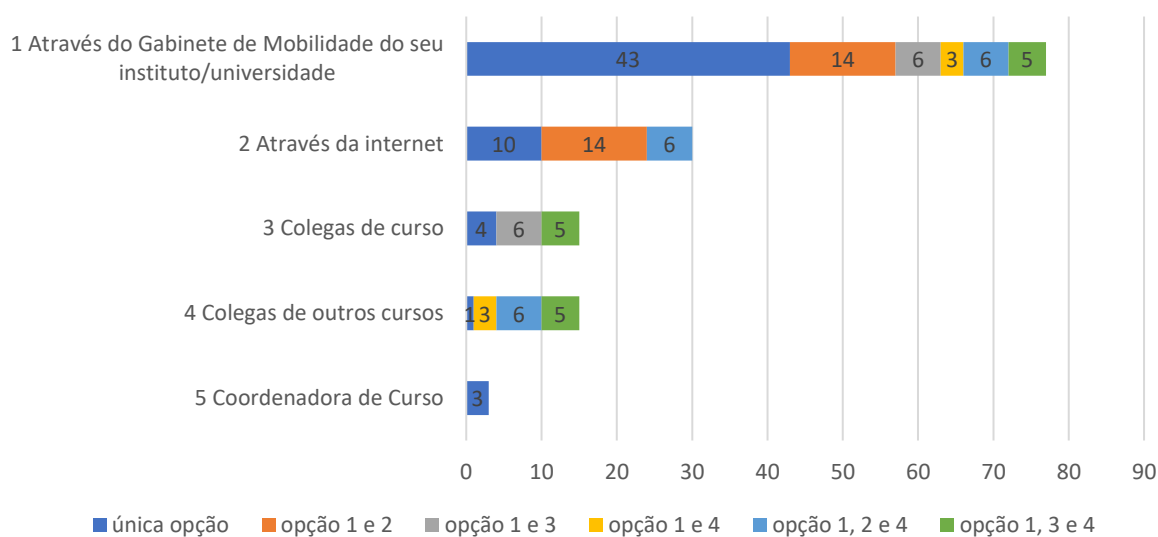
Gráfico 3.13 - Duração da mobilidade/internacionalização (Estudos e Estágio)



Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados de como obtiveram a *informação necessária para a escolha da instituição de acolhimento e programa de mobilidade* 43 dos 96 estudantes inquiridos fizeram-no exclusivamente através do Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional de cada escola. Dos estudantes que escolheram duas opções, a maioria (14 alunos) escolheu o GMCI e através da internet. Daqueles estudantes que escolheram 3 opções a maioria (6 alunos) escolheu o GMCI, através da internet e por colegas de outros cursos.

Gráfico 3.14 - Como obteve a informação necessária para a escolha da instituição de acolhimento e programa de mobilidade?

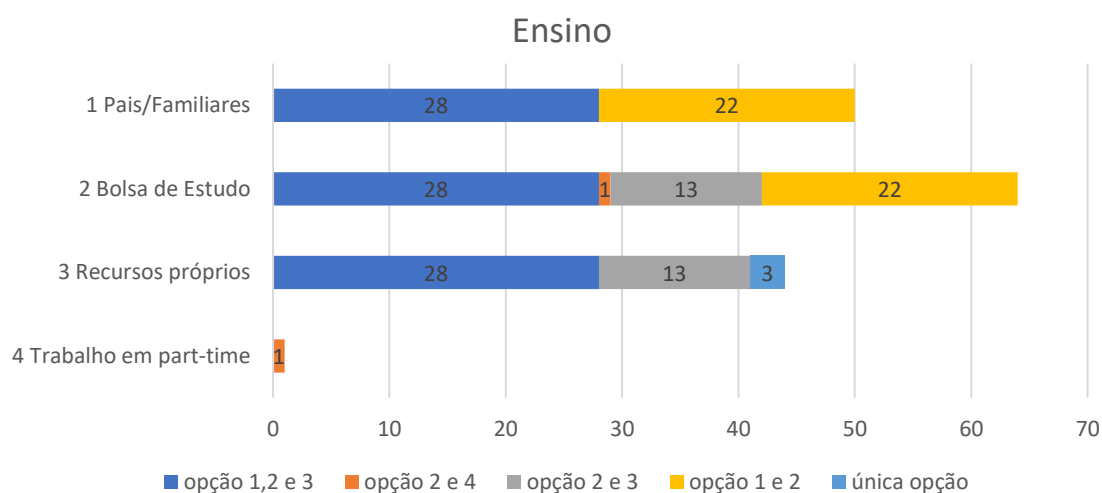


Fonte: Elaboração própria

3.5.3. Suporte dos custos da mobilidade

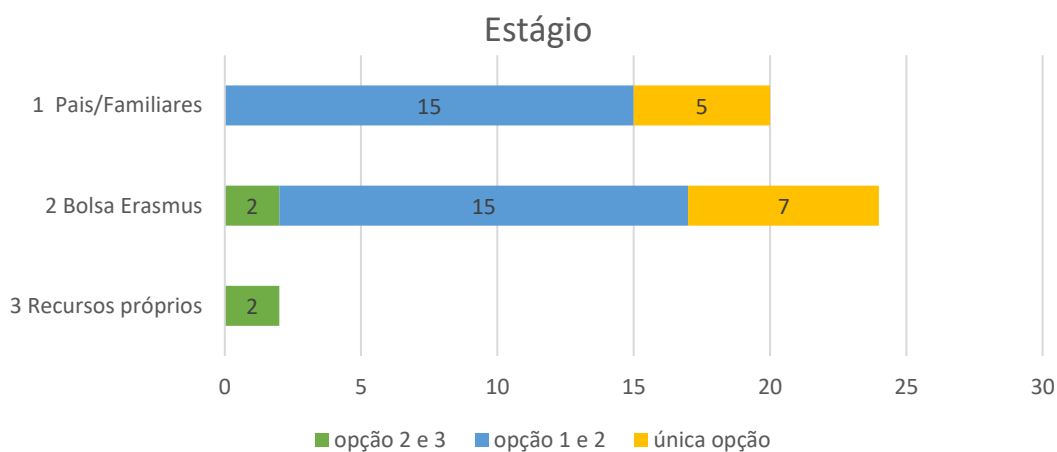
Nesta questão, tanto para quem realizou a mobilidade estudos como para quem realizou estágio, o suporte dos custos foi suprimido na sua grande maioria em complementaridade através da bolsa de estudos e do suporte familiar. Para 41% dos alunos que estudaram no estrangeiro, para além da bolsa de estudo e do suporte familiar, fizeram-no também com recursos próprios. Apenas um aluno inquirido trabalhou em part-time para conseguir fazer suporte dos custos de mobilidade (estudos) e 3 alunos que utilizaram apenas recursos próprios para fazer face às despesas. Nenhum aluno recorreu à opção de empréstimo familiar ou através de uma instituição de crédito. Gráfico 3.15 e 3.16:

Gráfico 3.15 – Como fez suporte dos custos da sua internacionalização (Ensino)?



Fonte: Elaboração própria

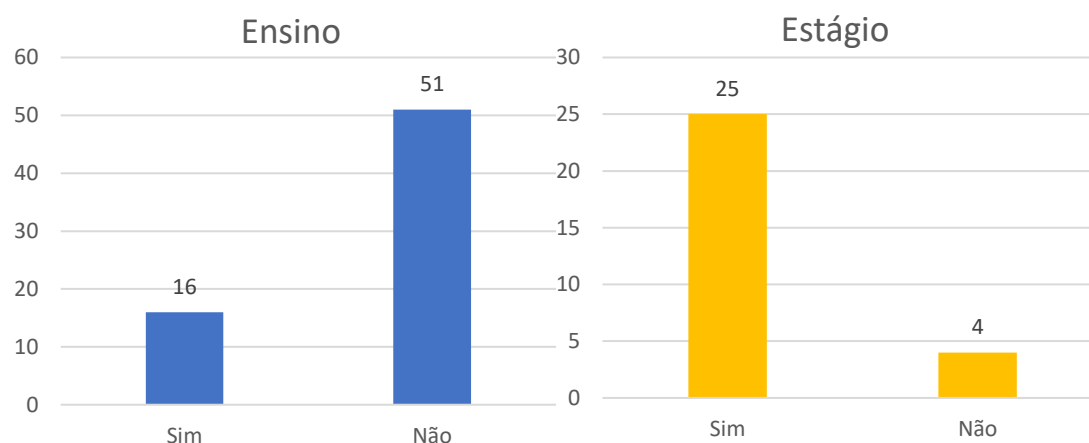
Gráfico 3.16 - Como fez o suporte dos custos da sua internacionalização (Estágio)?



Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados se consideravam que a bolsa de mobilidade ou outras atribuídas foram suficientes, as diferenças são claras entre os dois programas de mobilidade. Enquanto a maioria dos alunos que realizou o programa de estudos afirma que não, a maioria dos alunos que realizou o programa de estágio afirmou que sim (Gráfico 3.17). Também importa lembrar que a generalidade dos alunos de estágio inquiridos que realizaram o seu programa de mobilidade na área da restauração, hotelaria e animação turística, por norma têm incluído o alojamento e a alimentação, tal como se pôde observar nos dados recolhidos em que a maioria integrou uma unidade hoteleira.

Gráfico 3.17 - Considera que a bolsa de mobilidade ou outras atribuída/as foi suficiente?



Fonte: Elaboração própria

Deu-se conta de que os alunos que realizaram o seu estágio na área da hotelaria, na sua generalidade, não despenderam dinheiro em alojamento. Por outro lado, os alunos que realizaram estágios em outras áreas, despenderam na totalidade do programa muito mais que a generalidade dos alunos de ensino, aparentemente devido à sazonalidade, pois os estágios são realizados na época de veraneio, à curta duração do aluguel e devido à escolha dos países, que por norma são países com um alto custo médio de vida. Ainda sobre o alojamento, o mínimo pago foi 80 euros e o máximo 650 euros no ensino, enquanto que no estágio o mínimo pago foi 0 euros e o máximo 900 euros. Os alunos de estágio que não pagam alojamento têm tendência a gastar mais dinheiro em lazer e outros gastos, bem como em transportes no local, presumivelmente para visitar outros destinos dentro do país.

Quadro 3.1 - No total quanto despendeu mensalmente (€) com alojamento, transportes no local, alimentação e lazer/ outros gastos (estudantes outgoing)?

	Alojamento	Transporte/s no local	Alimentação:	Lazer/ outros gastos:	Total
Ensino	211,34	28,06	128,81	113,58	481,79
Estágio	118,97	80,69	86,90	149,31	435,87

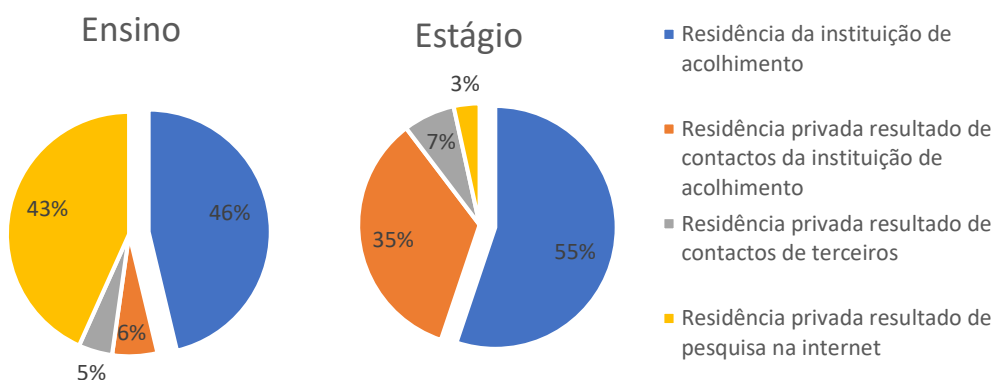
Fonte: Elaboração própria

No final, verifica-se que os gastos mensais de ambos os programas de mobilidade são muito equiparados, com uma diferença mensal de 45, 92 euros. Importa lembrar que a duração média dos estágios é muito menor em relação ao ensino.

3.5.4. Alojamento durante a mobilidade

Relativamente à tipologia e a forma como os estudantes obtiveram o seu alojamento pode-se constatar que no ensino os estudantes estão muito menos dependentes das instituições de acolhimento em relação aos alunos de estágio, onde a grande maioria reside numa residência da instituição de acolhimento.

Gráfico 3.18 - Alojamento durante o programa de mobilidade



Fonte: Elaboração própria

Quanto à avaliação da qualidade do alojamento, tanto no ensino como no estágio foram registradas a nota máxima, a nota mínima foi registrada apenas na mobilidade estágio. A média das respostas obtidas (de 1 a 5) acaba por ser muito semelhante nos dois tipos de mobilidade:

Gráfico 3.19 – Avaliação da Qualidade do alojamento no ensino/ estágio

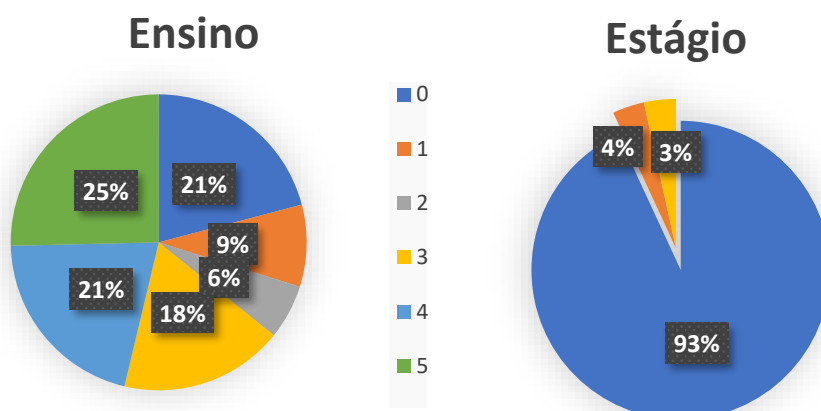


Fonte: Elaboração própria

3.5.5. Países visitados durante o programa de mobilidade

Devido ao seu carácter e à maior duração do programa de mobilidade na área dos estudos permite, naturalmente, que os estudantes tenham mais tempo e disponibilidade para visitar outros países durante a sua mobilidade em relação aos alunos que realizam estágio. 79% dos alunos de ensino visitam 1 ou mais países, enquanto 93% dos alunos que realizam estágio não visitam qualquer país.

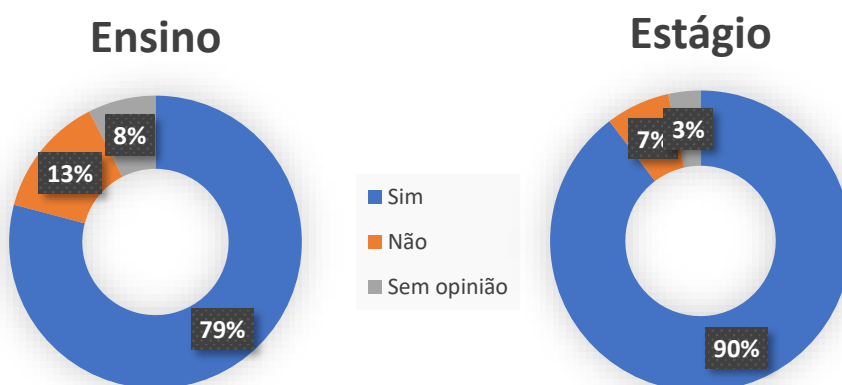
Gráfico 3.20 - Viagrou p/ países vizinhos durante o seu programa de mobilidade?



Fonte: Elaboração própria

3.5.6. Avaliação global do programa de mobilidade

Gráfico 3.21 - Recomendaria a amigos e colegas a instituição onde realizou o programa mobilidade Internacional?

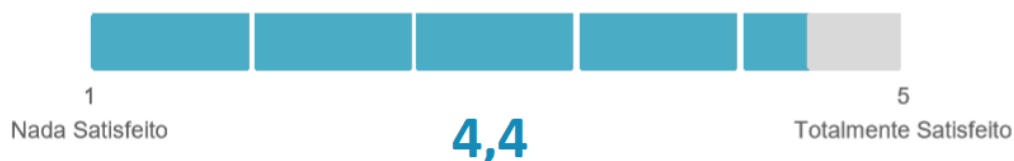


Fonte: Elaboração própria

Na sua generalidade, os alunos de ambos os programas recomendam vigorosamente a instituição onde realizaram o seu programa de mobilidade, com destaque para uma recomendação na ordem dos 90% para os alunos em programas de estágio e 79% por parte dos alunos de programas de ensino.

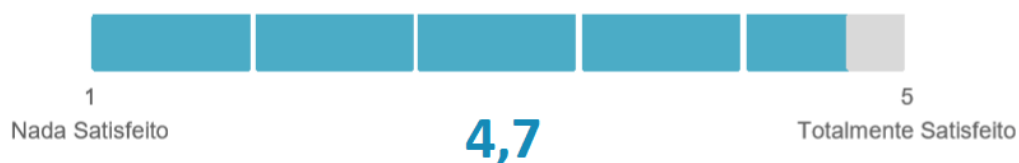
A avaliação global da experiência por parte dos alunos também se mostra muito positiva.

Gráfico 3.22 - Avaliação Global da experiência Internacional (Ensino)



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 3.23 - Avaliação Global da experiência Internacional (Estágio)



Fonte: Elaboração própria

3.5.7 Análise qualitativa

No sentido de perceber quais as maiores dificuldades e desafios que os estudantes *outgoing* enfrentaram, foi-lhes colocada a questão: “Qual a maior dificuldade encontrada durante o seu programa de mobilidade?” (estágio):

- Comunicação;
- Pouca vontade de ensinar por parte da entidade;
- Idioma;
- Monetária;
- Saudades;
- Suportar os custos;

- Alimentação e alojamento;
- Encontrar alojamento;
- Foi adaptar ao trabalho exigido;
- Correu tudo bem;
- Custos do local;
- Alimentação e alojamento;
- Encontrar alojamento.

“Qual a maior dificuldade encontrada durante o seu programa de mobilidade?” (ensino):

- A barreira da língua com a comunidade local (na generalidade não falam inglês);
- A língua, a cultura, o clima;
- A maneira das pessoas comunicarem. São um povo pouco acolhedor;
- Adaptação ao frio;
- Comunicação com a população local;
- Comunicação com os locais;
- Diferença cultural;
- Encontrar alojamento;
- Encontrar casa;
- Encontrar quarto;
- Integração na comunidade estudantil;
- Lavar e Secar a roupa;
- Língua;
- No princípio estar sozinha;
- *Polish Language*;
- Adversidades climatéricas - Frio, Integração (escola bastante pequena).

Comentários/ sugestões:

- Toda a gente devia fazer *Erasmus* uma vez na vida. Crescimento de mentalidade e crescimento psicológico brutal;
- Não me foi atribuído *Erasmus buddy*;
- Fazer parte de um Tesp também faz parte da Universidade, dado que também somos alunos. Deviam ter isso em consideração;
- As perguntas de classificação do grau (nada importante a muito importante) não se enquadram com o tipo de resposta;

- Acho essencial haver mais informações acerca de *erasmus* e estágio *erasmus*, nomeadamente através de palestras de forma a esclarecer interessados;
- Deviam ter a opção de Tesp, pois é qual frequente;
- Correção: existem licenciaturas no IPL, mais precisamente na escola de saúde, que são de 4 anos;
- Obrigada. foi tudo bom, mas não me adaptei ao local de estágio;
- Obrigadíssima por se terem lembrado dos TeSP's! Foi um prazer!;
- Os alunos de Tesp também são alunos do Ipl;
- Não inseriram os cursos TeSP, na segunda pergunta. Não sei se era suposto ou não...;
- E os alunos de TeSPs? A opinião não é válida?

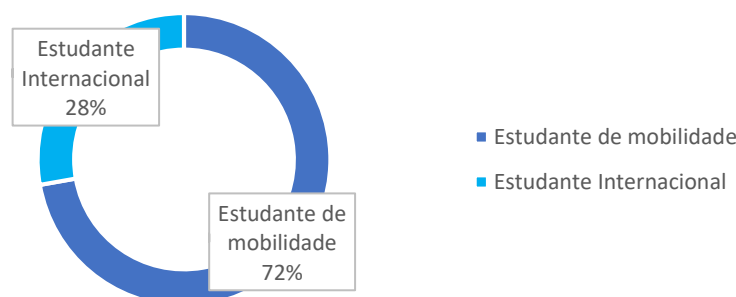
3.6. Estudantes Móveis Incoming

O terceiro e último grupo consiste em estudantes móveis *incoming* ($n = 54$), os estudantes estrangeiros que indicaram passar por um período de estudos no exterior, nomeadamente em Portugal, sendo eles estudantes no IPLeiria que vieram ao abrigo de um programa de mobilidade ou ao abrigo do EEI.

3.6.1. Caracterização dos estudantes

Neste grupo de 54 inquiridos, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, 72% está a realizar algum tipo de mobilidade (europeia ou internacional) com vínculo institucional no seu país de origem, enquanto 28% está inscrito em cursos conferentes de grau, diretamente no IPLeiria (gráfico 3.24).

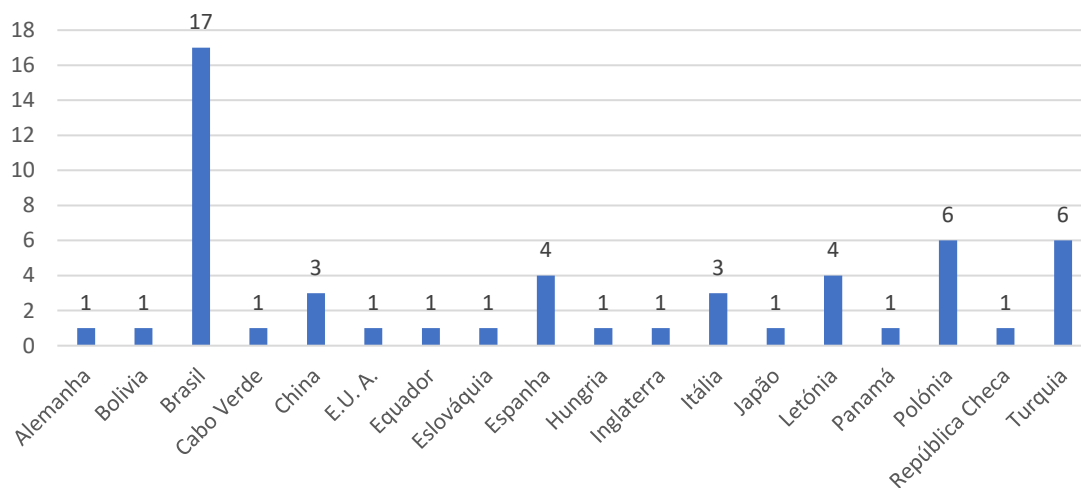
Gráfico 3.24 - % de estudantes internacionais e estudantes de mobilidade no IPLeiria



Fonte: Elaboração própria

No gráfico 3.25 observa-se que estes estudantes são provenientes de 18 países com maior destaque para o Brasil, Polónia e Turquia relativamente à quantidade de alunos enviados. 9 alunos pertencem ao 2º ciclo do ensino superior (Mestrado), e os restantes 45 ao 1º ciclo (licenciatura), distribuídos por 26 cursos diferentes (Apêndice 5). A grande maioria dos inquiridos é representada por estudantes ainda em atividade, juntos totalizam 87 %, os restantes 13 % é representado por estudantes cujo curso já terminou, nomeadamente em: 2015; 2016 e 2017 (Gráfico 3.26). À pergunta: “O que melhor descreve o local onde cresceu?” mais de metade dos inquiridos (52%) deste grupo respondeu “cidade média”, 33% “cidade grande” e 15% “rural /aldeia / vila” (Gráfico 3.27).

Gráfico 3.25 - País de origem dos inquiridos



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 3.26 - Ano que frequenta/ termino de curso

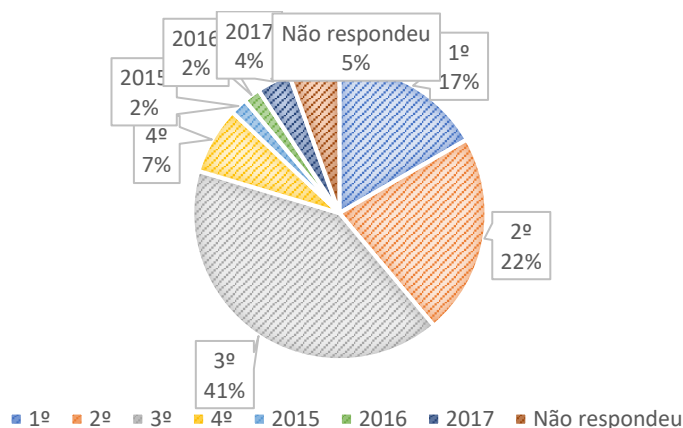
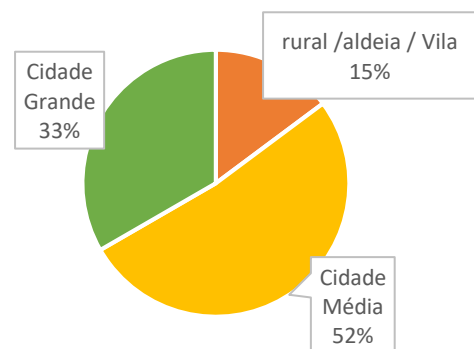


Gráfico 3.27 -O que melhor descreve o local onde cresceu?



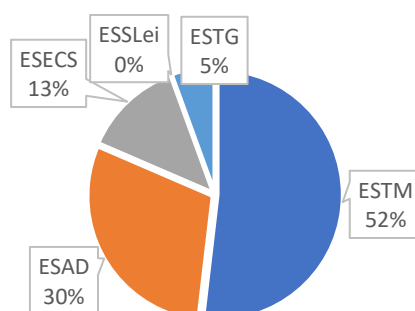
■ rural /aldeia / Vila ■ Cidade Média ■ Cidade Grande

Fonte: Elaboração própria

3.6.2. Caracterização da Internacionalização

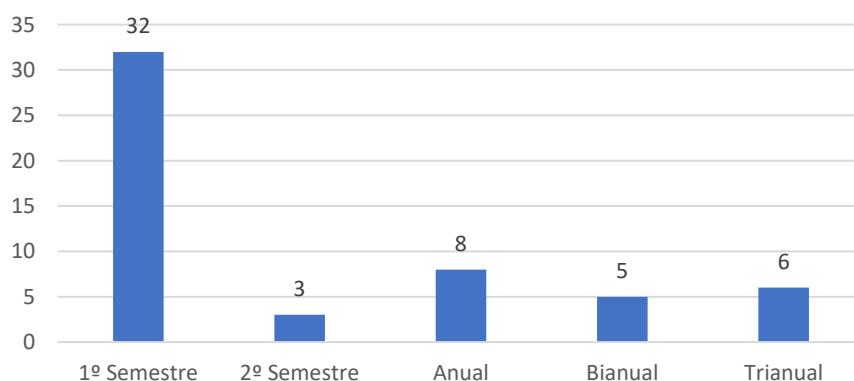
Dos estudantes inquiridos têm maior representatividade os estudantes da ESTM (52%), seguido da ESAD (30%), ESECS (13%) e ESTG (5%) como se pode verificar no Gráfico 3.28. Quanto à duração da internacionalização, varia muito de aluno para aluno, e principalmente se estamos a falar de um aluno de mobilidade ou um aluno inscrito diretamente no IPLeiria. A tendência para a duração dos programas de mobilidade, tal como no caso dos alunos portugueses, é ser feita durante o primeiro semestre, os alunos inscritos diretamente no IPLeiria, logicamente seguirão os trâmites normais (Gráfico 3.29).

Gráfico 3.28 - representatividade dos estudantes estrangeiros por escola



Fonte: Elaboração própria

Gráfico 3.29 - Duração da mobilidade/ internacionalização

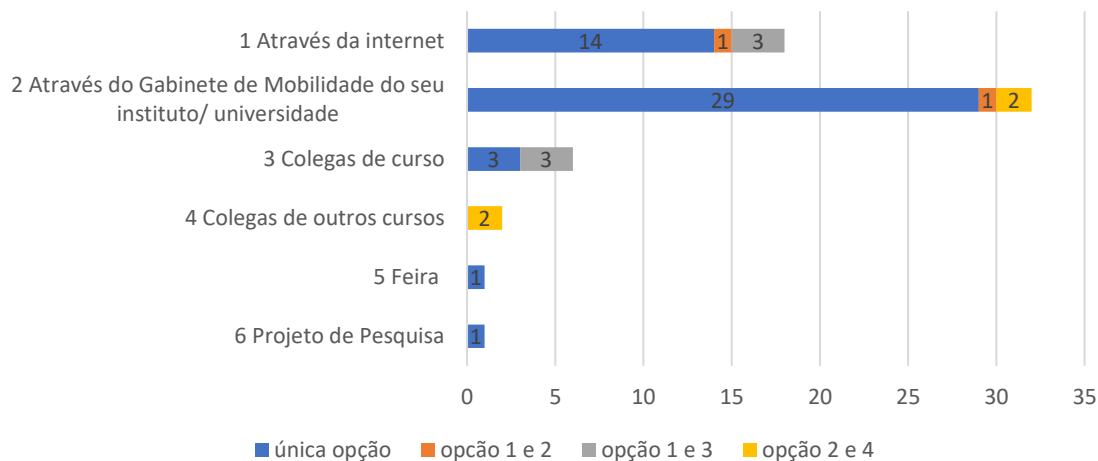


Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados de como obtiveram a “informação necessária para a escolha da instituição de acolhimento e programa de mobilidade” 29 dos 54 estudantes inquiridos fizeram-no exclusivamente através do Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional da sua escola de origem e 14 estudantes obtiveram essa informação exclusivamente através da Internet. Dos estudantes que escolheram duas opções, a

maioria (3 alunos) escolheu o GMCI e através de colegas de outros cursos. Não foi registrada a escolha de 3 opções (Gráfico 3.30).

Gráfico 3.30 - Como obteve a informação necessária para a escolha da instituição de acolhimento e programa de mobilidade?

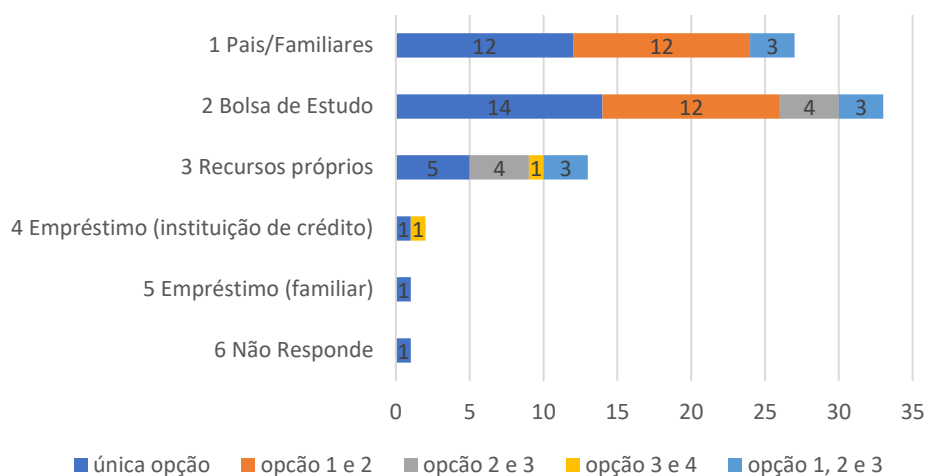


Fonte: Elaboração própria

3.6.3. Suporte dos custos da Internacionalização

O suporte dos custos, muito semelhante aos resultados dos estudantes portugueses em mobilidade, foram suprimidos na sua grande maioria através da bolsa de estudos e do suporte familiar. Os resultados indicam que para os alunos incoming existe menos necessidade na complementaridade de recursos de forma a poder realizar a sua internacionalização. Apenas um aluno inquirido recorreu a empréstimo familiar e 2 alunos recorreram a uma instituição de crédito. 5 alunos utilizaram apenas recursos próprios para fazer face às despesas (Gráfico 3.31).

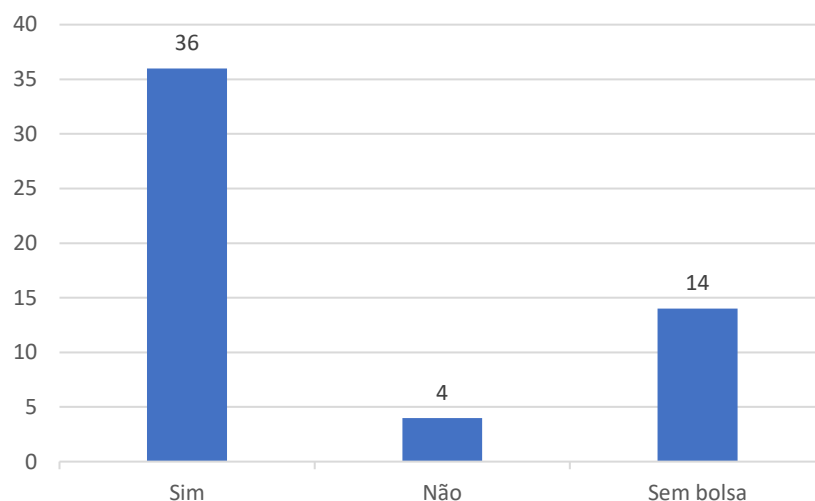
Gráfico 3.31 - Como fez suporte dos custos da sua internacionalização?



Fonte: Elaboração própria

Ao serem questionados se consideravam que a bolsa de mobilidade ou outras atribuídas foram suficientes, as diferenças entre os estudantes estrangeiros e os estudantes nacionais tornam-se evidentes. Enquanto a maioria dos alunos nacionais que realizou um programa de estudos no estrangeiro afirma a bolsa atribuída não foi suficiente, a maioria dos alunos estrangeiros, dos quais receberam bolsa, afirmam o contrário. 14 estudantes afirmaram não ter recebido qualquer tipo de bolsa (Gráfico 3.32).

Gráfico 3.32 - Considera que a bolsa de mobilidade ou outras atribuída/as foi suficiente?



Fonte: Elaboração própria

A despesa média (mensal) de um estudante estrangeiro que estude no IPLeiria é de 515,93€. Relativamente ao alojamento o valor mínimo registrado foi 100€ e o máximo 800€. Os transportes no local aparentemente não são utilizados pela maioria dos estudantes estrangeiros ao indicarem que despendem 0€ nesta categoria, com um máximo de 100€ registrado. Quanto à alimentação o mínimo foi 50€ e o máximo 300€. Na categoria Lazer/ outros gastos foi registrado o valor mínimo de 0€ e um máximo de 400€ mensais (quadro 3.2).

Quadro 3.2 - No total quanto despendeu mensalmente (€) com alojamento, transportes no local, alimentação e lazer/ outros gastos (estudantes incoming)?

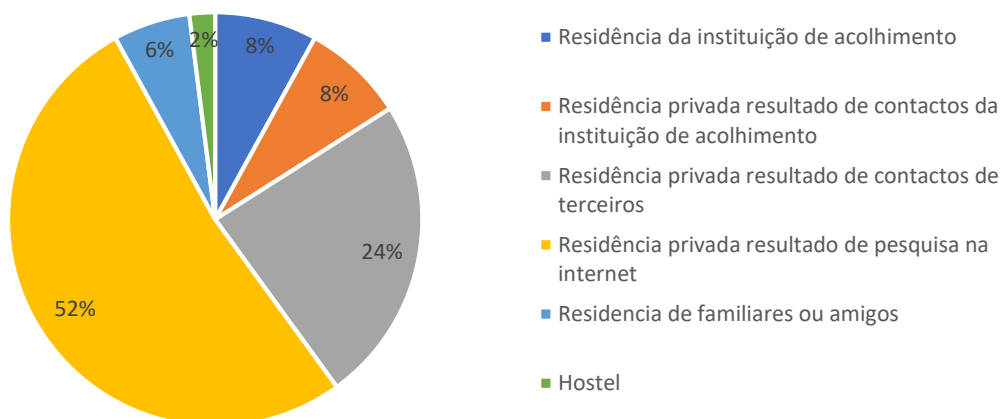
	Alojamento	Transporte/s no local	Alimentação:	Lazer/ outros gastos:	Total
Total	232,14	17,16	144,77	121,86	515,93

Fonte: Elaboração própria

3.6.4. Alojamento durante a Internacionalização

Relativamente à tipologia e a forma como os estudantes obtiveram o seu alojamento pode-se constatar através do gráfico 3.33 que os estudantes estrangeiros optam na sua grande maioria por residências privadas e obtêm a informação através da internet, ou de contactos de terceiros.

Gráfico 3.33 - Alojamento durante o programa internacional



Fonte: Elaboração própria

Quanto à avaliação da qualidade do alojamento por parte dos estudantes estrangeiros, a média das respostas obtidas (de 1 a 5) acaba por ser superior em comparação à avaliação obtida dos estudantes nacionais *outgoing*, obtendo uma média de 3,98. Não foi registrada nenhuma avaliação mínima (1) e apenas duas avaliações negativas (2), a avaliação máxima foi registrada por 31% dos inquiridos.

Gráfico 3.34 - Avaliação da Qualidade do alojamento (alunos internacionais)

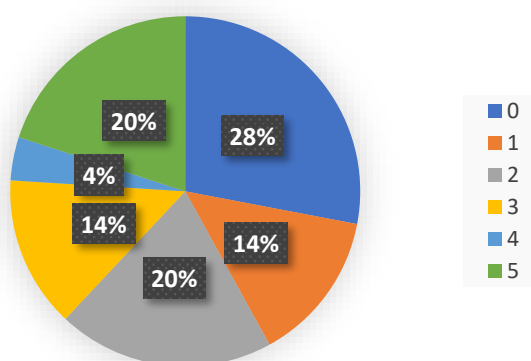


Fonte: Elaboração própria

3.6.5. Países visitados durante a Internacionalização

Conhecer a cultura e o país onde se realiza a sua internacionalização é quase uma obrigatoriedade quando se fala em estudar no estrangeiro. Se ao mesmo tempo se abre uma oportunidade para visitar a europa, os resultados são manifestos, 72% dos estudantes estrangeiros inquiridos aproveitaram a sua internacionalização para viajar e conhecer novos países durante os seus estudos em Portugal.

Gráfico 3.35 - Viajou p/ países vizinhos durante a sua internacionalização?

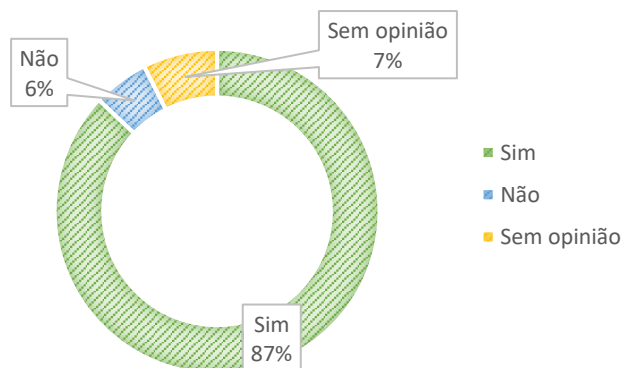


Fonte: Elaboração própria

3.5.6. Avaliação global da Internacionalização

Na sua generalidade, os estudantes estrangeiros (de mobilidade e internacionais) recomendam vigorosamente a escola onde realizaram a sua experiência internacional e evidentemente o IPLeiria, com 87% dos estudantes inquiridos a responder *sim* à pergunta colocada:

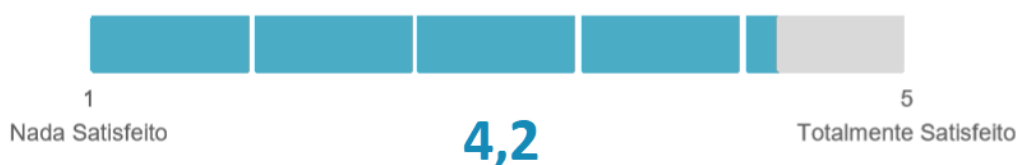
Gráfico 3.36 - Recomendaria a amigos e colegas a instituição onde realizou o seu programa Internacional?



Fonte: Elaboração própria

Como é conhecido, uma experiência de estudos no estrangeiro não se limita às paredes de qualquer escola ou universidade, levando o estudante a experienciar uma panóplia de novas vivências e desafios. Os resultados indicam que a avaliação global da experiência internacional é percebida frequentemente de forma muito positiva, por parte dos estudantes móveis *incoming* do IPLeiria. Registrando apenas uma classificação negativa.

Gráfico 3.37 - Avaliação Global da experiência Internacional (estudantes *incoming*)



Fonte: Elaboração própria

3.6.7. Análise qualitativa

Muitos mais gráficos poderíamos analisar acerca dos serviços e recursos do IPLeiria; do apoio prestado por parte dos funcionários docentes e não docentes; dos serviços prestados pelo GMCI; da integração do estudante na comunidade académica e local; dos conceitos e opiniões sobre a cidade; dos transportes locais; as residências; e o guia *Erasmus*. Salvo casos pontuais de insatisfação, todos os dados analisados na sua generalidade demonstraram resultados claramente positivos, que se refletiu numa avaliação global positiva e na recomendação do IPLeiria. Daí a importância da análise qualitativa para perceber o que realmente importa para este grupo de alunos, e quais as maiores dificuldades e desafios que os estudantes estrangeiros enfrentam.

“Qual a maior dificuldade encontrada durante a sua internacionalização?”³⁰

- *Portuguese lessons;*
- *Studies in different language;*
- *Language;*
- *Portuguese language;*

³⁰ Alguns dos motivos repetidos (na sua totalidade) ou inconclusivos foram retirados.

- *Nothing;*
- *To understand portugues lectures;*
- Falta de informação correta e útil;
- Nivelamento a instrução acadêmica de meus colegas. Práticas de Laboratório;
- Matrícula foi muito confusa;
- Informações controversas em relação à documentação no SEF;
- Documentação;
- Pagar as contas;
- Aprender a língua Portuguesa;
- Ficar longe da família;
- Situação familiar;
- *To go abroad without knowing anyone there;*
- *Portuguese classes;*
- *Finding things to get money;*
- *Finding the classes;*
- Dinheiro;
- Encontrar alojamento;
- Integração por ter vindo sozinho;
- Vaga, relações;
- Encontrar alojamento;
- Nada =);
- Acomodação;
- Não sei, estar sozinho em um país diferente;
- Ficar sozinho pela 1ª vez;

Comentários/ sugestões:

- *Make sure you sort out your course selection before you head to your new uni. Once you're there the language barrier is only going to make the administrative stuff more confusing. So be certain to sort out the specifics of your credits with your tutor in advance because credit values tend to fluctuate;*
- *The teachers should talk more in English, even if they have been very kind;*
- Em relação aos valores aplicados às propinas para estudantes internacionais o valor é muito mais caro que o cobrado aos estudantes portugueses, e como não recebo nenhum auxílio, não é tão fácil se manter;

- *My first Erasmus experience was in Lisbon, the capital of Portugal. One of the Erasmus organizations in Lisbon published a list of things that you really need to try in Lisbon during your semester abroad. It included must - see places, food that you must try, bars with the best drinks and things you must do to be officially proclaimed a successful Erasmus student in Lisbon. I am a little bit ashamed to admit that I did not finish the list during my year abroad;*
- *I think better place assistance;*
- Tive uma holandesa que chegou, já tinha alugado casa e tudo, os professores não falavam ou disponibilizavam material em inglês e ela teve de voltar;
- *The Portuguese course this year its late.*

Uma vez apresentadas as maiores dificuldades encontradas pelos alunos estrangeiros durante a sua internacionalização, impõe-se como necessário relacioná-las com a instituição em causa. Ou seja, quais das dificuldades acima apresentadas são diretamente influenciadas pelo IPLeiria e quais são completamente exteriores à instituição? Como é que esta instituição poderia agir de maneira a melhorar as suas práticas e acolher mais estudantes estrangeiros?

De todas as dificuldades apresentadas existe uma que se destaca e está diretamente relacionada com a qualidade de ensino prestado e em parte com a integração do estudante, obviamente influenciável diretamente pelo IPLeiria. Dos 54 inquiridos 14 estudantes (26%) evidenciaram a língua Portuguesa nas aulas como a sua maior dificuldade, um número relativamente elevado atendendo ao facto de que 18 estudantes são provenientes de países de língua oficial Portuguesa e 7 de língua oficial Espanhola, que para todos os efeitos terão uma maior facilidade de adaptação às aulas lecionadas em português.

Quando juntamos estas dificuldades e lemos atentamente os comentários percebemos a dimensão e a seriedade do assunto: *“The teachers should talk more in English, even if they have been very kind”*; *“Tive uma holandesa que chegou, já tinha alugado casa e tudo, os professores não falavam ou disponibilizavam material em inglês e ela teve de voltar”*; *“The Portuguese course this year its late”*. Em relação ao primeiro comentário destacado, trata-se de um aluno do género masculino de 31 anos que esteve no IPLeiria a realizar o seu programa de mobilidade em 2017 através da *Università di Messina*, Itália. Ele sugere que os professores deveriam falar mais em inglês, ainda que sejam muito gentis. O segundo comentário destacado é proveniente de uma estudante

internacional de 21 anos originária do Brasil que se encontra atualmente no 3º ano de biologia marinha na ESTM. Ela explicou que está a gostar muito do ambiente académico, que não sente qualquer discriminação por parte de colegas, professores ou população local e está a adorar estudar em Portugal. No entanto presenciou a situação de uma holandesa, na turma dela, que infelizmente teve de voltar para o seu país de origem ao fim de pouco tempo pelo motivo que “os professores não falavam ou disponibilizavam material em inglês”. O terceiro e último comentário destacado é feito por uma estudante de 23 anos que está a fazer o seu programa de mobilidade através da Warsaw University of Life Sciences, Polónia. Ela diz que se sente integrada na comunidade académica, está a correr tudo muito bem, mas as aulas em português não são de todo produtivas, salientando o facto de o curso de português ter atrasado este ano, e por isso não ter outra alternativa de modo a perceber a língua.

Uma instituição de ensino parece não ter muita margem de ação visto que normalmente a língua utilizada nas aulas é a língua oficial do país. Como foi observado na literatura e pelos dados recolhidos, em Portugal o fator língua funciona como fator que atrai uns estudantes estrangeiros e, ao mesmo tempo, como fator que afasta outros. Enquanto os estudantes oriundos de Países de Língua Oficial Portuguesa vêm na língua um fator facilitador, outros estudantes vêem-na como uma barreira. Poderia pensar-se, então, que relativamente ao fator língua, uma instituição de ensino superior em Portugal não pode fazer muito, visto que se trata da língua oficial do país. Mas, de facto, pela introdução de disciplinas dadas em inglês, o IPLeiria poderia suavizar o carácter afastador da língua. A solução para estes casos não pode passar por um simples curso de português uma vez por semana, durante 3 meses, pois os alunos estrangeiros (especialmente os de mobilidade) por mais que estudem a nossa língua nunca terão conhecimentos suficientes de português em tão pouco tempo para absorver o conteúdo de uma aula direcionada para alunos Portugueses.

O caminho a seguir passará pela criação de mais licenciaturas e mestrados integralmente em inglês, ou mesmo apostar num modelo de licenciaturas híbridas, onde o número de aulas lecionadas em língua inglesa aumentaria gradualmente conforme os anos de curso, por exemplo no primeiro ano 25% das disciplinas seriam lecionadas em inglês, no segundo 70% e no terceiro 90%. Como exemplo temos a School of Business and Economics (SBE), da Universidade Nova de Lisboa onde todas as aulas são lecionadas em inglês, “à exceção de alguns cursos, que no primeiro ano de licenciatura têm cadeiras em português” (Diário de Notícias, 2014). O modelo desta instituição de

ensino “podia ser copiado por outras universidades em Portugal” afirma Pedro Santa-Clara, professor da SBE. Na Austrália, o ensino superior para estrangeiros é a segunda indústria exportadora e “seria muitíssimo possível para Portugal” apostar neste sector. (Público, 2018).

As aulas em inglês é uma tendência que se tem vindo a verificar em Portugal, onde cinco das maiores instituições portuguesas de ensino superior apostam nos cursos lecionados exclusivamente na língua Inglesa (Expresso, 2016). Para José António Rosseau, professor universitário e especialista em marketing e distribuição, esta aposta é nitidamente uma estratégia de marketing, mas é também uma necessidade das universidades (Diário de Notícias, 2014). Desta forma, atraem não apenas estudantes locais com pretensões de ingressar no mercado de trabalho global e assim melhorar a língua inglesa através de um ambiente multicultural, com estudantes de todos os cantos do globo que vão dar mais dinheiro e prestígio a estas instituições.

Apesar da preocupação institucional com as questões relativas ao acolhimento, nomeadamente no desenvolvimento de atividades de acolhimento e integração dos estudantes internacionais, este tema será sempre uma constante. Seja pela simples questão dos estudantes se encontrarem num país diferente, sozinhos pela primeira vez, não conhecerem ninguém, ou devido à sua situação familiar e ao facto de ficarem longe da mesma. Além do período da chegada, ou seja, o período de adaptação ao novo ambiente, os estudantes estrangeiros estão num contínuo processo de integração.

Como já referido, a questão da integração socio-académica tem um peso muito forte na perceção do sucesso por parte do estudante estrangeiro, quer a nível pessoal, quer na experiência num todo. A integração académica não pode ser entendida separadamente da integração social, pois uma influencia a outra e as duas formam as vivências do estudante (Nadă, 2012, p. 41) É interessante verificar uma avaliação positiva por parte dos estudantes estrangeiros no IPLeiria no que diz respeito à integração académica e social propiciada pela instituição, pelos colegas, professores e comunidade local. “Tal como a integração social tem efeitos para a integração académica, o oposto é igualmente valido” (Nadă, 2012, p. 107).

CAPÍTULO IV – Conclusão

O presente estudo abordou a migração e a mobilidade internacional a um nível global, e empiricamente a nível regional no IPLeiria, Portugal. Confirmou-se que a escolha de estudar no exterior é um processo extremamente complexo e exigente para o estudante, uma vez que lhe requer uma decisão de escolha que o irá marcar no seu futuro profissional e pessoal, decisivamente.

Além do período de adaptação ao novo ambiente, os estudantes estrangeiros estão num contínuo processo de integração onde os riscos inerentes são diversos (financeiro, psicológico, físico, social, desempenho e etc.), por outro lado, a procura de novas ideias e novas experiências permite potenciar a criatividade e a inovação criando mais valias para os alunos, instituições e para os países. Possibilitando uma economia baseada no conhecimento mais competitiva e dinâmica, mas para isso acontecer é necessário transpor fronteiras e barreiras criando uma maior abertura na diversidade cultural.

Com um mundo em constante transformação, cada vez mais global, a diversidade cultural é uma realidade e uma necessidade. Deste modo, a migração e a mobilidade internacional contribuem como um fator de progresso e de crescimento económico. A mudança do paradigma económico da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento favorece o aumento da competitividade das empresas, IES, negócios e países. Perante este desafio, as IES têm de aprender a inovar, tanto nas suas estruturas organizacionais, como nas suas estratégias de recrutar os melhores talentos no mercado estudantil a par do mercado laboral, adotando ferramentas, conceitos e atitudes de gestão e marketing, prática comum nos setores industriais e de serviços mais avançado no sentido de melhorar o seu posicionamento competitivo perante as ameaças dos concorrentes e do meio envolvente, este crescente e imprevisível.

Verifica-se no IPLeiria uma oportunidade de melhoramento interno e externo de um serviço que já se encontra em pleno funcionamento. No entanto, é interessante o facto da grande maioria dos estudantes estrangeiros afirmarem que recomendariam o Instituto Politécnico de Leiria aos seus amigos ou familiares. No que diz respeito à avaliação global da experiência Internacional por parte dos estudantes estrangeiros no IPLeiria, para além de ser percebida frequentemente de forma muito positiva, registrou-se apenas uma classificação negativa.

Embora a falta de estruturas formais às quais os alunos possam recorrer em caso de necessidade, o custo de vida, é um dos fatores que podem influenciar a decisão de estudar em Portugal. Situação que parece estar a contribuir muito para o aumento da atratividade que se tem verificado no IPEiria, isto é, se forem analisados alguns países com tradição na migração estudantil, ver-se-á que os seus custos de vida são completamente diferentes do custo de vida que Portugal apresenta. Por exemplo a França, a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos e mesmo a Itália, não são países nos quais seja propriamente possível viver com uma quantia mensal inferior a 515,93€ (média no IPEiria).

Os problemas que os alunos estrangeiros enfrentam em Portugal podem, a longo prazo, diminuir a atratividade do país no mercado da educação internacional. As universidades por toda a Europa têm de se valorizar, melhorando a qualidade dos serviços prestados, incluindo o acompanhamento, de forma a garantir que os estudantes internacionais e os alunos em mobilidade (ex. Erasmus) se sintam tão desafiados a nível académico dentro da sala de aula, como nas vivências do seu dia-a-dia, evitando o perigo de uma visão míope e fechada a novas possibilidades. Estudantes internacionais “mais satisfeitos vão falar bem da sua experiência e vão recomendar Portugal aos seus amigos, familiares e em diversas plataformas”, “o reverso também é verdade: estudantes migrantes menos ou nada satisfeitos, não recomendarão Portugal e diminuirão, a longo prazo, a sua atratividade no mercado global da educação internacional” (Nadã, 2017).

O estudo realizado acrescenta à produção de conhecimento no campo da educação global e multicultural, trazendo dados de Portugal, país raramente abordado na literatura de pesquisa. Ainda assim, mais pesquisas sobre o impacto real da migração e mobilidade internacional na vida dos estudantes são necessárias. Com as propostas apresentadas espera-se atingir um maior sucesso através do aumento do número de estudantes internacionais (incoming e outgoing), modificação de processos, colmatando algumas lacunas e melhor inserção e apoio aos estudantes neste tipo de condições.

i. Recomendações

“A importância da avaliação como cultura deverá ser uma prioridade” (IPVC, 2016, p. 20) para cada colaborador docente e não docente e para o próprio Instituto. Seria

recomendável que fosse materializada por parte do próprio IPLeiria uma avaliação semestral semelhante à realizada na presente dissertação aos alunos de mobilidade e alunos internacionais (principalmente os *incoming*) com a finalidade de conhecer e saber lidar com a crescente diversidade dos seus corpos discentes. Seguramente, este é um passo importante para consolidar e desenvolver. Devendo ser um documento a avaliar, interpretar, discutir e implementar por todos *stakeholders* (interessados) (IPVC, 2016, p. 20).

A função do IPLeiria deverá também passar pela promoção e estímulo à participação e debate dos elementos envolvidos (alunos, professores, etc.), de forma a envolver toda a comunidade académica e colaborar na implementação e disponibilização de todas as ferramentas para interpretar e valorizar resultados no sentido de desenvolver estratégias para o reforço da qualidade de ensino. Caberá, seguramente, aos órgãos e serviços responsáveis envolver a comunidade académica nessa “cultura de avaliação” e tomar as medidas adequadas para valorizar as atividades, e neste caso em particular toda a envolvente associada à receção e acompanhamento dos estudantes estrangeiros.

Relativamente ao fator língua, a recomendação seria no sentido da introdução de disciplinas lecionadas em inglês, deste modo o IPLeiria poderia suavizar uma das maiores dificuldades apresentadas pelos estudantes estrangeiros atualmente. O caminho a seguir passará pela criação de mais licenciaturas e mestrados integralmente em inglês, ou mesmo a par do que já se faz noutras instituições em Portugal, apostar num modelo de licenciaturas híbridas, onde o número de aulas lecionadas em língua inglesa aumentaria gradualmente conforme os anos de curso, a título de exemplo no primeiro ano 25% das disciplinas seriam lecionadas em inglês, no segundo 70% e no terceiro 90%. O IPLeiria cumpria assim um duplo papel educativo: o de fornecer simultaneamente cursos superiores acessíveis aos alunos estrangeiros como o desenvolvimento de capacidades linguísticas aos estudantes locais com pretensões de ingressar no mercado de trabalho global ao estudar num ambiente multicultural, aumentando, assim, o grau de satisfação com o acolhimento. Ainda relacionado com a língua, as escolas do IPLeiria deveriam a curto prazo, antes de aceitar um estudante estrangeiro, certificar-se de que o nível de português que ele apresenta é suficiente para responder às exigências do curso. De lembrar que para um instituto que recebe cada vez mais estudantes estrangeiros, deixa de fazer sentido realizar os processos de divulgação numa língua só.

Promover atividades conducentes a uma boa preparação dos estudantes *outgoing*, nomeadamente no que concerne à sua prévia preparação linguística, disseminação de informação sobre o país/cidade/instituição anfitriã e custos de vida aliado a monitorização da qualidade dos acordos internacionais é uma necessidade que aumentaria a possibilidade que mais estudantes do IPLeiria desejassem estudar no estrangeiro.

Apesar do bom desempenho do IPLeiria nesta temática, faltam, de certeza, mais ações e eventos organizados por esta instituição, pelas suas escolas ou associações de estudantes de modo a que se incremente o contacto entre os estudantes estrangeiros e a comunidade académica/local. Observa-se que estes alunos (estrangeiros) procuram inevitavelmente organizar-se e relacionar-se entre estudantes que estão nas mesmas circunstâncias acabando por se isolar um pouco da restante comunidade. É por isso que os eventos realizados com o fim determinado de contribuir para a melhoria das relações entre estudantes estrangeiros e a comunidade académica/local deveriam fazer parte da estratégia de acolhimento de qualquer universidade que aposta na internacionalização, como a criação de gabinetes específicos dedicados ao apoio e integração de estudantes estrangeiros e ações de sensibilização/ formação dirigidas ao pessoal docente e não docente sobre questões de diversidade cultural em contextos educativos, devendo proporcionar o desenvolvimento das suas capacidades nesta área.

Das estratégias adotadas, o *Erasmus Buddy* também apresenta as suas debilidades no seio do IPLeiria, como a incompatibilidade dos estudantes, a não atribuição de um estudante acolhedor, a falta de tempo disponível, entre outras. À partida, bastaria a divulgação adequada deste programa, pelos canais de comunicação que o IPLeiria já possui, juntamente com o fornecimento da informação sobre a existência deste programa, dada a cada estudante estrangeiro, no momento da sua inscrição. Em Leiria, relativamente à presença de redes de suporte como é o caso da ESN para os estudantes Erasmus, salientar-se-á a ausência, juntamente com a importância da criação, de uma rede parecida que sirva também os estudantes estrangeiros inscritos em cursos conferentes de grau.

Relativamente à questão das recomendações como fatores implicados no processo de escolha, o IPLeiria podia pensar na mobilidade em direção ao exterior, de estudantes e, especialmente, de professores, como maneira de espalhar o nome deste instituto pelo mundo. Isto é, uma vez que a mobilidade de fora para dentro tem aumentado, a mesma tendência deveria verificar-se na mesma proporção na mobilidade de dentro para fora.

Uma outra vertente parecida é a dos acordos internacionais. Mais acordos entre o IPLeiria e outras universidades estrangeiras aumentariam a possibilidade que mais estudantes estrangeiros desejassem estudar neste instituto, mas como já referido, não basta a realização de mais acordos internacionais é impreterível garantir e monitorizar a qualidade desses acordos de forma a salvaguardar os interesses dos alunos e da instituição.

Em relação à sua imagem e reputação a nível mundial, o poder também está “nas mãos” desta instituição. Ao elevar os seus standartes de qualidade e, principalmente, ao cumpri-los, esta instituição aumentará indubitavelmente o seu poder de atração. E assim, evidente, tornar a satisfação dos estudantes estrangeiros uma realidade e idealmente superá-la, na tentativa de criar uma imagem positiva da experiência. Conforme as suas vivências e perceção de satisfação, os estudantes estrangeiros poderão tornar-se em *advocates* da instituição e da região em que está inserida. “Tendo em conta a existência de casos de estudantes cuja vontade de estudar em Portugal foi desencadeada por uma experiência Erasmus” (Nadă, 2012, p. 88), receber mais estudantes através deste programa, ou de outros programas semelhantes, revela-se como uma boa estratégia. Ao juntar estas recomendações ao baixo custo de vida e ao valor relativamente baixo das propinas, poderia considerar-se que o IPLeiria tem praticamente tudo para poder aumentar ainda mais o número de estudantes estrangeiros acolhidos e para ser uma instituição cada vez mais internacional.

ii. Limitações do questionário

A avaliação é um processo de conhecimento, que tem como principal finalidade, avaliar, neste caso sob a perspetiva do aluno, vetores fundamentais da migração e mobilidade internacional. Deste modo, é decisiva uma participação ativa de todos os intervenientes, para maior fiabilidade dos resultados, a determinação de conclusões, de forma incisiva, a divulgação e debate com as diferentes estruturas e órgãos da comunidade académica, numa perspetiva de contributo para a consolidação e desenvolvimento de cada Escola e da Instituição. Neste sentido, para uma melhor avaliação das perceções dos estudantes estrangeiros no IPLeiria teria sido importante a recolha de um maior número de questionários, a separação dos alunos *incoming* em dois grupos: os alunos de mobilidade e os alunos migrantes e a divisão dos mesmos por escolas, visto que cada

campos e respetiva cidade onde se insere é diferente e carece de diferentes necessidades.

Pela quantidade de perguntas e por querer abranger todo o tipo de estudantes do IPLeiria este questionário tornou-se um pouco complexo na ótica do utilizador. É um tipo de questionário que, pela sua complexidade, resulta melhor feito presencialmente e com a ajuda necessária para ir ao encontro aos objetivos pretendidos.

Teria sido importante um melhor planeamento da pesquisa e um aprofundamento da análise qualitativa. Pois o que para um estudante pode ser algo bom, aos olhos de outra pessoa pode ser algo a ser melhorado e vice-versa.

iii. Limitações do estudo

Uma das limitações do estudo está relacionada com a tipologia da amostra, optou-se por uma amostra não probabilística por conveniência, em que os indivíduos são selecionados porque se encontram prontamente disponíveis, representando uma maior facilidade operacional e com um custo mais reduzido, no entanto reduzindo a capacidade de inferência estatística para a população.

Outra das limitações prende-se com o facto de, apesar da importante e bem conseguida diversificação dos temas na abordagem à pesquisa bibliográfica, empiricamente essa diversificação não resultou da forma esperada, o que acabou por desfavorecer esta dissertação como um todo e especialmente nas suas conclusões. Seria desejável uma análise qualitativa mais extensa por intermédio de entrevistas realizadas principalmente a estudantes móveis *incoming* no sentido de obter uma melhor perceção dos temas abordados, algo que não foi possível pela já referida generalização da temática e a limitação requerida em termos de paginação da própria dissertação.

iv. Estudos futuros

Esta pesquisa não é de todo um processo estanque e poderá servir de incentivo a futuros estudos, oferece a possibilidade de continuação, ou até mesmo de alguma confrontação, pois a realidade de hoje é a história de amanhã. Como tal, relacionado com o presente estudo, são sugeridas as seguintes linhas de investigação:

- Uma avaliação da migração e mobilidade internacional no IPLeiria, semelhante à apresentada nesta dissertação, realizada anualmente, até mesmo inserida numa unidade curricula em parceria com o Gabinete de Mobilidade e Cooperação Internacional de cada escola. Teria o objetivo lógico do conhecimento detalhado deste grupo de alunos e serviria implicitamente para uma consciencialização e promoção da temática.
- Num estudo sobre os critérios de seleção do destino, Abubakar et al. (2010: 59) tentam avaliar o grau de satisfação dos estudantes internacionais com as atividades sociais organizadas para incentivar os estudantes internacionais a misturarem-se com os locais. Relacionado com a sugestão anterior, esta poderia ser uma pesquisa integrada ou totalmente separada, seguindo o caminho dos critérios de seleção do destino por parte dos estudantes migrantes ou de mobilidade.
- Pesquisa apenas sobre estudantes migrantes (internacionais) no IPLeiria de forma a aprofundar as suas motivações, satisfação e as causas deste fenómeno emergente.
- Existem diversos fatores que os podem “dissuadir” a maioria dos estudantes que pensam em realizar uma experiência internacional. Podem pensar que irá sair demasiado caro e que não irão ter dinheiro para a realizar, que não conhecem ninguém no país para onde gostariam de ir, que será muito difícil marcar a viagem, arranjar um alojamento, etc. Neste sentido seria interessante fazer um estudo de quanto custa em média realizar uma experiência Erasmus nos diversos países disponíveis no IPLeiria e perguntar aos alunos que ainda não realizaram Erasmus se por aquele valor e a bolsa estabelecida estariam dispostos a realizar e para que países.
- Partindo de uma perspetiva diferenciadora e de modo a facilitar os mais complexos problemas com os quais os estudantes internacionais têm de lidar enquanto estão a viver em Portugal ou no estrangeiro poderia ser pensada a criação de uma *start-up* de apoio aos alunos do IPLeiria, na área do alojamento, transportes e pequenas viagens pelo país e entre países. Para além de facilitar integração na comunidade académica e local esta *start-up* poderia providenciar aos interessados vários serviços personalizados na área do alojamento, lazer e cuidados de saúde. Funcionando também como empresa de animação turística, organizando viagens que incluem visitas guiadas de modo a ser um projeto sustentável. A ideia principal deste negócio seria facilitar as tomadas de decisão

por parte dos alunos *incoming* e *outgoing*. Disponibilizando diversos produtos e serviços de forma a que qualquer estudante do IPL que queira realizar a sua experiência dentro ou fora de Portugal o possa fazer com segurança e planeamento prévio adequado.

- Sendo que estamos numa escola virada para o turismo, onde a língua inglesa é basilar poderia ser investigada a aceitação por parte da comunidade académica e eventualmente local a implementação um sistema de aulas em inglês, onde se começaria gradualmente no primeiro ano com X% de aulas em inglês, no segundo Y% e no 3ºano de curso Z% de aulas em inglês.
- Dado que o estudo se focou apenas no IPLeiria como um todo, seria desafiante para a comunidade científica alargar o campo de análise a Portugal e a outros países *catch-up* a fim de poder transferir os resultados desta investigação para um quadro científico mais geral.

BIBLIOGRAFIA

- Abubakar, B., Shanka, T., & Muuka, G. N. (2010). Tertiary education: an investigation of location selection criteria and preferences by international students – The case of two Australian universities. *Journal of Marketing for Higher Education*, 20(1), 49-68.
- Baloglu, S., & Uysal, M. (1996). Market segments of push and pull motivation: A canonical correlation approach. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 8 (3), 32–38.
- Cerqueira, M., Rosário, D., Soeira, E., & Moraes, M. (2010). Nômades do Saber – Um Estudo Sobre Migração Estudantil. *IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*. Laranjeiras – SE/Brasil: ISSN 1982-3657.
- Cobra, M. (1997). *Marketing básico: uma perspectiva brasileira 4. ed.* São Paulo: Atlas.
- Comissão das Comunidades Europeias. (2003). O Papel das Universidades na Europa do Conhecimento. *Comunicação da Comissão, COM (2003) 58 Final*. Bruxelas.
- Comissão Europeia. (2012). *Glossário de Migração e Asilo*. Luxemburgo: Rede Europeia Das Migrações. Obtido de https://ec.europa.eu/home-affairs/sites/homeaffairs/files/what-we-do/networks/european_migration_network/docs/emn-glossary-pt-version.pdf
- Comissão Europeia. (2014). Compreender as políticas da União Europeia: Educação, formação, juventude e desporto. 1049 Bruxelas, Bélgica. doi:10.2775/54623
- Comissão Europeia. (2018). Erasmus +, Guia do Programa” Versão 1.
- Dalcin , V. L. (2011). *A mobilidade dos estudantes universitários: contribuição para o desenvolvimento da interculturalidade*. Tese de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, Portugal.
- Dann, G. (1977). Anomie, ego-enhancement and tourism. *Annals of Tourism Research*, 4, 184– 194.

- De Wit, H. (2002). *Internationalization of Higher Education in the United States of America and Europe: A Historical, Comparative and Conceptual Analysis*. CT: Greenwood Publishers.
- Diário de Notícias. (2014). Já há mais de 170 cursos superiores em Portugal que são dados só em inglês. *Diário de Notícias*. Obtido de https://www.ulisboa.pt/wp-content/uploads/Clipping/9junho_cursos_ingles_ULisboa.pdf
- Dwyer, M. M., & Peters, C. K. (2004). The benefits of study abroad: New study confirms significant gains. *Transitions Abroad* 27 (5), 56–57.
- Eder, J., Smith, W. W., & Pitts, R. E. (2010). Exploring Factors Influencing Student Study Abroad Destination Choice. *Journal of Teaching in Travel & Tourism*, 10:3, 232-250. doi:10.1080/15313220.2010.503534
- Expresso. (2016). Universidades já ensinam just in English. *Expresso*. Obtido de <https://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-02-14-Universidades-ja-ensinam-just-in-English#gs.SyfAZIQ>
- Ferreira, J. A., Almeida, L. S., & Soares, A. P. (2001). Adaptação académica em estudantes do 1º ano: Diferenças de género, situação de estudante e curso. *Psico-USF*, v.6, n.1, 1-10.
- Ferreira, M., Moutinho, F., Tavares, D., Lopes, J. T., & Moita, G. (2007). Diálogos Sobre o Vivido, «HISTÓRIAS» de Praxe, Fragmentos da Vida Associativa e da Sociabilidade Estudantis... *Educação, Sociedade & Culturas*, nº 24, 163-192.
- Ganilho, E. (2009). *Sistemas da Qualidade no Ensino Superior: Contributos para Modelos de Melhoria da Qualidade e Responsabilidade Social*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Universidade Aberta, Portugal.
- Grillo, F., Stan, F., Parvez, A., Pasquali, O., Emma, G., & Cima, F. (2011). The Universities of the Future within the Global Market of Ideas: The Internationalization Imperative. *International Conference on the Future of the Universities in the Global Market of Ideas, Internationalization, and new competitors* (pp. 1-27). Perugia: Università degli Stranieri.

- Hackney, K., Boggs, D., & Borozan, A. (2012). An Empirical Study of Student Willingness to Study Abroad. *Journal of Teaching in International Business*, 23:2, 123-144. doi:10.1080/08975930.2012.718705
- IOM. (2018). *World Migration Report 2018*. Geneva: International Organization for Migration. Obtido de International Organization for Migration: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2018_en.pdf
- IPLeia. (2007). *Relatório de Atividades do Politécnico de Leiria 2006*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- IPLeia. (2008). *Relatório de Atividades do Politécnico de Leiria 2007*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPLeia. (2010). *Relatório de Atividades do Politécnico de Leiria 2009*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPLeia. (2011). *Relatório de Atividades do Politécnico de Leiria 2010*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- IPLeia. (2013). *Relatório de Atividades IPLeia 2012*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPLeia. (2014). *Relatório de Atividades do Politécnico de Leiria 2013*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPLeia. (2015). *Relatório de Atividades 2014*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPLeia. (2016). *Relatório de Atividades do IPLeia 2015*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPLeia. (2017). *Plano de Atividades do Politécnico de Leiria 2017*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria.
- IPLeia. (2017). *Plano Estratégico Politécnico de Leiria 2020*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPLeia. (2017). *Relatório de Atividades do Politécnico de Leiria 2016*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.

- IPLeiria. (17 de Agosto de 2018). Obtido de Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar - apanha a nossa onda!: <https://www.ipleiria.pt/estm/estudantes/pagina-dos-cursos/>
- IPLeiria. (2018). *Plano de Atividades do Politécnico de Leiria 2018*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- IPVC. (2013). *Relatório de Auto-Avaliação Programa ERASMUS (Alunos estrangeiros – incoming-em mobilidade no IPVC)* . Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- IPVC. (2016). *Relatório do Inquérito de Mobilidade IPVC (Estudantes IPVC - Outgoing)*. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Jupiter, H., Othman , I. W., Suki, N. M., Yusoff , M. S., Awang, H., & Razak, R. A. (2017). Factors Influencing International Student´s Decision in Choosing Study Destination Abroad. *Labuan e-Journal of Muamalat and Society*, pp. 86-97.
- King, R., & Ruiz-Gelices, E. (2003). International Student Migration and the European "Year Abroad": Effects on European Identity and Subsequent Migration Behaviour. *International Journal of Population Geography*, 9, 229-252.
- Kitsantas, A. (2004). Studying Abroad: The role of college students' goals on the development of cross-cultural skills and global understanding. *College Student Journal* 38 (3), 441–452.
- Kotler, P., & Keller, K. L. (2012). *Marketing management — 14th ed.* New Jersey: Pearson Prentice Hall.
- Lee, J. J., & Rice, C. (2007). Welcome to America? International Student Perceptions of Discrimination. *Higher Education* 53 (3), 381–409. doi:10.1007/s10734-005-4508-3.
- Leite, I. C. (2007). Mobilidade: uma “liberdade fundamental na União Europeia”. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Edições Universidade Fernando Pessoa*, 4, pp. 10 - 17.
- Levitt, T. (1960). Marketing myopia. *Harvard Business Review*. v. 38, pp. 45-56.

- Lu, Y., Li, Z., & Schissel, B. (2009). To Stay or Return: Migration Intentions of Students from People's Republic of China in Saskatchewan. *Journal of International Migration & Integration*, Vol.10 (3), 283-310.
- Luethge, D. J. (2004). Perceived risk and risk reduction strategies in study abroad programs. *Journal of Teaching in International Business*, 15, 23-45.
- MADR/MEC. (2014). *Uma Estratégia para a Internacionalização do Ensino Superior Português*. Lisboa: Governo de Portugal.
- MADR/MEC. (2014). *UMA ESTRATÉGIA PARA A INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR PORTUGUÊS*. Lisboa: Governo de Portugal.
- Mazzarol, T. (2001). Push-Pull Factors Influencing International Student Destination Choice. CEMI Discussion Paper Series, DP 0105, Centre for Entrepreneurial Management and Innovation. Obtido de <https://cemi.com.au/sites/all/publications/CEMI%20DP0105%20Mazzarol%20and%20Soutar%202001.pdf>
- Mazzarol, T., & Soutar, G. N. (2002). The Push-Pull Factors Influencing International Student Selection of Education Destination. *International Journal of Educational Management*, 16(2) , 82-90.
- Montgomery, C., & McDowell, L. (2009). Social Networks and the International Student Experience: An International Community of Practice? *Journal of Studies in International Education* 13 (4) , 455–66.
- Nadã, C. (2012). *Os Estudantes Estrangeiros na Universidade do Porto. Escolhas, Vivências e Aprendizagens num Espaço Europeu*. Tese de Mestrado. Porto: Universidade do Porto, Portugal.
- Nadã, C. I. (2017). *There is no such thing as a "typical" student: a narrative approach to the experience of migrant students in Portugal*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade do Porto, Portugal.
- Nada, C. I., & Araújo, H. C. (2017). The multicultural experience of international students in Portugal: a narrative approach. *Journal for Multicultural Education*, Vol. 11 Issue: 3,, 176-188, <https://doi.org/10.1108/JME-09-2016-0049>.

- Nada, C. I., & Araújo, H. C. (2018). 'When you welcome students without borders, you need a mentality without borders' internationalisation of higher education: evidence from Portugal. *Studies in Higher Education*, pp. 1-14, DOI: 10.1080/03075079.2018.1458219.
- Nada, C. I., Montgomery, C., & Araújo, H. C. (2018). 'You went to Europe and returned different': Transformative learning experiences of international students in Portugal. *European Educational Research Journal*, 1-18.
- Nielsen, S. (2010). *Equity in Access to Healthcare Services for Migrants: A Comparative Study*. Tese de Doutorado. Denmark: University of Copenhagen.
- OECD. (2013). *Regards sur l'éducation (Education at a glance)*. Paris: Organization for Economic Co-operation and Development.
- Olmos, J. C., Garrido, Á. A., & Checa, F. (2003). *Los autóctonos y los otros: el problema de la representación cultural*. Laboratório de Antropologia Social y Cultural. Universidad de Almería. Paralelo 37, 18, 43-52. Obtido em 22 de maio de 2018, de <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1381159>>
- Phang, S. (2013). *Factors influencing international students' study destination decision abroad*. tese de Mestrado. Sweden: University of Gothenburg.
- Pimpa, N. (2004). The Relationship Between Thai Students' Choices of International Education and their Families. *International Education Journal*, Vol 5, No 3, 352-359.
- Praetzel, G. D., Curcio, J., & Dilore, J. (1996). Making study abroad a reality for all students. *International Advances in Economic Research* 2 (2), 174–182.
- Público. (2018). Mais 12% de alunos estrangeiros em Portugal. *Público*. Obtido de <https://www.publico.pt/2018/02/04/sociedade/noticia/mais-12-de-alunos-estrangeiros-em-portugal-1801533/amp>
- Relyea, C., Cocchiara, F. K., & Studdard, N. L. (2008). The effect of perceived value in the decision to participate in study abroad programs. *Journal of Teaching in International Business*, Vol. 19 (4), 346–361. doi:DOI: 10.1080/08975930802427551

- Salisbury, M. H., Umbach, P. D., Paulsen, M. B., & Pascarella, E. T. (2009). Going global: Understanding the choice process of the intent to study abroad . *Research in Higher Education* 50, 119–143.
- Sánchez, C. M., Fornerino, M., & Zhang, M. (2006). Motivations and the Intent to Study Abroad Among U.S., French, and Chinese Students. *Journal of Teaching in International Business*, 18:1, 27-52, DOI: 10.1300/J066v18n01_03.
- Santos, H. (2012). *Mobilidade Internacional. Uma Questão de Comunicação*. Tese de Mestrado. Peniche: Instituto Politécnico de Leiria, Portugal.
- Song, G. (2013). Academic and social integration of Chinese international students in Italy . *Asia Pacific Journal of Educational Development*, Vol. 2 No. 1, 13-25. DOI: 10.6228/APJED.02.01.02.
- UNDESA. (Setembro de 2013). *Population Facts*, n. 2013/2. Obtido de United Nations Department of Economic and Social Affairs: https://esa.un.org/unmigration/documents/The_number_of_international_migrants.pdf
- UNESCO. (2009). *Global education digest 2009 - Comparing Education Statistics Across the world*. Montreal, Quebec H3C 3J7: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, Institute for Statistics.
- Urbanovič, J., Wilkins, S., & Huisman, J. (2016). Issues and Challenges for Small Countries in Attracting and Hosting International Students: The Case of Lithuania. *Studies in Higher Education* 41 (3), 491–507.
- Van Mol, C. (2010). The Influence of European Student Mobility on Migration Aspirations. *British Educational Research Association Conference*, (pp. 1-11). Warwick, United Kingdom.
- Volet, S. E., & Ang, G. (2012). Culturally Mixed Groups on International Campuses: An Opportunity for Intercultural Learning. *Higher Education Research & Development* 31 (1), 21–37. doi:10.1080/07294360.2012.642838.

ANEXOS E APÊNDICES

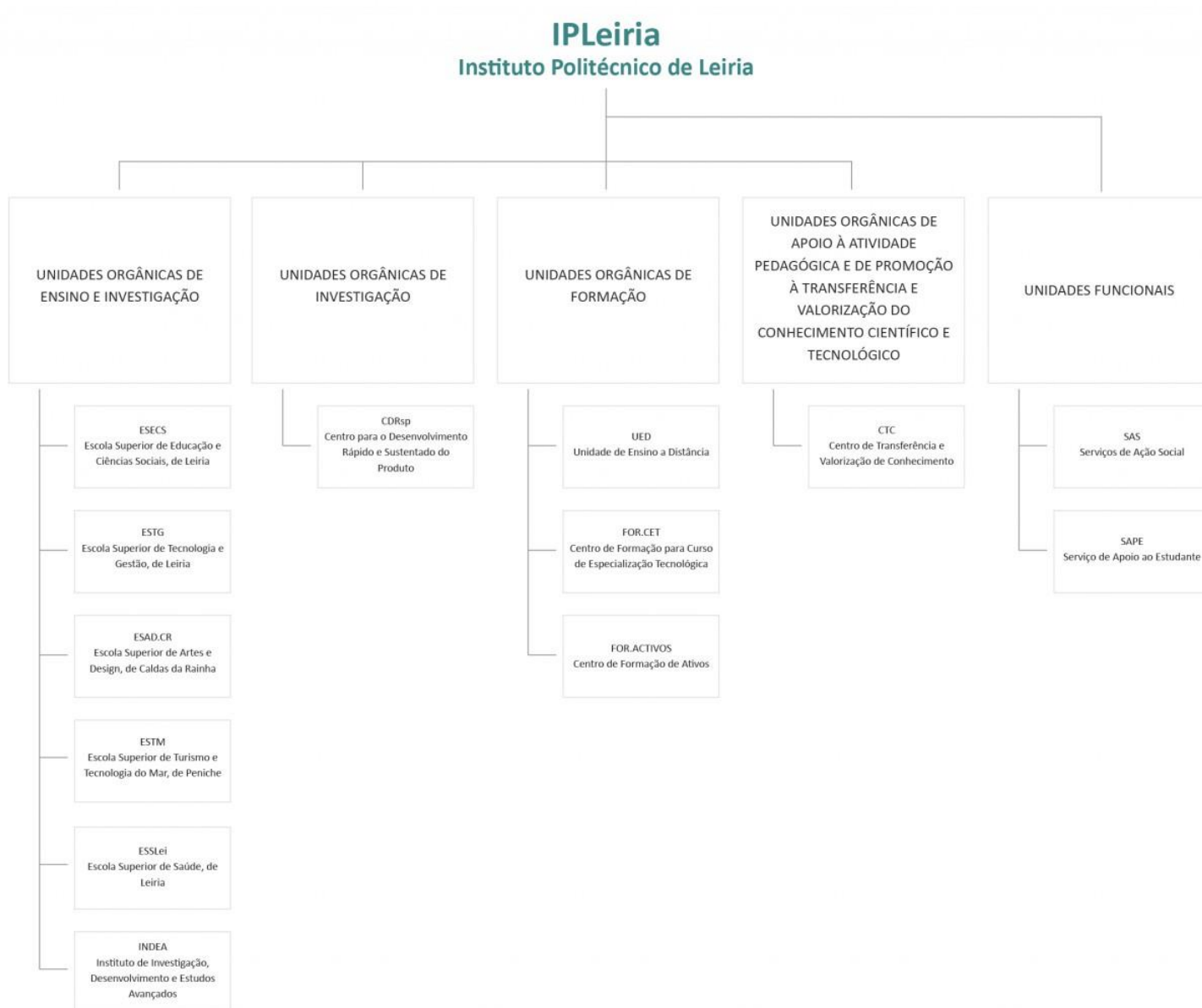
ANEXOS

ANEXO 1 - DESCRIÇÃO DOS COMPONENTES DO ORGANOGRAMA DO IPLEIRIA	1
--	---

APÊNDICES

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIO EM PORTUGUÊS.	5
APÊNDICE 2 - QUESTIONÁRIO EM INGLÊS.....	14
APÊNDICE 3 - ESTUDANTES NÃO MOVEIS DISTRIBUÍDOS POR CURSO.	25
APÊNDICE 4 - ESTUDANTES MOVEIS OUTGOING DISTRIBUÍDOS POR CURSO.	26
APÊNDICE 5 - ESTUDANTES MOVEIS INCOMING DISTRIBUÍDOS POR CURSO.	27

Anexo 1 - Descrição dos componentes do organograma do IPLeiria



Unidades orgânicas de ensino e investigação

ESECS - Escola Superior de Educação e Ciências Sociais. Leiria - A ESECS desenvolve a sua atividade formativa nas áreas das ciências sociais e humanas, comunicação e formação de professores. Desenvolve, ainda, um conjunto variado e vasto de atividades de investigação e de ligação à comunidade, no âmbito das suas áreas de competência. Isto permite conferir ao ensino que ministra um cariz muito particular, envolvendo estudantes e professores em atividades que potenciam as aprendizagens, quer no sentido da investigação, quer no sentido da sua aplicação prática. Foi criada como escola autónoma, em 1979, e integrada no IPLeiria, em 1980.

Em 2008, ao abrigo dos novos estatutos do IPLeiria, vê a sua designação alterada de Escola Superior de Educação para Escola Superior de Educação e Ciências Sociais.

ESTG - Escola Superior de Tecnologia e Gestão . Leiria - A ESTG forma profissionais nas áreas da engenharia, tecnologia, tecnologias da saúde, gestão, marketing, contabilidade e solicitação, desde o ano letivo de 1989/1990. No âmbito da cooperação, a Escola é reconhecida pela forte ligação ao meio empresarial, fruto do estabelecimento de parcerias com empresas, quer da região de Leiria, quer de âmbito nacional, que permitem o desenvolvimento de projetos, a prestação de serviços e a lecionação de aulas em ambiente empresarial. Atualmente, a ESTG é reconhecida como Academia Cisco, Academia Microsoft, Oracle e, mais recentemente, Siemens, tendo também um conjunto diversificado de protocolos celebrados com outras empresas e instituições.

ESAD.CR - Escola Superior de Artes e Design . Caldas da Rainha - A ESAD.CR é uma escola de artes e design, implantada numa cidade detentora de um vasto património cultural e artístico. Oferece formação graduada, nos domínios das artes plásticas, do design e das artes performativas. Tendo iniciado a sua atividade em 1990, é hoje uma escola reconhecida a nível nacional e internacional, sendo os seus estudantes e professores detentores de numerosos prémios e referências nos meios de comunicação da especialidade. Nesta escola, assume cada vez mais relevância a ligação ao mundo da indústria, especialmente através dos seus cursos em design.

ESTM - Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar . Peniche - A ESTM foi criada em 1999 e, desde então, adotou o mar como imagem de marca e suporte da sua identidade. O seu carácter singular no panorama nacional do ensino superior, aliando duas áreas científicas intrinsecamente ligadas ao mar, permite uma forte interação com diversas entidades regionais e nacionais, assim como com o tecido económico da região. A sua oferta formativa é complementada com atividades de I&D desenvolvidas pelos grupos de investigação sediados na ESTM: CiTUR – Centro de Investigação Aplicada em Turismo e Grupo de Investigação em Recursos Marinhos MARE- IPLeiria – Centro de Ciências do Mar e do Ambiente. A qualidade do ensino é reconhecida internacionalmente, possuindo a certificação TedQual atribuída pela Organização Mundial de Turismo das Nações Unidas. Ao nível da internacionalização, a ESTM integra diversas redes internacionais das quais se destaca o Campus do Mar – International Campus of Excellence, possuindo protocolos de parceria com diversas instituições internacionais.

ESSLei – Escola Superior de Saúde . Leiria - A ESSLei foi integrada no IPLeiria em 2001, oferecendo formação em enfermagem. Em 2005, a Escola, até então designada por Escola Superior de Enfermagem, transforma-se em Escola Superior de Saúde. Mais do que uma mudança de nome, esta alteração significou a possibilidade de concretizar o alargamento do projecto educativo de nível superior, para lá do limite exclusivo da formação em enfermagem.

INDEA - Instituto de Investigação, Desenvolvimento e Estudos Avançados - O INDEA é uma unidade de formação, investigação e desenvolvimento do Politécnico de Leiria,

criada nos termos do artigo 7.º, n.º 6 dos Estatutos do IPLeiria. Surge integrado numa estratégia alargada de desenvolvimento do Instituto, visando a promoção de atividades de investigação e desenvolvimento (I&D), nos diversos domínios científicos, e a generalização da oferta de formação pós-graduada. A sua missão assenta no incentivo, apoio e coordenação das atividades de I&D e da formação avançada no seio do IPLeiria, contribuindo para o desenvolvimento científico e tecnológico e para a capacidade de inovação da região e do país.

Unidades orgânicas de formação

UED - Unidade de Ensino a Distância - A UED está, especialmente, vocacionada para o desenvolvimento de projetos de e-learning, reunindo todas as iniciativas nesse domínio, que vêm sendo programadas e desenvolvidas no IPLeiria. Para tal, aproveita as sinergias existentes entre elas e racionaliza a utilização dos recursos humanos e financeiros.

FOR.CET - Centro de Formação para Cursos de Especialização Tecnológica - O FOR.CET foi criado com o objetivo de implementar e dinamizar formações pós-secundárias e desenvolver estudos, no âmbito das necessidades de formação profissional.

FOR.ATIVOS - Centro de Formação de Ativos - Ao FOR.ATIVOS compete, em articulação com as demais unidades de ensino e formação, a promoção da formação ao longo da vida.

Unidades orgânicas de investigação

CDRsp - Centro para o Desenvolvimento Rápido e Sustentado do Produto - O CDRsp tem desenvolvido atividade na área da engenharia mecânica, aplicada ao desenvolvimento de projetos tecnológicos de investigação, com vista a um desenvolvimento sustentável e eficiente de produtos, materiais e processos.

Unidades orgânicas de apoio à atividade pedagógica e de promoção à transferência e valorização do conhecimento científico e tecnológico

CTC - Centro de Transferência e Valorização do Conhecimento - O CTC é um centro criado pelo IPLeiria, para dar apoio às empresas através da sua capacidade de facilitar, impulsionar e gerir a transferência de tecnologia e conhecimentos entre o meio académico e o tecido empresarial.

Unidades funcionais

SAS - Serviços de Ação Social - Os Serviços de Ação Social são uma unidade funcional do Politécnico de Leiria, que tem como objetivo contribuir para assegurar a igualdade de oportunidades de acesso, frequência e êxito escolar aos estudantes que ingressam nas Escolas do Instituto, proporcionando-lhes condições que permitem superar desigualdades económicas e sociais.

Estes Serviços concedem, no âmbito das suas competências, apoio direto e indireto e outros benefícios sociais. Prestam, além disso, serviço à comunidade académica, cumprindo compromisso de equidade e qualidade, visando a formação integral dos estudantes.

SAPE - Serviço de Apoio ao Estudante - O SAPE tem como finalidade a promoção do sucesso escolar e o combate ao abandono no IPLeiria, procurando promover um maior bem-estar ao estudante, ao longo do seu trajeto na instituição. Resulta de um programa mais amplo designado “Trajetos... com Sucesso no IPLeiria”.

Fonte: Imagem e texto recolhidos através do sítio da internet do IPLeiria. Consultado em 19 de junho de 2018: <https://www.ipleiria.pt/ipleiria/organizacao/>

Apêndice 1 - Questionário em Português.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

*Obrigatório



POLITÉCNICO DE LEIRIA
ESCOLA SUPERIOR
DE TURISMO E TECNOLOGIA DO MAR

Selecione o idioma que deseja usar e, em seguida, clique em "Seguinte". *

Select the language you want to use then click on 'Next'

☐ Português

☐ English

SEGUINTE

Página 1 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Bem-vindo ao questionário sobre o impacto da mobilidade e cooperação internacionais nas áreas da educação e formação.

Este questionário está enquadrado num projecto de Mestrado em Marketing e Promoção Turística, em curso na Escola Superior de Turismo e Tecnologia do Mar, Instituto Politécnico de Leiria, sobre a temática: "Mobilidade Internacional: Apoio a Estudantes do IPLeiria".

Destina-se a Estudantes e Antigos Estudantes, Nacionais e Internacionais do Instituto Politécnico de Leiria.

Obrigado por participar neste questionário sobre o impacto da mobilidade e cooperação internacionais. Estamos interessados em saber a sua opinião, mesmo que nunca tenha participado em qualquer programa de mobilidade ou cooperação internacionais. Todas as opiniões são extremamente importantes para o conhecimento da realidade acerca da Mobilidade no IPLeiria e para ajudar a melhorá-lo.

Deverá demorar entre 4 e 7 minutos a responder ao questionário. Garantimos-lhe que todas as respostas serão tratadas com a maior confidencialidade.

Se tiver dúvidas acerca do questionário, contacte-nos através do endereço:
rui@eirelino@gmail.com

Muito obrigado pela sua colaboração,



POLITÉCNICO DE LEIRIA
ESCOLA SUPERIOR
DE TURISMO E TECNOLOGIA DO MAR

Atualmente é: *

☐ Aluno de Licenciatura do IPLeiria (1º, 2º, 3º e 4º ano)

☐ Aluno de Mestrado do IPLeiria

☐ Aluno Internacional do IPLeiria

☐ Aluno ao abrigo de um programa de mobilidade internacional no IPLeiria (ex. Erasmus)

☐ Antigo Aluno de Licenciatura/ Mestrado do IPLeiria (que tenha finalizado o curso há menos de 5 anos)

☐ Não se aplica nenhuma das opções (o questionário termina aqui)

ANTERIOR SEGUINTE

Página 2 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

*Obrigatório

I. Caracterização Individual (1/2)

País de Origem (Nacionalidade): *

- ☐ Brasil
- ☐ Cabo Verde
- ☐ Croácia
- ☐ Equador
- ☐ Eslováquia
- ☐ Espanha
- ☐ Índia
- ☐ Itália
- ☐ Letónia
- ☐ Polónia
- ☐ Portugal
- ☐ Venezuela
- ☐ Outra: _____

Naturalidade *

A sua resposta _____

Género *

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Outro

Idade? *

A sua resposta _____

O que melhor descreve o local onde cresceu? *

- ☐ rural / aldeia / Vila
- ☐ Cidade Média
- ☐ Cidade Grande

Indique a sua licenciatura/ Mestrado/curso profissional Superior: *

A sua resposta _____

Indique a instituição *

Caso seja aluno externo (ao abrigo abrigo de um programa de mobilidade internacional no IPEiria), coloque a escola do seu país de origem.

A sua resposta _____

Indique o ano em que se encontra: *

(1º, 2º, 3º) ou caso já tenha concluído o curso, clique em "Outra opção" e digite o ano de conclusão (ex. 2014):

☐ 1

☐ 2

☐ 3

☐ Outra: _____

Qual o nível mais elevado de escolaridade que os seus pais concluíram?

	Pai	Mãe
Sem escolaridade ou com menos do 4º ano	☐	☐
1º Ciclo do Ensino Básico (1º a 4º ano completos)	☐	☐
2º Ciclo do Ensino Básico (5º a 9º ano completos)	☐	☐
Ensino Secundário (10º ao 12º ano completos)	☐	☐
Formação Profissional	☐	☐
Bacharelato / Licenciatura	☐	☐
Pós-Graduação	☐	☐
Mestrado	☐	☐
Doutoramento	☐	☐
Não se aplica	☐	☐

ANTERIOR

SEGUINTE

Página 4 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

*Obrigatório

I. Caracterização Individual (2/2)

Durante a sua formação teve alguma experiência académica ou profissional fora do seu país de origem? *

(Erasmus, Estágio Erasmus, Leonardo da Vinci, internacionalização, outros...)

☐ Não

☐ Sim, Diga concretamente qual/quais:

A sua resposta

ANTERIOR

SEGUINTE

Página 6 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Para os individuos que responderem “não” no ponto “I. Caracterização Individual (2/2)”:

Obrigatório

II. Internacionalização (1/1)

Gostaria de ter realizado algum programa de mobilidade internacional? (ex. Erasmus, estágio Erasmus, ou outros...): *

Sim

Não

Sem opinião

Ainda tenciona realizar algum programa de mobilidade internacional? *

Sim

Não

Sem opinião

Numa escala de 1 (nada importante) a 7 (muito importante), quais os motivos para ainda não ter realizado uma experiência de mobilidade no exterior? *

	1- nada importante	2	3	4	5	6	7- muito importante
País/Familiares não deixaram							
Bolsa de Estudo insuficiente							
Queria/quero acabar o curso dentro do tempo estipulado							
Não gosto de viver em lugares onde não conheço ninguém							
Não consegui encontrar informações sobre programas de mobilidade							
Tenho receio de viver em lugares onde não conheço ninguém							
Razões monetárias							
Não obtive informação							
Não obtive informação atempadamente							
Nunca me despertou interesse							
Só descobri o Erasmus depois de acabar o curso							
Não gosto de situações onde não sei o que esperar							
Opção profissional/ académica/ desportiva							

Outros motivos:

A sua resposta

ANTERIOR

SEGUINTE

Página 8 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

Obrigado pela disponibilidade!

Comentários/ sugestões:

A sua resposta



ANTERIOR SUBMITER

Página 15 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Para os indivíduos que responderem “sim” no ponto “I. Caracterização Individual (2/2)”:

II. Internacionalização (1/2)

Qual o país onde realiza ou realizou Erasmus/ Programa de mobilidade/internacionalização? *

A sua resposta

Qual a cidade? *

A sua resposta

Qual a instituição/empresa de acolhimento? *

A sua resposta

Duração da mobilidade/internacionalização: *

Escolha uma das opções ou indique em "Outro" o número de semanas em mobilidade.

☐ 1º Semestre

☐ 2º Semestre

☐ Anual

☐ Bi-Anual

☐ Tri-Anual

☐ Outra: _____

Como obteve a informação necessária para a escolha da instituição de acolhimento e programa de mobilidade? *

- ☐ Através da internet
- ☐ Através do Gabinete de Mobilidade do seu instituto/universidade
- ☐ Colegas de curso
- ☐ Colegas de outros cursos
- ☐ Outra:

Como fez o suporte dos custos da sua internacionalização: *

Pode seleccionar mais que uma opção.

- ☐ Pais/Familiares
- ☐ Bolsa de Estudo
- ☐ Recursos próprios
- ☐ Empréstimo (instituição de crédito)
- ☐ Empréstimo (familiar)
- ☐ Não Responde
- ☐ Outra:

Considera que a bolsa de mobilidade ou outras atribuída/as foi suficiente? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ não se aplica (se não recebeu qualquer bolsa)

No total quanto pensa despende ou despendeu mensalmente (€) com Alojamento: *

(incluindo água, luz, gás e outros)

A sua resposta

Transporte/s no local: *

A sua resposta

Alimentação: *

A sua resposta

Lazer/ outros gastos: *

A sua resposta

ANTERIOR

SEGUINTE

Página 10 de 15

II. Internacionalização (2/2)

Relativamente ao alojamento durante a sua Internacionalização:

*

- ☐ Residência da instituição de acolhimento
- ☐ Residência privada resultado de contactos da instituição de acolhimento
- ☐ Residência privada resultado de contactos de terceiros
- ☐ Residência privada resultado de pesquisa na internet
- ☐ Residência de familiares ou amigos
- ☐ Outra: _____

Qualidade do alojamento: *

	1	2	3	4	5	
Nada Satisfeito	☐	☐	☐	☐	☐	Totalmente Satisfeito

Serviços da Instituição/empresa de acolhimento: *

	1 - Nada satisfeito	2	3	4	5 - Totalmente satisfeito	Não se aplica
Serviços administrativos	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Recursos (internet, equip. de informática, ...)	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Salas de aula	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Biblioteca	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Bar/Cantinas	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Acesso à informação de um modo geral na instituição de acolhimento	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Integração na instituição/empresa de acolhimento: *

	1 - Nada satisfeito	2	3	4	5 - Totalmente satisfeito	Não se aplica
Apoio prestado pelos Serviços da instituição de acolhimento	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Apoio prestado pelo Coordenador da Mobilidade	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Apoio prestado pelo Coordenador de Curso	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Apoio prestado pelos Professores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Apoio prestado pelos colegas de curso/trabalho	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Grau de integração na instituição de acolhimento	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Apoio facultado pelo seu "Guide Friend"	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Programa de Internacionalização: *

	1 - Nada satisfeito	2	3	4	5 - Totalmente satisfeito	Não se aplica
Adaptação do Learning Agreement	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Qualidade técnico-científica dos docentes/orientadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Disponibilidade e apoio dos docentes/orientadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Recursos disponibilizados pelos docentes/orientadores	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Transferência das classificações obtidas em tempo oportuno (Transcript of Records)	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Qualidade global de ensino/estágio	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Numa escala de 1 (Nada satisfeito/a) a 5 (Totalmente satisfeito/a), qual foi a sua satisfação em relação aos seguintes aspetos durante o seu programa de mobilidade/ Internacionalização? *

	1 - Nada satisfeito	2	3	4	5 - Totalmente satisfeito	Não se aplica
Facilidade em arranjar alojamento	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Integração com a comunidade estudantil	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Integração com a comunidade local	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Transportes dentro da cidade de acolhimento	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Facilidade em adquirir a viagem de ida/ volta para o país de acolhimento	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Facilidade em adquirir visto	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Atratividade da cidade de acolhimento	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Ambiente académico	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Qual a maior dificuldade encontrada durante o seu programa de mobilidade? *

A sua resposta

Viajou p/países vizinhos (durante a sua Internacionalização)? *

- ☐ 0
☐ 1
☐ 2
☐ 3
☐ 4
☐ + de 5

Recomendaria a amigos e colegas a instituição onde realizou o programa mobilidade Internacional? *

☐ Sim
☐ Não
☐ Sem opinião

Avaliação Global da experiência Internacional: *

Nada Satisfeito 1 2 3 4 5 Totalmente Satisfeito

 Página 12 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. Denunciar abuso - Termos de Utilização - Termos adicionais

Google Formulários

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

Obrigado pela disponibilidade!

Comentários/ sugestões:

A sua resposta



 Página 15 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Fonte: Elaboração própria através da ferramenta Google formulários.

Apêndice 2 - Questionário em Inglês.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPEleiria

*Obrigatório

 **POLITÉCNICO DE LEIRIA**
ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO E TECNOLOGIA DO MAR

Selecione o idioma que deseja usar e, em seguida, clique em "Seguinte". *

Select the language you want to use then click on "Next"

☐ Português

☒ English

SEGUINTE

Página 1 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPEleiria

*Obrigatório

Welcome to the questionnaire on the impact of mobility and international cooperation in the areas of education and training.

This questionnaire is part of a Master's project in Marketing and Tourism Promotion. Currently enrolled and pursuing an education at the School of Tourism and Maritime Technology, Institute Polytechnic of Leiria, on the subject: "International Mobility: Support to IPEleiria Students".

This questionnaire is for current and former students including nationals and internationals from the Polytechnic Institute of Leiria. Thank you for participating in this questionnaire on the impact of mobility and international cooperation. We are interested in your feedback. All opinions are incredibly important for the future development about mobility in IPEleiria and to help improve it.

The estimated time to complete this questionnaire is between 4-7 minutes. Please be assured that all responses will be dealt with in the strictest confidence and will not be disclosed to any outside parties.

If you have any questions or concerns about this questionnaire, contact us at: rujoereiraling@gmail.com

Thank you for your help,

 **POLITÉCNICO DE LEIRIA**
ESCOLA SUPERIOR DE TURISMO E TECNOLOGIA DO MAR

Currently you're: *

- ☐ Degree student in IPLeiria (1st, 2nd or 3rd year)
- ☐ Masters degree student in IPLeiria
- ☐ International student in IPLeiria
- ☐ Student under an international mobility program in IPLeiria (ex. Erasmus)
- ☐ Former IPLeiria Undergraduate / Master's Student (who completed the course less than 5 years ago)
- ☐ No choices apply (the questionnaire ends here)

ANTERIOR

SEGUINTE

Página 3 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

*Obrigatório

I. Individual Characterization (1/2)

Country of Origin (Nationality): *

- ☐ Brazil
- ☐ Cape Verde
- ☐ Croatia
- ☐ Ecuador
- ☐ Slovakia
- ☐ Spain
- ☐ India
- ☐ Italy
- ☐ Latvia
- ☐ Poland
- ☐ Portugal
- ☐ Venezuela
- ☐ Outra: _____

Gender *

- ☐ Female
- ☐ Male
- ☐ Other

Age? *

A sua resposta _____

What best describes where you grew up? *

- ☐ rural / village
- ☐ medium-size town
- ☐ large City

Indicate your degree / Master's degree / professional course Superior: *

A sua resposta

Indicate the institution *

If you are an external student (under an international mobility program at IPEiria), write the school in your home country.

A sua resposta

Indicate the year in which you are: *

(1º, 2º, 3º) or if you have already completed the course, clique in "Outra opção" (other option) and enter the year of completion (ex. 2014):

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ Outra:

What is the highest education level that your parents completed?

	Father	Mother
No schooling or less than primary education		
Primary education		
Secondary education completed		
Professional qualification		
Bachelor Degree/ Licenciade Degree		
post-graduate degree		
Masters degree		
Doctorate (PhD)		
Not applicable		

ANTERIOR

SEGUINTE

Página 5 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. Denunciar abuso - Termos de Utilização - Termos adicionais

Google Formulários

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

*Obrigatório

I. Individual Characterization (2/2)

During your academic training did you have any academic or professional experience outside your home country? *

(Erasmus, Erasmus Internship, Leonardo da Vinci, internationalization, others ...)

☐ No

☐ Yes, write specifically which:

A sua resposta

ANTERIOR SEGUINTE

Página 7 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Para os indivíduos que respondeream “não” no ponto “I. Individual Characterization (2/2)”:

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

*Obrigatório

II. Internationalization (1/1)

Would you've liked done an international mobility program? (eg Erasmus, Erasmus, or other ...): *

☐ Yes

☐ No

☐ Not applicable

Do you still intend to carry out any international mobility program? *

☐ Yes

☐ No

☐ No opinion

On a scale of 1 (not important) to 7 (very important), what are

the reasons for not having a mobility experience abroad? *

1- not important 2 3 4 5 6 7- very important

Parents / Family did not let	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Insufficient Scholarship	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐

I wanted / want to finish the course within the stipulated time	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
---	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

I do not like living in places where I do not know anyone	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
---	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

I could not find information about mobility programs	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

I am afraid to live in places where I do not know anyone	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

Monetary reasons	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

I did not get information	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
---------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

Did not get information in time	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
---------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

I never got interested	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

I only discovered Erasmus after finishing the course	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
--	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

I do not like situations where I do not know what to expect	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
---	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

Professional / academic / sport options	☐	☐	☐	☐	☐	☐	☐
---	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

Other reasons:

A sua resposta _____

ANTERIOR

SEGUINTE

 Página 9 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

Thank you for taking the time to complete this survey!

Comments, suggestions:

A sua resposta



ANTERIOR SUBMITER

Página 15 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Para os indivíduos que responderem “sim” no ponto “I. Individual Characterization (2/2)”:

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

*Obrigatório

II. Internationalization (1/2)

What is the country where you`re doing or have been doing Erasmus / Internationalization / Mobility Program? *

A sua resposta

What city? *

A sua resposta

What institution / host company? *

A sua resposta

Duration of mobility / internationalization: *

Choose one of the options or indicate in "Other" the number of weeks in mobility.

- ☐ 1º Semester
- ☐ 2º Semester
- ☐ Annual
- ☐ Bi-annually
- ☐ Tri-annually.
- ☐ Outra: _____

How did you obtain the necessary information for choosing the host institution and mobility program? *

- ☐ Through the Internet
- ☐ Through the Mobility Office of your institute / university
- ☐ Classmates
- ☐ Colleagues from other courses
- ☐ Outra: _____

How did you support the costs of your internationalization: *

You can select more than one option or select 'Other option' and add more

- ☐ Family support
- ☐ Scholarship
- ☐ Own resources
- ☐ Loan (credit institution)
- ☐ Loan (family)
- ☐ I do not want to answer
- ☐ Outra: _____

Do you consider the mobility grant or other grants have been sufficient? *

- ☐ Yes
- ☐ No
- ☐ does not apply (if you have not received any scholarship)

In total, how much were you intending to spend or spend monthly (€) with Accommodation: *

(including water, electricity, gas and others)

A sua resposta

Local service transports: *

A sua resposta

Food: *

A sua resposta

Leisure / other expenses: *

A sua resposta

ANTERIOR

SEGUINTE

Página 11 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

*Obrigatório

II. Internationalization (2/2)

Regarding accommodation during your internationalization: *

- ☐ Residence of the host institution
- ☐ Private residence resulting from contacts of the host institution
- ☐ Private residence resulting from third-party contacts
- ☐ Private residence result of search on the internet
- ☐ Residence of family or friends
- ☐ Outra: _____

Accommodation quality: *

	1	2	3	4	5	
Not satisfied	☐	☐	☐	☐	☐	Totally satisfied

Global services of the host institution: *

	1 - Not satisfied	2	3	4	5 - Totally satisfied	Not applicable
Administrative services	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Resources (internet, computer equipment, ...)	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Classrooms	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Library	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Bar / Canteens	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Academic environment	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Access to information in general at the host institution	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Services of the IPL International Mobility and Cooperation office: *

	1 - Not satisfied	2	3	4	5 - Totally satisfied	Not applicable
Information given before arrival	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Administrative/ Technical services provided	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Reception and activities promoted	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Support during the stay in IPL	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Overall services/ resources quality	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Integration in host institution (IPLeiria): *

	1 - Not satisfied	2	3	4	5 - Totally satisfied	Not applicable
Support provided by the services of the host institution	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Support provided by the Mobility Coordinator	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Support provided by the Course Coordinator	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Support provided by teachers	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Support provided by classmates / coworkers	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Level of integration in the host institution	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Support provided by your "Guide Friend"	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Academic environment	☐	☐	☐	☐	☐	☐

Internationalization program: *

	1 - Not satisfied	2	3	4	5 - Totally satisfied	Not applicable
Adaptation of the Learning Agreement	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Availability and support of teachers / supervisors	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Resources made available by teachers / supervisors	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Transfer of Transcript of Records in a timely manner	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Overall quality of teaching / internship	☐	☐	☐	☐	☐	☐

On a scale of 1 (Not at all satisfied) to 5 (Completely satisfied), how satisfied were you with the following points during your mobility program / internationalization ? *

	1 - Not satisfied	2	3	4	5 - Totally satisfied	Not applicable
Finding accommodation (how easy)	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Integration with a student community	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Integration with the local community	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Transport within the host city	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Ease of purchasing the ticket of going / return to the host country	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Easy to acquire visa	☐	☐	☐	☐	☐	☐
Attractiveness of the host city	☐	☐	☐	☐	☐	☐

What was the biggest challenge during your mobility program? *

A sua resposta

Did you travel to neighboring countries (during your internationalization)? *

- ☐ 0
☐ 1
☐ 2
☐ 3
☐ 4
☐ + de 5

Would you recommend the institution where you performed the International Mobility program to your friends and colleagues? *

- ☐ Yes
☐ No
☐ No opinion

Global Assessment of the International Experience: *

1 2 3 4 5

Not satisfied ☐ ☐ ☐ ☐ ☐ Totally satisfied

ANTERIOR SEGUINTE

Página 13 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google. Denunciar abuso - Termos de Utilização - Termos adicionais

Google Formulários

Questionário a Estudantes e antigos Estudantes Nacionais e Internacionais do IPLeiria

Thank you for taking the time to complete this survey!

Comments, suggestions:

A sua resposta



ANTERIOR SUBMITER

Página 15 de 15

Nunca envie palavras-passe através dos Formulários do Google.

Fonte: Elaboração própria através da ferramenta Google formulários.

Apêndice 3 - Estudantes não moveis distribuídos por curso.

Cursos	nº de alunos
Análise Laboratorial	3
Animação Turística	7
Aquacultura	5
Aquacultura	2
Aquacultura e Oceanografia	1
Aquacultura e Recursos Marinhos	1
Biologia dos Recursos Marinhos	2
Biologia Marinha e Biotecnologia	33
Biotecnologia	1
Ciências da Informação em Saúde	3
Comunicação e Media	2
Contabilidade e Finanças	5
Design Gráfico e Multimédia	1
Desporto e Bem-Estar	4
Desporto e saúde para Crianças e jovens	1
Dietética e Nutrição	6
Ed. Pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico	1
Educação Básica	6
Educação Social	3
Enfermagem	10
Engenharia Eletrotécnica e de Computadores	3
Engenharia Automóvel	5
Engenharia Informática	3
Engenharia Alimentar	2
Fisioterapia	6
Gerontologia	1
Gestão	3
Gestão da Qualidade e Segurança Alimentar	3
Gestão de Eventos	8
Gestão de Restauração e Catering	3
Gestão Turística e Hoteleira	33
Intervenção Animação Artísticas	3
Marketing Turístico	2
Mestrado em Gestão	1
Mestrado em Gestão & Direção Hoteleira	1
Mestrado em Marketing e Promoção Turística	7
Recursos Humanos e Comunicação Organizacional	3
Relações Humanas e Comunicação Organizacional	5
Restauração e Catering	1
Serviço Social	4
Solicitadoria	2
Sustainable Tourism Management	1
Terapia da Fala	2
Terapia Ocupacional	5
Turismo	20
Turismo e Ambiente	7
Total	231³¹

³¹ Os cinco cursos em falta deve-se à omissão ou ilegibilidade.

Apêndice 4 - Estudantes moveis *outgoing* distribuídos por curso.

Cursos	nº de alunos
Animação Turística	7
Biologia dos Recursos Marinhos	3
Biologia Marinha e Biotecnologia	2
Comunicação e Media	3
Design Gráfico e Multimédia	1
Dietética e Nutrição	4
Ed. Pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico	1
Educação Social	4
Enfermagem	5
Engenharia Automóvel	1
Engenharia da Conceção e Desenvolvimento do Produto	1
Gestão da Restauração e Catering	3
Gestão de Eventos	4
Gestão Turística e Hoteleira	21
Marketing Turístico	11
Mestrado em Gestão	1
Mestrado em Gestão & Direção Hoteleira	1
Mestrado em Marketing e Promoção Turística	10
Turismo	8
Turismo e Ambiente	5
Total	96

Apêndice 5 - Estudantes moveis *incoming* distribuídos por curso.

Cursos	nº de alunos
3 Dimensional Design	1
3.07	1
Biologia	5
Biologia Marinha e Biotecnologia	1
Communication Design	1
Comunicação Audiovisual	1
Culture Management	1
Design Gráfico	6
Engenharia Alimentar	1
Educação Social	1
Engenharia Civil	1
Events Management	1
Fashion Design	1
Gastronomy and Hotel Management	1
Gestão de Eventos	1
Graphic and Multimedia Design	1
Imagem e Som	1
Industrial Design	1
Jornalismo	1
Lingua Portuguesa Aplicada	2
Management of tourism	1
Management of tourism and Environment	1
Sustainable Tourism Management	1
Tourism Management	2
Tourist Guiding	1
Turismo	7
Total	43 ³²

³² Os onze cursos em falta devem-se à omissão ou ilegibilidade.